PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE NEGÓCIOS – PUCPR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE COOPERATIVAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

MARCOS DOS REIS ZANIN

FATORES DETERMINANTES NA SUCESSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE COOPERATIVA: ESTUDO DE CASO DA COOPERATIVA LAR – MEDIANEIRA-PR

CURITIBA
2019

MARCOS DOS REIS ZANIN

FATORES DETERMINANTES NA SUCESSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE COOPERATIVA: ESTUDO DE CASO DA COOPERATIVA LAR – MEDIANEIRA-PR

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Gestão de Cooperativas, ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Gestão de Cooperativas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Quadros Weymer
Coorientadora: Profª. Drª. Leila Andressa Dissenha

CURITIBA

2019

Zanin, Marcos dos Reis

Z31f
2019

Fatores determinantes na sucessão da agricultura familiar sob a perspectiva da identidade cooperativa : estudo de caso da Cooperativa Lar, Medianeira - PR / Marcos dos Reis Zanin ; orientador: Alex Sandro Quadros Weymer ; coorientadora: Leila Andressa Dissenha. – 2019.

107 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,

Curitiba, 2019

Bibliografia: f. 99-101

1. Cooperativas – Administração. 2. Cooperativismo. 3. Cooperativas agrícolas. Agricultura familiar. I. Weymer, Alex Sandro Quadros. II. Dissenha, Leila Andressa. III. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas. IV. Título.

CDD 20 ed. – 658.047

TERMO DE APROVAÇÃO

FATORES DETERMINANTES NA SUCESSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE COOPERATIVA: O CASO DA COOPERATIVA LAR – MEDIANEIRA-PR

Por

Marcos dos Reis Zanin

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas, área de concentração em Gestão de Cooperativas, da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Prof. Dr. Alex Antonio Ferraresi
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Cooperativas

Prof. Dr. Alex Sandro Quadros Weymer
Orientador

Profa. Dra. Leila Andressa Dissenha
Coorientador

Prof. Dr. Eduardo Damião da Silva
Examinador

Prof. Dr. Adriana Roseli Wunsch Takahashi
Examinador

À Minha Família,
meu alicerce.

AGRADECIMENTOS

Sempre tive certeza de que sempre esteve comigo meu Deus e te agradeço. Sob seu manto, Nossa Senhora Aparecida, me senti protegido todas as vezes que roguei à voz.Minha família - não há palavras para descrever seu significado para mim e o tamanho do meu orgulho. Minhas eternas crianças, minhas amadas filhas Thalyta, Thayse e Ana Luiza que sempre acreditaram em mim. À minha caçula Ana Luíza, em especial, que nos últimos meses de estudo, muito me inspirou. Seu problema, agora superado, depois de tanta batalha, dia pós dia, hora pós hora, me motivou a acreditar e valorizar ainda mais a vida e que nada nela, acontece pelo simples fato de acontecer.

Aos meus patrocinadores: SESCOOP-PR e meu cunhado José Orlando Armacollo, que acreditaram desde o início, que o meu projeto pudesse de alguma forma, contribuir para o cooperativismo e em especial ao do Paraná e em meu crescimento como ser humano.

A vocês queridos professores: Leila Dissenha, Dilmeire e especialmente ao meu orientador Alex Weymer – vocês foram fundamentais como incentivadores, motivadores e por me fazerem acreditar que juntos, poderíamos chegar onde chegamos. Eu não teria conseguido sem vocês. Muito orgulho de tê-los como meus professores.

Seu Sebastião e Dona Terezinha – meus eternos e amados pais. Como eu gostaria que estivessem aqui para dividirmos juntos este momento, mas sei que de onde estão, sempre estiveram cuidando de mim e assim sempre será. Para sempre vou amar vocês.

Por fim, meus amigos e irmãos para sempre: Vergílio, Luiz, Nono, Tiãozinho, Mario, Zélia, Paulinho, Zinha e Cidinha e meu mais novo bebê, meu neto Felipe – divido também com vocês mais esta etapa maravilhosa em minha vida. Vocês são os melhores irmãos do mundo e o neto mais lindo. Cada qual com sua diferença, cada qual com sua mania e são essas diferenças que, no conjunto, unidos e comprometidos com os valores familiares, tal como prega o cooperativismo, nos faz muito mais fortes.

SEJA O BEM, FAÇA O BEM, SEMPRE!

O cooperativismo, desde suas origens, já a mais de século e meio tem no seu patrimônio cultural e na sua forma de organização econômica e social, uma importante contribuição a dar na busca de uma relação equilibrada entre a economia, o homem e o meio ambiente, relação que o capitalismo quebra e agride cada vez mais. O cooperativismo afirma a primazia da pessoa e o seu bem-estar como a meta fundamental em todos os seus empreendimentos.

(SCHNEIDER, 1999).

RESUMO

Objetivo: Identificar os fatores determinantes da sucessão familiar, sob a perspectiva da identidade, no universo da pequena propriedade rural. **Breve contexto:** Foram entrevistados 20 associados da Cooperativa LAR, proprietários de pequenas áreas de terras, representando cada uma de suas 13 Unidades Operacionais, localizadas no Oeste Paranaense. Após a identificação dos associados, foram realizadas entrevistas *in loco* e levantamento demográfico, para identificar os fatores supracitados numa perspectiva construtivista a partir da técnica de análise de conteúdo, que permitiu a sistematização das narrativas dos entrevistados por meio da codificação e geração de categorias de análise, com suporte do *software* Atlas.ti. **Método:** Este trabalho tem caráter predominantemente qualitativo, tendo como estratégia de pesquisa o estudo de caso, uma vez que procurou compreender com profundidade os significados atribuídos sob a perspectiva dos pequenos produtores rurais de maneira estruturada, no que tange à continuidade da sua relação com a cooperativa. **Fundamentação Teórica:** Utilizou-se especialmente a abordagem de identidade com ênfase no cooperativismo e a literatura especializada sobre sucessão familiar. **Resultados:** Após a análise dos dados, foi possível identificar 7 (sete) fatores principais e inter-relacionados: Base Familiar; Identificação; Segurança e Perspectivas; Vínculo Cooperativista; Imediatismo; Sentimento de Pertença e Riscos Calculados. Neste sentido, percebe-se que embora o interesse instrumental esteja presente, os resultados evidenciam, preponderantemente, fatores construídos a partir da atribuição de significados de maneira contextualizada, com ênfase na fidelidade e reciprocidade entre sociedade cooperativa e quadro social. Esta relação de troca tende, necessariamente, a satisfazer o associado em duas dimensões: a econômica (prática de preços que possam viabilizar o negócio rural tanto no que se refere a entrega ou aquisição de produtos pelo associado) e a dimensão social (capacitação, profissionalização, segurança, acessibilidade às novas técnicas de produção e gestão). Estas dimensões se fazem necessárias, para que o senso de pertença do associado se efetive. **Implicações Gerenciais:** O agrupamento destes fatores aponta ainda que, por mais que possa parecer rentável determinada atividade rural, tamanho da área explorada ou nível de escolaridade do produtor, faz-se necessária a identificação e profissionalização do produtor com o processo produtivo como um todo, tendo uma cooperativa que, com seus produtos e serviços, contribua para a sustentabilidade da propriedade e para a construção da identidade. Esses fatores, aliados à vivência e comprometimento diário com os valores que alicerçam o cooperativismo e a família, promovem a consolidação da sucessão.

Palavras-chave: Cooperativismo, sucessão familiar, identidade cooperativa.

ABSTRACT

Objective: To identify the determining factors of family succession, from the perspective of identify, in the universe of small rural property. **Brief context:** Twenty members of LAR Cooperative, owners of small land areas, representing each of its 13 Operational Units, located in Western Paranaense, were interviewed.After the identification of the associates, interviews were performed on site and demographic survey, to identify the above factors in a constructivist perspective from the content analysis technique, which allowed the systematization of the interviewees narratives through the coding and generation of analysis categories, supported by Atlas.ti software. **Method:** This work has a predominantly qualitative character, having as a research strategy the case study, since it sought to understand in depth the meanings attributed from the perspective of small farmers in a structured manner, regarding the continuity of their relationship with cooperative. **Theorical Rationale:** The identity approach with emphasis on cooperativism and the specialized literature on family succession were especially used. **Results:** After data analysis, it was possible to identify 7 (seven) main and interrelated factors: Family Basis; Identification; Security and Perspectives; Cooperative Bond; Immediacy; Feeling of Belonging and Calculated Risks. In this sense, it clear that although the instrumental interest is present, the results show, predominantly, factors constructed from the attribution of meanings in a contextualized way, with emphasis on fidelity and reciprocity between cooperative society and social framework. This relationship of exchange necessarily tends to satisfy the associate in two dimensions: economic (practice of prices that can enable the rural business both regarding the delivery or purchase of products by the associate) and the social dimension (training, professionalization, safety, accessibility to new production and management techniques). These dimensions are necessary for the associate´s sense of belonging to be realized. **Management Implications:** The grouping of these factors also points out that no matter how profitable a given rural activity, size of the area explored or level of education of the producer, it is necessary to identify and professionalize the producer with the production process as a whole, having a cooperative which, with its products and services, contributes to the sustainability of property and to the construction of identify. These factors, together with the experience and daily commitment to the values that underpin cooperativism and family, promote the consolidation of succession.

Keywords: Cooperativism, family succession, cooperative identify.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo de Códigos: “Base Familiar” 84
Figura 2 – Grupo de Códigos: “Identificação”.....85
Figura 3 – Grupo de Códigos: “Segurança e Perspectiva”.....87
Figura 4 – Grupo de Códigos: “Vínculo Cooperativista” 88
Figura 5 – Grupo de Códigos: “Imediatismo”.....89
Figura 6 – Grupo de Códigos: “Sentimento de Pertença” 90
Figura 7 – Grupo de Códigos: “Riscos Calculados” 92

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Distribuição dos códigos.....82
Quadro 1 – Princípios universais.....25
Quadro2 – Percurso Metodológico.....46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIB	Produto Interno Bruto
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
ACI	Aliança Cooperativa Internacional
OCEPAR	Organização das Cooperativas do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OQS	Organização do Quadro Social
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
OCB	Organização das Cooperativas do Brasil
OCA	Organização das Cooperativas das Américas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO 14
1.2 JUSTIFICATIVA 16
1.3 OBJETIVOS 18
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO 19
2 CONTEXTUALIZAÇÃO 21
2.1 HISTÓRICO 22
2.2 COOPERATIVISMO NO MUNDO E SUA IMPORTÂNCIA NO BRASIL 23
2.3 IDENTIDADE COOPERATIVA 25
2.3.1 Princípios universais do cooperativismo 26
2.4 A HISTÓRIA DA COOPERATIVA LAR 28
2.5 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA E DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO SOCIAL – OQS 30
2.6 INSTITUIÇÃO FAMILIAR COOPERATIVISTA E OPROCESSO INTEGRADO DE PRODUÇÃO 34
2.7 IDENTIDADE E PARTICIPAÇÃO COOPERATIVISTA 36
2.8 FIDELIDADE COOPERATIVA 39
2.9 SUCESSÃO E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA COOPERATIVISTA POR INTERMÉDIO DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO SOCIAL – OQS 41
3 METODOLOGIA DE PESQUISA 48
3.1 ESTUDO DE CASO 50
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS 51
3.2.1 Documentos Secundários 52
3.2.2 Entrevista semiestruturada 52
3.2.3 Levantamento de dados demográficos 53
3.3 ANÁLISE DOS DADOS 54
4 RESULTADOS 55
4.1 MOTIVOS DE INGRESSO E PERMANÊNCIA NA COOPERATIVA LAR 57
4.2 IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO NOS EVENTOS DA COOPERATIVA LAR. 59

4.3 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS EVENTOS DA COOPERATIVA 61
4.4 IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA COM OS VALORES DA COOPERATIVA LAR. 61
4.5 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NAS ATIVIDADES RURAIS 63
4.6 PLANO DE SUCESSÃO FAMILIAR 65
4.7 CONTRIBUIÇÃO DA COOPERATIVA NO PROCESSO DE SUCESSÃO 66
4.8 CONTRIBUIÇÃO ECONÔMICA DA COOPERATIVA PARA A COMUNIDADE . 68
4.9 PRODUTOS E SERVIÇOS DA LAR 70
4.10 OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES RURAIS 71
4.11 PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO NO DIA A DIA DA COOPERATIVA 73
4.12 OPINIÃO QUANTO AOS FATORES QUE LEVAM àLONGEVIDADE DA PROPRIEDADE 75
4.13 PARTICIPAÇÃO DA LAR NA EVOLUÇÃO DA PROPRIEDADE 76
4.14 RELAÇÃO DA COOPERATIVA LAR COM A SOBREVIVÊNCIA DA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL 78
4.15 REALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR RURAL 80
4.16 REALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR COM SUA PROFISSÃO E PERSPECTIVAS QUANTO ÀMELHORA NA QUALIDADE DE VIDA 81
4.17 PERSPECTIVA COM O SUCESSOR 82
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 84
5.1 IMPLICAÇÕES GERENCIAIS 95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 99
REFERÊNCIAS 102

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um grande produtor de alimentos para o mundo. Saber o que produzir, como, quanto, onde armazenar, comercializar e ter certeza que haverá uma próxima vez, é o que tem merecido especial atenção de quem está no processo produtivo do agronegócio na atualidade. Outra preocupação desses profissionais e empresas, diz respeito a quem vai realizar este trabalho no futuro.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento divulgou após o Censo Agropecuário 2017 do IBGE (AGRICULTURA, 2018),que há uma forte migração de jovens do campo para a cidade. Concomitante a essa situação, há o agravante de a população rural estar envelhecendo. Produtores com mais de 65 anos de idade representam, na atualidade, 21,4% dos moradores do campo, sendo que em 2006, eram 17,5%. Já a população jovem entre 25 a 35 anos era 13,56%há 10 anos, em contraste com a marca de 9,48%, registrados em 2017. Esses dados são representativos do Brasil como um todo e evidenciam a necessidade de compreender com mais profundidade as causas dessa tendência.

Notadamente, apenas com estas informações, percebe-se quão grande são as dificuldades dos produtores rurais no que se refere à sucessão, pois vários aspectos podem estar ligados e, junto a eles, os problemas de adaptabilidade entre os produtores tradicionais com a nova geração, bem como as tecnologias inovadoras e desafiadoras. As exigências mercadológicas e a morosidade de aceitação e de estabelecimento de um plano de sucessão e implantação das novas tecnologias por parte dos produtores, juntamente com a falta de políticas governamentais que possam motivar e contribuir com uma melhor renda, são alguns dos fatores que dificultam e desmotivam a sucessão da agricultura familiar.

Muitos produtores rurais, responsáveis por planejar e conduzir a propriedade conhecem sobre a agricultura tradicional, que, aliás, os trouxeram, de alguma forma, até onde estão. Porém, muitos deles não se importam ou se interessam pelas novas tecnologias de produção, processo sucessivo, gestão, entre outros fatores, relevantes para a sustentabilidade da produção agropecuária. Não é trivial lidar com essas ferramentas disponíveis e não encontram, muitas vezes, quem faça para eles. Assim, não conseguem transmitir um conhecimento que possa vir ao encontro dessas exigências atuais, afetando a continuidade e transferência do poder de

produção de acordo com os parâmetros tecnológicos atuais, comprometendo, sobremaneira, a garantia de continuidade da atividade rural.

Ainda no que se refere às pequenas propriedades rurais, vários aspectos devem ser observados pois estão diretamente relacionados à viabilidade e sustentabilidade destas áreas como, por exemplo:a sucessão familiar na condução do processo produtivo; assessoria técnica que garanta ou contribua para melhores índices de produtividade e melhor otimização do espaço utilizado; diversificação de culturas e garantia de fornecimento de insumos agropecuários e aquisição da produção, entre outros. Estes aspectos estão ligados ao papel que as cooperativas agropecuárias, por suas características e especificidades, desempenham junto aos seus associados.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Não é de hoje que há uma preocupação com relação ao que se produz, como isso está sendo feito, quanto e como produzir, comercializar, garantir a sustentabilidade da empresa rural familiar e quem estará neste processo do agronegócio, capaz de dar continuidade. Estabelecer um planejamento estratégico de curto, médio e longo prazo para tal é reconhecer a necessidade de se identificar – situação necessária e vital para o êxito da sucessão. Como salientam Bauer e Mesquita (2007, p. 27), “na medida em que identificou, passa então a identificar-se, ou seja, a reconhecer o outro como sendo semelhante a si e, talvez de forma inconsciente, como modelo de si”. Entende-se, portanto, que a “identificação” é um caminho para a identidade.

A preocupação por parte das Cooperativas Agropecuárias com o tema se justifica uma vez que as cooperativas são associações de pessoas, sendo as cooperativas agropecuárias relacionadas especificamente aos produtores rurais. Sem os cooperados, não há continuidade da instituição. O crescimento e perenidade da cooperativa é reflexo do sucesso de produção do campo e de quem e como o conduz. Preocupar-se com o futuro faz parte dos objetivos da cooperativa quanto ao desenvolvimento social e econômico dos sócios (BRASIL, 1971). É a partir meio produtivo agropecuário que se formam os futuros gestores e lideranças cooperativistas. A identidade cooperativa precisa estar intimamente ligada às necessidades do produtor associado e seus sucessores. Assim, é possívelque se forme, gradativamente, uma identidade capaz de não somente garantir a perenidade

da cooperativa, uma vez que é desse meio que se formam os futuros gestores cooperativistas, mas também a formação dessa identidade, motivadora e inspiradora à sucessão familiar.

A pesquisa de campo realizada com associados da Cooperativa LAR, deu lucidez a algumas questões. É discutido, por exemplo, fatores que fazem com que jovens filhos de associados se inspirem e vejam no agronegócio um meio rentável e de ótimas perspectivas. Por sua vez, isso garante a implantação de projetos que proporcionem a curto, médio e longo prazo uma condição de vida de qualidade no campo.

Os dados divulgados pela Revista Paraná Cooperativa (2018), esclarecem que regiões de produção rural de agricultura familiar, assistida por cooperativas, têm menor êxodo rural. O índice de migração de filhos de produtores para as cidades, nesses casos, acontece em menor escala, quando essas regiões são comparadas àquelas sem uma forma de organização da produção em cooperativas ou associações de produtores. A empregabilidade a campo contribui substancialmente para diminuir o inchaço populacional e todas as suas consequências sociais. O primeiro ator social beneficiado por esse processo de desenvolvimento no campo são os filhos dos produtores. Eles têm a possibilidade de se fixar e se profissionalizar como produtores rurais com garantia de renda capaz de motivá-los a empreender próximos às suas raízes e seus familiares.

O que norteou o objeto principal deste trabalho de pesquisa foi a preocupação sobre a sucessão familiar na condução da propriedade rural, especificamente das que exploram pequenas áreas de terras e que dependem, por estas características, do apoio econômico e social de uma cooperativa. Por essas especificidades, justifica-se a observação da contribuição da identidade cooperativa nesse processo.

A fixação do homem no campo não está fundamentada apenas na viabilidade econômica momentânea e sim, nas condições de continuidade e de sustento de sua família com a produção agropecuária a longo prazo. Para Bialoskorski (2012), as cooperativas têm um papel fundamental para o desenvolvimento econômico nacional,uma vez que geram muitos empregos e melhoram a distribuição de renda. Já para Boesche (2005), investir no jovem em educação cooperativista é garantia de obtenção, criação de novos gestores e novas lideranças. Essa capacitação e identificação também refletem positivamente na condução produtiva familiar.

Por se tratar de uma problemática que não afeta somente a produção rural, no que concerne a continuidade de produção de alimentos realizados pelas pequenas propriedades rurais, mas também a própria existência da cooperativa, é que se fez esta escolha pelo tema.Com a conclusão dos trabalhos de investigação, tem-se o intento de contribuir com futuros planejamentos estratégicos da Cooperativa LAR, objetivando ações que possam colaborar no sentido de incentivar a sucessão natural e apoiar aquelas realizadas de forma inesperada.

Afinal, o futuro destas instituições, família e organização cooperativa, depende de quem estará no comando, com que garantias isso ocorrerá e como preparar, conscientizar e desenvolver essas novas lideranças. O que os motiva e que os identifica ou dá significado, como pertencentes a um grupo familiar e a uma instituição cooperativa, é o que justifica a manutenção destas estruturas no futuro: família e sociedade cooperativa, como poderá ser observado ao final desta pesquisa.

1.2 JUSTIFICATIVA

A contribuição prática deste estudo reside em subsidiar gestores de cooperativas na tomada de decisões sobre a continuidade e profissionalização de produtores rurais, dada a relevância no que se refere a contribuição de ações que propiciem a continuidade da produção agropecuária; projetos de viabilidade econômica que inspirem e motivem jovens produtores a desenvolverem suas identidades e profissões voltadas ao agronegócio e à atividade familiar.São essas gerações que, no futuro, assumirão a gestão e administração das cooperativas agropecuárias.

Quanto à contribuição teórica, a identificação dos fatores ligados à identidade cooperativa apresenta lacunas teóricas que ainda precisam ser exploradas, inclusive melhor compreendidas dada a rapidez com que estão ocorrendo as novas tecnologias de produção e administração. Dentro e fora dos limites da propriedade rural, essas informações de mudanças que ocorrem diariamente precisam e necessitam estar, de alguma forma, ao alcance do produtor e seus familiares,haja vista que esse conhecimento e ações efetivas é que garantirão a sustentabilidade de produção rural.

A importância da presente pesquisa se dá na medida em que aumentam as dificuldades dos produtores rurais quanto à sua sucessão. A nova geração, nascida

no campo, pode não estar totalmente permeável à tradicionalidade da gestão das propriedades rurais. As novas tecnologias de gestão e operação surgem como inovação e são desafiadoras para esse público, em função de vários fatores que dificultam a adaptação e aceitação entre os produtores atuais, mais tradicionais, e a nova geração.

São grandes os desafios do mercado e a resistência de se estabelecer um plano de sucessão e de modernizar as propriedades, por parte dos produtores. Esse quadro se agrava quando se observa a falta ou inadequação de políticas públicas que possam auxiliar este processo, contribuindo para obtenção de melhor renda no campo.A falta de propostas, neste sentido, dificulta a sucessão nas propriedades de agricultura familiar, ficando essas apenas dependentes do apoio das cooperativas agropecuárias. Estas, por sua vez, proporcionam oportunidades mercadológicas, de novos projetos capazes de instigar, principalmente nos jovens, a inspiração de continuar na atividade rural ou assumi-la em tempo oportuno.

Produtores rurais são tradicionalistas. Muitos deles não se interessam pelas novas tecnologias de produção e gestão ou pelo processo de sucessão das propriedades. A dificuldade de lidar com essas novas ferramentas disponíveis faz com que os produtores não consigam repassar conhecimento de forma a transferir paulatinamente o poder para seu sucessor, dentro dos parâmetros tecnológicos atuais. Essa dificuldade afeta a garantia de manutenção da atividade rural.

“Educação, Formação e Informação”, é o quinto Princípio Universal do Cooperativismo e é responsabilidade das cooperativas em relação a seu quadro associativo. Dessa forma, com o cumprimento deste princípio, tem-se uma ótima contribuição das organizações cooperativas para a viabilidade da pequena propriedade rural e, por conseqüência, sua sustentabilidade. É nos eventos técnicos, cursos e treinamentos que, além do aprendizado e busca de informação, há oportunidade de o produtor associado interagir com outros produtores, trocar experiências e melhorar sua identificação com o meio rural e associativista.

Criar motivação em longo prazo para que haja maior entusiasmo dos integrantes familiares dos pequenos produtores associados é um desafio diário por parte dos produtores associados e da cooperativa. Há uma velocidade muito grande e sem precedentes no que se refere às mudanças tecnológicas que envolvem desde o preparo do solo, plantio e colheita. Seguramente, um dos complicadores das instituições família e cooperativa é se atentar a essas mudanças de forma que isso

não desestimule a sucessão ou perda da identidade por desmotivação pela incapacidade de acompanhamento.

É preocupante a diminuição de mão de obra especializada no campo e falta de profissionalização do trabalhador rural. A maior parte dos entrevistados relataram a dificuldade em contratar, capacitar e manter a mão de obra especializada. Segundo Boessio e Doula (2016), tanto o sucessor precisa estar preparado para assumir novas responsabilidades e o projeto de produção familiar quanto a família em ser sucedida. O papel das cooperativas agropecuárias como contribuinte e incentivadora neste processo é vital para o sucesso do empreendimento rural. A pesquisa realizada no estado do Rio Grande do Sul, em uma localidade em que predominam descendentes de alemães e italianos (similar ao oeste paranaense onde se localizada a Cooperativa LAR), demonstrou que mais de 75% dos produtores gostariam que os filhos assumissem a propriedade. Cursos, aperfeiçoamentos, treinamentos técnicos são ferramentas indispensáveis para a sucessão.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo principal desta pesquisa foi **identificar os fatores determinantes da sucessão familiar da pequena propriedade rural dos associados da Cooperativa LAR, sob a perspectiva da identidade cooperativa.** Para atingir o objetivo geral proposto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar as características dos produtores rurais entrevistados, no que tange: tamanho da área explorada, tamanho da família,dependência financeira, empregabilidade, nível de educação e atividades desenvolvidas;
b) Identificar os motivos de adesão e fidelidade com a cooperativa;
c) Identificar o grau de envolvimento do associado e família com a cooperativa;
d) Verificar se os valores familiares estão relacionados com os valores da cooperativa;
e) Identificar a relação da cooperativa com a continuidade da pequena propriedade rural;
f) Relacionar os fatores de identificação do associado com a cooperativa.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho foi dividido por capítulos compondo: a importância da Educação Cooperativista e da Organização do Quadro Social – OQS, a instituição familiar cooperativista e o processo integrado de produção, uma análise sobre a identidade e identidade cooperativa, sobre sucessão e participação familiar e a importância da consciência cooperativista. Na seqüência, discorre-se sobre metodologia do estudo de caso. Trata-se de um estudo qualitativo numa perspectiva do estudo de caso, tendo como o instrumento utilizado, a coleta e o tratamento de dados e as etapas da pesquisa. O texto também apresenta uma tabela de identificação, os resultados da pesquisa, as considerações finais e perspectivas.

A experiência *in loco* com os produtores – em seu meio produtivo de convívio familiar e comunitário foi imprescindível ao que se propôs esta pesquisa em seu objetivo geral e específicos acima enunciados. Estudar os associados da Cooperativa LAR, teve muita relevância, pois se trata de uma instituição formada por milhares de produtores rurais que sobrevivem da produção em pequenas áreas de terras, mas que juntas viabilizam a continuidade desta cooperativa, pois representam mais de 80% do seu quadro associativo. A Cooperativa LAR, por ter uma variedade de produtos, serviços e projetos diretamente ligados as necessidades dos produtores rurais associados de pequenas áreas de terras, é um dos alicerces de sustentabilidade e de interesse de continuidade e sucessão da agricultura familiar.

Nesse contexto, observa-se a importância do saber, do interesse de buscar por quem pensa em continuidade e de transmitir conhecimento a quem se preocupa com a sucessão. De acordo com a pesquisa realizada pela ADEP, para o XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ADEP, 2018), a qualificação técnica do agricultor acontece, principalmente, junto à família. O conhecimento é passado de pai para filho e é renovado e atualizado de forma mais eficaz quando há um planejamento familiar.

Outro aspecto relevante e que mereceu atenção foi a importância do processo democrático e participativo das instituições família e cooperativa. O senso de pertencimento e de valorização pessoal reflete o entusiasmo de continuidade nessas organizações. Cooperativismo puro e verdadeiro se inicia no núcleo familiar – a cooperação e participação de todos de forma democrática contribuem para o

alicerce dessas sociedades. De fato, de acordo com Schneider (1999, p. 21), “sem democracia e participação, não há condições para um verdadeiro cooperativismo. A cooperativa pode ser uma empresa eficiente, mas, sem democracia e autonomia, não é autêntica cooperativa.”

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesse capítulo, optou-se por apresentar uma breve contextualização devido à escolha do estudo de caso como estratégia de pesquisa, especialmente por incluir elementos importantes e complementares à análise dos dados.

Segundo Pinho (1996), pode se dizer que a cooperação é uma forma de integração social e pode ser entendida como ação conjugada em que pessoas se unem, de modo formal ou informal, para alcançar o mesmo objetivo. Cooperação é uma palavra que vem do latim *cooperari*, com o significado de operar juntamente e associada à prestação de trabalho conjunto – mútuo e com objetivos comuns.

Apesar da pluralidade de definições de cooperativismo, nota-se uma convergência em relação a características como ajuda mútua, respeito à individualidade e ao benefício de todos pelo esforço conjunto. Schneider (1999) define cooperativismo como sendo uma filosofia de vida, doutrina, sistema, movimento ou simplesmente uma atividade que, por meio das cooperativas,atua como instrumento organizador da humanidade tendo como premissa a economia solidária, participação democrática, considerando os direitos e deveres iguais a todos, sem que haja qualquer tipo de discriminação de qualquer natureza para todos os cooperados.

O cooperativismo está fundamentado na união ou reunião de pessoas e não de capital. Por meio das cooperativas, utilizadas como instrumento dessa viabilidade, o interesse individual não pode se sobrepuser ao coletivo objetivando estas instituições, única e exclusivamente, a prestação de serviços de interesse desse grupo sem que haja a obtenção do lucro. É a única forma de organização mundial capaz de atender as necessidades econômicas e sociais de seus integrantes com respeito ao valor equitativo que promove com sucesso o equilíbrio e justiça entre os participantes. De acordo com Marschall (2009, p. 289),

> O fenômeno do cooperativismo vem se destacando como uma das formas mais usuais de associativismo. Desde a sua aplicação considerada mais impactante, especialmente para as relações sociais entre patrões e empregados, em Rochdale, o cooperativismo tem arrebanhado adeptos e críticos, seguindo, em geral, duas análises distintas. A primeira, de caráter ideológico, prega os ideais da união e da solidariedade, no estilo “a união faz a força”. A segunda assume postura mais crítica, comparando as cooperativas a qualquer empresa capitalista que objetiva, em primeira instância, o lucro.

Segundo informações obtidas no site da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), existem mais de 1 bilhão de sócios em diversas cooperativas, que estão presentes em 120 países e em todos os continentes, unidos em torno de uma filosofia de vida alicerçada em princípios e valores cooperativos.

2.1 HISTÓRICO

A gênese do movimento remonta a cerca de 175 anos atrás, em Rochdale (Inglaterra), mais precisamente em uma comunidade denominada de Beco do Sapo, também conhecida como Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, do inglês, *Rochdale Society of Equitable Pioneers*. Depois de inúmeras reuniões, muitas delas (28 tecelões, sendo 27 homens e 1 mulher), frustradas, instituíram um novo sistema socioeconômico e um estatuto muito diferente das empresas mercantis. Com a economia mensal de cada membro, conseguiram um Capital de 28 libras que foram utilizadas para adquirir bens de primeira necessidade que serviram para abrir uma cooperativa do ramo de consumo (GOIÁS COOPERATIVO, 2018).

Devido à motivação gerada por inúmeras necessidades sociais, mais especificamente para adquirir alimentos mais baratos, que essas pessoas, trabalhadoras das tecelagens da Inglaterra em plena revolução industrial, se uniram, sobre os pilares da cooperação, em prol do bem comum – para suprir suas necessidades econômicas e de desenvolvimento social. Já na constituição da primeira cooperativa foram instituídos os princípios cooperativistas que rigorosamente deveriam ser observados e praticados pelos seus sócios.

Diante das transformações sócio econômicas do mundo, esses princípios foram revistos e atualizados para atender as exigências e necessidades do mundo moderno. Dentre os 7 Princípios Universais do Cooperativismo, 5 deles estão intimamente relacionados àqueles definidos pelos pioneiros de Rochdale.

O cooperativismo é uma forma de organização muito mais antiga do que remontam os registros. Segundo Bialoskorski Neto (2006, p. 21), “há registros sobre a cooperação e a associação solidária desde a Pré-História da civilização, em tribos indígenas ou em antigas civilizações como os Babilônicos”.

Características como o peso e preço justos, relações sinceras e honestas, preocupação com os interesses do grupo e busca por melhores condições e qualidade de vida, foram fontes de satisfação para que os cooperados optassem por uma sociedade cooperativa que se opunha às empresas mercantis e indústrias que

exploravam a mão de obra dos trabalhadores e seus consumidores ingleses. Um dos ideais do pequeno armazém dos Probos Pioneiros de Rochdale era que em nenhum momento o lucro poderia sobrepor o aspecto moral de bem-estar social e econômico de seus membros. Os cooperados se sentiam donos do empreendimento etinham senso de pertencimento. A participação nas decisões era democrática, com participação efetiva dos cooperados nas discussões. Criou-se, então, um laço forte de confiança entre a cooperativa e o quadro social, fazendo com que mais pessoas aderissem à sociedade. Foram esses alguns dos diferenciais que fizeramcom que a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale obtivesse êxito e apresentasse ao mundo o cooperativismo como sendo uma alternativa justa e humana de desenvolvimento econômico e social.

2.2 COOPERATIVISMO NO MUNDO E SUA IMPORTÂNCIA NO BRASIL

A ACI – Aliança Cooperativa Internacional, divulgou em seu relatório global 300, que foi publicado no ano de 2011, que mais de 1 bilhão de pessoas, em todo o mundo, de alguma forma utilizam-se de uma cooperativa, seja na sua condição de cooperado ou cliente (GOIÁS COOPERATIVO, 2018). Considerando-se um casal com apenas um filho, pode-se dizer que praticamente a metade da população mundial depende de uma cooperativa para sua subsistência. Se as 300 maiores cooperativas mundiais fossem um país, esse seria a sexta maior economia do planeta, com um PIB de mais de U$ 2.53 bilhões. São mais de 2.6 milhões de cooperativas que geram juntas 250 milhões de empregos.

A melhoria da qualidade e vida – que é um dos objetivos das cooperativas não se estende apenas ao seu quadro associativo. Os reflexos econômicos e sociais atingem positivamente toda a comunidade onde está instalada a cooperativa seja ela de qualquer segmento. Por outro lado há também, a percepção do quanto o “equilíbrio” dessas necessidades da comunidade faz falta quando da saída ou dissolução da cooperativa de uma determinada comunidade.

Detalha ainda, segundo a ACI, os impactos causados pelas cooperativas em diversos países:

> Na Alemanha, cerca de 18 milhões de pessoas são associadas às cooperativas de crédito, o que equivale a 21% da população;
> No Brasil, as cooperativas são responsáveis por 40% do PIB agrícola e 6% do total das exportações agrícolas;
> No Canadá, de cada três habitantes, um é membro de uma cooperativa de crédito;
> Na Espanha, as cooperativas de Mondragon fazem parte, em escala nacional, dos maiores fabricantes de refrigeradores e de equipamentos eletrodomésticos;
> Nos Estados Unidos, as cooperativas controlam cerca de 80% da produção de laticínios. Além disso, foram as cooperativas que levaram a energia elétrica ao meio rural;
> Na França, as cooperativas dos ramos agropecuário e de crédito se destacam na economia;
> Na Índia, cerca de 12,3 milhões de pessoas são membros de cooperativas de laticínios e responsáveis por aproximadamente 22% do leite produzido no País (GOIÁS COOPERATIVO, 2018).

Com pouco mais de 100 anos de existência no Brasil, o cooperativismo atinge mais de 6% da população nacional. Mesmo com uma pequena parcela da população participando diretamente das cooperativas em relação a outros países, o Brasil se destaca, de acordo com informações obtidas no site oficial da OCB, em vários aspectos. Primeiramente, possui a maior cooperativa do ramo da saúde (UNIMED). Além disso, 48% da produção agrícola está sob responsabilidade das cooperativas agropecuárias: são mais de 6 mil cooperativas que juntas geram quase 400 mil empregos.

Constatam-se relatos da culta de cooperação desde a época da colonização portuguesa. Contudo, oficialmente, o movimento cooperativista teve início em 1889, em Minas Gerais, com a fundação da Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto.Em 1902, o padre suíço Theodor Amstad fundou a primeira cooperativa de crédito do Brasil, denominada Sicredi Pioneira, em Nova Petrópolis (RS). Foi a forma encontrada de facilitar a vida dos moradores da região, que não possuíam nenhum banco.

A partir de 1906, produtores rurais e imigrantes começaram a fundar cooperativas agropecuárias e, como consequência, houve uma forte propagação da doutrina cooperativista. Este modelo autônomo, cujo objetivo era suprir as necessidades de seus próprios membros, aos poucos foi sendo difundido, surgindo a necessidade de uma representação que defendesse todas as cooperativas. Nesse cenário, em 1969, foi fundada a OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras, sociedade civil e sem fins lucrativos que mantém neutralidade política e religiosa. Em 1995, o cooperativismo do Brasil foi reconhecido internacionalmente, elegendo o

ex-presidente da OCB, Roberto Rodrigues, como o primeiro não europeu a presidir a ACI – Aliança Cooperativista Internacional (OCB, 2019).

Atualmente, quatro cooperativas brasileiras estão na lista das 300 maiores do mundo, sendo que95% dos municípios brasileiros são atendidos por cooperativas de crédito. Em 564 cidades, as cooperativas são a única instituição financeira existente. Ademais, vinte e dois milhões de brasileiros são atendidos por cooperativas médicas e odontológicas (OCB, 2019).

2.3 IDENTIDADE COOPERATIVA

Desde a criação da primeira cooperativa, a identidade cooperativa vem amadurecendo. Um grande marco nesse contexto ocorreu em 1995, no 31º Congresso da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em Manchester (Inglaterra). Em vista dos desníveis sociais, empregabilidade e perspectiva de vida da população mundial, definiu-se a identidade cooperativa que vigora na atualidade, juntamente com os novos princípios e valores do cooperativismo. Está contextualizada e formalizada em todo o mundo composta por três elementos: Princípios, Valores e Fundamentos. Estes três elementos,além de comporem a identidade cooperativa, instrumentalizam seus estatutos sociais.Devem constantemente ser observados em todas as ações da instituição cooperativa sob pena de dissolução da sociedade,havendo, em muitos casos, prejuízos para os seus membros associados.

Como enunciado, a identidade cooperativa tal que vigora na atualidade foi resultado de exaustivas discussões acerca do tema na ACI, sem que haja conhecimento de publicações específicas do tema. O Congresso realizado pela ACI sugere que a identidade cooperativa está fundamentada na identidade organizacional e senso grupal, que por sua vez é a característica principal do cooperativismo.

De acordo com a Lei 5.764/71, cooperativa é uma associação de, no mínimo, 20 (vinte) pessoas com interesses comuns, economicamente organizada de forma democrática, isto é, contando com a participação livre de todos e respeitando direitos e deveres de cada um de seus cooperados, aos quais presta serviços, sem fins lucrativos (BRASIL, 1971). Entretanto, a partir de 2003, por força do Novo Código Civil Brasileiro (Lei 10.406/2002), o número mínimo para constituição é aquele que seja suficiente para a boa administração e fiscalização da instituição

(BRASIL, 2002). Contudo, são necessárias 20 pessoas físicas, no mínimo, para que haja o registro nas Organizações das Cooperativas Estaduais.

2.3.1 Princípios universais do cooperativismo

Os princípios cooperativos são as linhas que orientam as cooperativas para que estas possam aplicar seus valores para o bem de uma sociedade cooperativa.

Sob os pilares da cooperação que tem como destaque a união do social (união de pessoas – autogestão) e do que trata o econômico (empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida onde todos tem participação equitativa nos resultados), é o que assegura a longevidade de uma instituição cooperativa.

Desde a constituição da primeira cooperativa, como já enunciado, os princípios universais sofreram alterações e, para atender as exigências da sociedade moderna, no ano de 1995, em Manchester, na Inglaterra, por ocasião do Congresso Internacional de Cooperativas, foram instituídos os novos princípios universais do cooperativismo, os quais estão listados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1–Princípios universais

1º Princípio	Adesão voluntária e livre	As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como cooperados, sem discriminações sociais, raciais, políticas, religiosas ou de gênero.
2º Princípio	Gestão democrática pelos sócios	As cooperativas são organizações democráticas, controladas por seus cooperados, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os conselheiros e diretores - eleitos nas assembleias gerais como representantes dos demais cooperados - são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau os cooperados têm igual direito de voto (cada cooperado, um voto); nas cooperativas de grau superior pode ser instituída a proporcionalidade de votos, desde que se mantenha a forma democrática da organização.
3º Princípio	Participação econômica dos cooperados	Os cooperados contribuem equitativamente e controlam democraticamente o capital de suas cooperativas. Os cooperados destinam os excedentes a finalidades como o desenvolvimento da cooperativa, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelos menos será, indivisível; benefício aos cooperados na proporção das suas transações com a cooperativa; apoio a outras atividades desde que aprovadas pela assembleia geral dos cooperados.
4º Princípio	Autonomia e independência	As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos cooperados. Em caso de firmarem acordos com outras organizações – incluindo instituições públicas – ou recorrerem a capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos cooperados e mantenham a autonomia da sociedade. A Constituição Brasileira promulgada em 1988, em seu Art. 5º, Inc. XVIII reforça este princípio básico do cooperativismo ao disciplinar: "a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, vedada a interferência estatal em seu funcionamento".
5º Princípio	Educação, formação e informação As	As cooperativas promovem a educação e a formação de seus cooperados, dos representantes eleitos, dos gerentes e de seus funcionários, de forma que estes possam contribuir eficazmente para o desenvolvimento da cooperativa. Divulgam os princípios de cooperativismo, e informam a natureza e os benefícios da cooperação para o público em geral, particularmente para os jovens e os líderes de opinião.
6º Princípio	Intercooperação	Para as cooperativas prestarem melhores serviços a seus cooperados e agregarem força ao movimento cooperativo, devem trabalhar em conjunto com as estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
7º Princípio	Interesse pela comunidade	As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos cooperados. Este sétimo princípio foi especialmente instituído pelo Congresso da Aliança Cooperativa Internacional em setembro de 1995.

Fonte: OCEPAR (2018).

Estes princípios enunciados no Quadro 1 é que contribuem e norteiam a constituição de uma cooperativa seja ela o ramo destinado, bem como os seus respectivos estatutos sociais. Independentemente do número de pessoas necessários para constituição de uma cooperativa, seguindo a Legislação de cada

país, esses princípios é que contribuem para que o cooperativismo, efetivamente, possa desenvolver seu papel de levar às pessoas maior qualidade de vida.

Os valores das cooperativas são baseados na ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade e na tradição dos fundadores da primeira cooperativa os valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preservação do ambiente para o desenvolvimento de forma sustentável é o que alicerçou os Princípios Universais do Cooperativismo que desde a primeira cooperativa, em Rochdale, se fazem, praticamente inalterados até os tempos atuais.

2.4 A HISTÓRIA DA COOPERATIVA LAR

A Lar Cooperativa Agroindustrial teve início em 19 de março de 1964, na cidade de Missal, localizada no Oeste do Estado do Paraná. Foi fundada por 55 migrantes gaúchos e catarinenses, descendentes de alemães e praticantes da religião católica. Suas primeiras atividades foram iniciadas em condições bastante adversas pelo pioneirismo da própria região cuja infraestrutura era deficitária.

O primeiro nome da LAR foi Comasil - Cooperativa Mista Agrícola Sipal Ltda., e seu primeiro presidente foi o padre José Backes, também colonizador.A Cooperativa facilitava o acesso aos itens necessários para as atividades produtivas dos cooperados, comercializando querosene, tecidos, bebidas, remédios, prego, corda, corrente, arame e munição de caça.Os cooperados criavam suínos, plantavam milho, feijão, arroz, mandioca e alguns grãos de soja. Também faziam extração de madeira e depalmito.

Quando sentiram a necessidade de efetivar a legalização, organização e gestão da Comasil, os agricultores convidaram o professor Ignácio Aloysio Donel, oriundo do RS, para cumprir essa missão. Com a construção de uma prensa para soja, moinho de trigo, fubá e descascador de arroz, a Comasil iniciou seu caminho para a agro industrialização. Também foram adquiridos os primeiros veículos que, hoje, contam com uma frota de 569 veículos entre utilitários, graneleiros, bitrens, entre outros.

Em 1970, a LAR se transferiu para Medianeira/PR, em busca de melhor localização e infra estrutura. Em 1972, começou a edificação de armazéns com capacidade de 100, 250 e 500 mil sacas e o número de sócios passou para 1414.

Nessa época, a Comasil passou a se chamar Cotrefal - Cooperativa Agropecuária Três Fronteiras Ltda.

Na década de 1980, a cooperativa desenvolveu programas de liderança, inaugurou as atividades do Supermercado Cotrefal e fez o seu Jubileu de Prata. Na década de 1990, executou um novo organograma administrativo, fazendo uma reordenação da máquina administrativa, fortalecendo-a no campo da agroindustrialização. Em 2001, a Cotrefal deixou de existir, sendo inaugurada a LAR Cooperativa Agroindustrial.Atualmente, a LAR tem um quadro de 10.887 associados e13 mil funcionários, sendo que em 2018 faturou R$ 6,4 bilhões.

Desde outubro de 2017, a LAR adaptou um novo organograma. Hoje possui três superintendências: Negócios Agrícolas, Administrativa/Financeira e Suprimentos e Alimentos. Contudo,as decisões da gestão dos negócios sempre são colegiadas, entre Diretoria Executiva e superintendências, após diretrizes já definidas pelo Conselho de Administração.A marca LAR está presente em vários produtos entre enlatados, congelados, cortes de frangos, milho e soja. Exporta para a América, Europa, Ásia, e países árabes.

A LAR possui unidades em 13 municípios do Oeste do Paraná, 10 unidades no Leste do Paraguai, 1 unidade em Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados, e mais 13 unidades em Santa Catarina, no município de Xanxerê, para produção de sementes (LAR COOPERATIVA, 2019).

fundamentação teórica

Para a realização deste trabalho, foi necessário conhecer obras de autores que de alguma forma tivessem uma identidade muito forte com o cooperativismo e o associativismo de uma forma geral. Autores que pudessem contribuir por meio de suas obras, para elucidação da problemática de pesquisa deste trabalho. Importante também, foram aqueles que pudessem disponibilizar ferramentas de conhecimento para alcançar os objetivos finais relacionados à identificação dos fatores que determinam a sucessão sob o aspecto da identidade.

Por se tratar de um Mestrado Profissional, houve a necessidade desta pesquisa descrever o histórico e trajetória da Cooperativa Lar e principalmente por ter o instrumento do estudo de caso como ferramenta de pesquisa. Conhecer com maior detalhe a Cooperativa Lar propiciou uma maior interatividade entre o entrevistador e os produtores rurais escolhidos, para que se pudesse aplicar a entrevista semi estruturada e a obtenção de outros dados relativos às suas propriedades com o levantamento demográfico.

2.5 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA E DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO SOCIAL – OQS

Os futuros sucessores têm que ser continuamente preparados pelas sociedades cooperativas e familiares. A educação cooperativista, a preparação e a formação de novas lideranças, além de uma gestão democrática que propicia uma efetiva participação na tomada de decisão da cooperativa, podem significar garantia de futuro, bem como o nascimento de novas lideranças capazes de dar continuidade ao processo cooperativo.O envolvimento do maior número possível de integrantes familiares propicia a responsabilidade e o comprometimento de cada um na tomada de decisão e preparação dos sucessores.

As cooperativas de sucesso têm um planejamento de comunicação que traz resultados eficazes quando o assunto é sucessão e preparação de novas lideranças. Essa acessibilidade entre quadro social e cooperativa, além de formar e informar, atende não somente as necessidades técnicas do produtor, como também cria um laço mais forte e consolida a identidade.Consiste, na verdade, em praticar o cooperativismo e estabelecer um senso de pertença e de propriedade. Afinal, de

alguma forma o cooperado tem que se conscientizar sobre seu estado de dono e usuário dos serviços da cooperativa. De fato, de acordo com Perius (1999, p.282),

> O associado passa a ser o dono e decide. A grande questão é cultural. O associado não sabe que ele é dono e decide. Ele pensa que é mero cliente, alguém que compra e vende algum produto. O associado deve ter consciência de que é dono. Por isso, tem que ter participação social e política na cooperativa. Se o associado tiver essa visão da cooperativa, evidentemente esta será bem administrada.

É necessário que as cooperativas estabeleçam, juntamente a seus associados, planejamentos estratégicos que possam vir ao encontro de suas necessidades (BOESCHE, 2005). Para esse autor, se não houver uma aproximação com o quadro social, diagnosticando seus anseios, oportunizando condições e boas perspectivas de sobrevivência, não se consolida uma sociedade de pessoas em cooperativa.

Pode ser observado, ainda de acordo com esse autor, que a formação e a informação não podem ficar distantes do alcance do quadro associativo. Isso o faz crente, seguro e com perspectivas de continuidade e sentimento de pertença à instituição. Fortalece desta forma, a motivação dos membros familiares que tem à disposição uma empresa cooperativa que, com seus produtos e serviços, contribui para a viabilidade e continuidade da produção rural. Suas necessidades econômicas (comercialização da produção, aquisição de insumos agropecuários, assistência técnica, participação nos resultados da cooperativa) e suas necessidades sociais (cursos, treinamentos, formação profissional, desenvolvimento regional, preocupação com a comunidade, vez e voz, entre outros) são desse modo, atendidas.

Para Schneider (1999), a importância da educação cooperativista compõe um dos pilares mantenedores da continuidade da cooperativa, pois quanto mais o associado se informa e se aproxima da cooperativa, mais se fortalece o elo entre eles e sendo assim, maior é a movimentação econômica e participação do quadro associativo.

> Foi em parte a influência de Owen, tão empenhado na formação do “Novo Mundo Moral” através da educação, que motivou os pioneiros a dedicar tanto tempo e recursos à educação. Caso contrário, como pondera Holyoake, os associados teriam nascido e crescido na ignorância dos objetivos e da percepção da especificidade de sua organização cooperativa (SCHNEIDER, 1999 p.107).

A verticalização da produção com o recebimento, armazenamento, industrialização e comercialização dos produtos, possibilita que haja continuidade da atividade rural, pois permite uma melhor remuneração aos produtores.Esse fato, aliado a uma gestão participativa e responsável tanto na cooperativa quanto dos produtores, inspira que os jovens e demais membros da família continuem na atividade. Há, porém, a necessidade de a empresa cooperativa ser conduzida de forma profissional e de maneira que possa transmitir alto nível de confiabilidade ao quadro social. A cultura cooperativista, nesse contexto, se faz extremamente necessária. De fato, para Schneider (2003, p. 236),

> Segundo o enfoque da cooperativa como “sociedade de pessoas”, o dirigente, para legitimar o seu poder, deve ter uma “cultura cooperativista”, com uma significativa experiência cooperativa e com um razoável conhecimento especialmente da organização cooperativa, dos seus princípios, normas, valores, com condução democrática da cooperativa.

Schneider (2003) descreve que a boa gestão de uma cooperativa compreende desde o preparo técnico e qualificação dos dirigentes à conscientização e educação sobre cooperativismo do quadro social. A clareza e consciência dos valores e princípios cooperativistas precisam estar na mente e ações dos dirigentes e cooperados para uma perfeita gestão democrática, considerada um dos pilares de evolução da cooperativa.

Existem no Brasil, como mencionado, segundo a OCB – Organização das Cooperativas do Brasil, mais de 6.5 mil cooperativas registradas na instituição. Destas, pouco mais de 1.500 são do ramo agropecuário e praticamente todas têm mais que um produto como fonte de sustentação econômica da cooperativa e consequentemente do seu quadro de cooperados. No caso da Cooperativa LAR, objeto de estudo deste trabalho, são quase uma centena de produtos e serviços que dão aos seus associados, principalmente os de pequena propriedade, condições de otimização do espaço de exploração agropecuária com a diversificação de atividades, gerando renda e melhores condições de vida.

Segundo Moreira et al. (2018), a diversificação é um instrumento importante de fixação das famílias no campo, porque é geradora de renda e de trabalho. Essa empregabilidade no campo está ligada, principalmente, às pequenas propriedades rurais que têm na mão de obra familiar sua maior garantia de sobrevivência, devido

à preocupação com os custos de produção e maior responsabilidade com a atividade desenvolvida por mão de obra de familiares.

Dentro deste contexto de formação e informação, viabilidade de projetos que busquem novos produtos aos associados e construção da identidade do produtor rural, está o papel da Organização do Quadro Social – OQS, que especificamente na Cooperativa LAR já passa de quatro décadas de desenvolvimento.

> O maior desafio do cooperativismo não é crescer, mas, sim, sustentar esse crescimento. A base de sucesso está na participação ativa de seus cooperados, que é de onde advém a produção que sustenta o empreendimento. A relação entre cooperado e empresa cooperativa precisa ser cada vez mais profissional. Assim, avaliar constantemente essa relação é um dever de quem lidera a sociedade (BOESCHE, 2015, p. 18)

São nas reuniões organizadas pela cooperativa com representantes dos produtores de diversas áreas, grupos de mães e de jovens, que se busca um maior entendimento, relação e aproximação com o quadro social. Estar atento às necessidades e anseios dos produtores associados é vital para um planejamento estratégico capaz de desenvolver projetos que realmente atendam às necessidades econômicas e sociais de seus sócios. É nestas reuniões técnicas e institucionais que faz com que haja uma maior aproximação da cooperativa com o quadro social e vice-versa, gerando assim, maior comprometimento e confiabilidade entre a instituição cooperativa e os produtores associados.

Para Freitas et al. (2009), o objetivo do OQS é estruturar um espaço de poder na cooperativa, possibilitando a participação de um maior número de cooperados na gestão do empreendimento cooperativo. Isso porque, através da participação política, os cooperados reduzem o espaço da burocracia, entendido como o local onde se reproduzem determinadas relações de poder. Ocorre então, de forma prática, o poder democrático, participativo do produtor associado e de desenvolvimento de novas lideranças.Setti (2014, p. 136) salienta a importância da organização do quadro social:

> O tempo demonstrou que as melhores cooperativas são aquelas que têm o quadro social organizado, facilitando as ações de formação, participação, educação e representação. A atuação da Cotrefal nessa área começou já em 1966 como forma de ensinar aos associados a filosofia cooperativista e coibir a evasão de associados ao menos sinal de dificuldades administrativas ou financeiras.

As reuniões de OQS fazem com que as informações da cooperativa cheguem ao quadro social de forma mais eficaz, por meio das lideranças de produtores que foram eleitas por eles mesmos. As reivindicações e sugestões provindas, de uma maneira geral, do quadro associativo chegam também aos gestores da cooperativa a fim de que ações sejam realizadas, beneficiando ou esclarecendo a todos os interessados.

2.6 INSTITUIÇÃO FAMILIAR COOPERATIVISTA E OPROCESSO INTEGRADO DE PRODUÇÃO

Não distante do que diz respeito à comunicação, gestão democrática, participação, confiabilidade e até mesmo acessibilidade à cooperativa, está a família como um dos principais alicerces do cooperativismo. A família depende, como instituição e união de pessoas que têm pensamentos muitas vezes diferenciados, de mínimas condições para permanecer sólida e em condições de enfrentar os diversos desafios, tão comuns nos tempos atuais.

Valores como o respeito, cooperação, diálogo, comprometimento e reciprocidade alicerçam e dão mais segurança para que a união familiar não sucumba e possa comprometer, por exemplo, uma possível sucessão da atividade rural. Família e cooperativa convergem em muitos de seus valores que são indispensáveis e mantenedores de uma continuidade capaz de enfrentar com mais eficácia os desafios, sejam eles de qualquer ordem.

> A cooperativa Lar, se revelou, desde sua fundação (1964), uma opção para a inclusão dos pequenos produtores no mercado. É possível que tal necessidade de agregação de valor, seja na comercialização e mesmo na agroindustrialização da produção da pequena propriedade, tenha estimulado os produtores a se associarem no sentido de obterem maiores vantagens competitivas (MARSCHALL, 2009, p.291)

As atividades desempenhadas pela Cooperativa LAR, tais como suinocultura, pecuária leiteira e avicultura, são desenvolvidas quase pela totalidade em pequenas áreas de terra e por mão de obra familiar. É estabelecido um compromisso formal entre o produtor associado e a cooperativa. Por parte da cooperativa, há obrigação no fornecimento de todos os insumos necessários para a atividade, assistência técnica especializada, capacitação de todos os envolvidos na condução do negócio a campo e aquisição da produção. Quanto ao produtor, o compromisso da aplicabilidade das técnicas recomendadas e entrega da totalidade da produção à

cooperativa. Além da consciência cooperativista, cabe nesse contexto o compromisso legal do produtor. Sobre o tema, Perius (2001, p. 151) complementa:

> Aos sócios não satisfeitos com a prestação de serviços da cooperativa, restam dois comportamentos: realizarem críticas ou se demitirem do quadro associativo. Pode-se, portanto, medir o grau de eficiência de uma cooperativa pela quantidade de operações de seus sócios e pelo índice de demissões. Os dois comportamentos se constituem assim em mais um processo de controle da sociedade cooperativa, já que revelam graus de satisfação ou de insatisfação.

O comprometimento recíproco entre o quadro associativo e a instituição é um dos pilares de sustentabilidade de uma cooperativa e da garantia de continuidade de produção e sustento do produtor associado. O primeiro princípio universal do cooperativismo - Adesão Livre e Voluntária - enfatiza o livre acesso. Assim, o produtor rural pode ou não entrar e/ou permanecer em uma cooperativa, sendo parte de seu direito.

Dados obtidos no site da Cooperativa LAR indicam que há várias ações e eventos, em conjunto com o SESCOOP, voltados à Educação Cooperativista. O conhecimento cooperativista faz nascer, crescer e sustentar a identidade cooperativista. Cria-se um vínculo maior entre instituição e seu quadro de associados. O fato de a instituição cooperativa oportunizar conhecimento e conscientização sobre Legislação Cooperativista, Estatuto Social, vantagens competitivas da cooperativa, direitos e deveres do cooperado e seus valores, faz com que os produtores rurais associados tenham maior segurança e confiabilidade na cooperativa, se isso for efetivamente conduzido ao longo de um processo democrático – participativo.

O sentimento de “pertença” resultante dessa participação cria nos associados uma identidade capaz de uma melhor observância e valoração de sua condição de dono e usuário da instituição. Isso é essencial para a manutenção da pequena propriedade rural. Seus condutores têm uma visão mais otimista quanto ao futuro da gestão rural e instiga em seus membros familiares uma motivação maior de continuidade por ter uma empresa cooperativa como suporte e contribuinte para este continuísmo.

Cooperativa e família precisam possuir ou criar um laço muito forte de comprometimento,uma vez quede um lado se tem as necessidades e anseios dos produtores associados e, de outro, a obrigação da prestação de serviços destas

necessidades pela cooperativa. Uma comunicação eficaz, nesse sentido, é primordial. Para Boesche (2005), é necessário pensar em conjunto com os cooperados, e não para eles. O autor enfatiza que as cooperativas não têm associados, são eles que têm a cooperativa.

Boesche (2005) descreve as diversas formas de se conseguir uma participação econômica e social do quadro associativo, obtendo-se com isso um crescimento sustentável da cooperativa e o desenvolvimento do produtor cooperado e de forma democrática. Uma dessas formas participativas é a importância da OQS, que consiste em um elo importantíssimo entre cooperativa e quadro social. Schneider (1999) observa a importância da efetiva participação do associado no cotidiano da cooperativa de forma democrática e livre, validando com Boesche (2005) sobre a relevância da aproximação da cooperativa, cada vez maior, com o quadro associativo.

> Existia naquela época um forte comprometimento entre os cooperados, e destes para com a cooperativa. Um comprometimento alicerçado na ideologia cooperativista e nos princípios, pois nas reuniões de organização da cooperativa estudaram a doutrina cooperativista (BOESCHE, 2005, p.53).

Uma das ferramentas mais eficazes no processo de condução democrática das cooperativas, segundo Boesche (2005), está na forma com que se verifica a acessibilidade do quadro associativo com os gestores e os produtos e serviços da cooperativa.

2.7 IDENTIDADE E PARTICIPAÇÃO COOPERATIVISTA

A vez e voz do cooperado promovidos pelo direito de Gestão Democrática propiciada pelo segundo Princípio Universal do Cooperativismo, pelo Art.38 da Lei 5.764/71 e pelos respectivos estatutos sociais das cooperativas dão legitimidade ao produtor rural como proprietário e responsável pela instituição e reitera que a sua permanência como sócio da cooperativa é essencial para a continuidade da instituição. Nesse contexto, observa-se a importância de o associado conhecer a legislação e regulamentação estatutária. Através do conhecimento de seus direitos e deveres, por exemplo, o associado se sente integrante no meio societário, sabendo que suas características individuais, contribuirão para o todo. O oposto, ou seja, sem essa identificação com o meio societário, o faz, naturalmente, procurar outras formas

que possam atender suas necessidades sem que seja de forma coletiva ou através de uma cooperativa.

O número de associados presentes em uma assembleia, as reuniões de núcleos da OQS, os eventos técnicos e institucionais e demais eventos, adiante detalhados e que fazem parte deste trabalho, através da pesquisa documental, demonstra a importância da participação do associado e seus familiares nestes eventos para melhoria de suas capacidades técnicas produtivas, de grande relevância como contribuinte da identidade do produtor quanto a sua importância como produtor rural.

É necessário considerar que a aptidão de produtor rural por determinada atividade e suas condições socioeconômicas podem significar seu sentimento de pertencer (ou não) e se fazer presente em uma sociedade. A satisfação de realizar aquilo que é prazeroso faz com que as adversidades – naturais em qualquer profissão ou atividade, sejam melhor solucionadas e superadas e isso aliado à diversidade com que cada um lida ou encara a profissão, contribui para a construção da identidade.

> Além do caminho da identificação, a identidade pode surgir pelo contraste com o diferente, ou pela oposição ao adversário, o que implica uma relação. Ver a identidade de forma relacional significa reconhecer a importância do outro na composição de si mesmo, pois é só através desse outro, do diferente, que a identidade pode ser percebida como singular (BAUER; MESQUITA, 2007, p.20).

A socialização primária ocorre pela emoção de se sentir pertencente a um grupo familiar. Com o passar do tempo, esses laços familiares, culturais, religiosos, sociais, entre outros, contribuem para criação da própria identidade. A colonização da região do oeste paranaense, como relatado anteriormente, foi realizada por alemães católicos e seus descendentes – laços afetivos e religiosos que estão diretamente ligados a formação da identidade. Marschall (2009, p. 292) destaca o papel exercido pela doutrina religiosa no surgimento de cooperativas:

> [...] A doutrina religiosa, empregada desde o início da fundação das colônias, assumiu papel significativo no surgimento da cooperativa em questão. A família é tida como o espaço social pelo qual o pequeno proprietário mantém a sua identidade como agricultor, seu estilo de vida, seu modo de produção voltado a policultura, e é também nela que alimenta e fortalece seu projeto de vida de sobrevivência e de bem-estar.

A vida em coletividade demonstra às pessoas as diversas formas com que se encaram determinadas realidades ou com que situação ou ação são resolvidos alguns problemas ou como se realizam sonhos individuais ou coletivos. São as diferenças individuais que evidenciam a cada um os seus limites, necessidades de aperfeiçoamento ou de que forma suas características podem (ou não) contribuir com o coletivo. Caso contrário, o coletivismo, associativismo ou cooperativismo deixaria de existir, pois sem essas premissas, ou seja, essas diferenças com respeitabilidade às características e identidade de cada indivíduo, não haveria convívio coletivo capaz de fazer com que essas diferenças fossem instrumento de crescimento individual. De fato, segundo Silva e Mesquita (2015, p. 4):

> A psicologia social tem entendido identidade como um fenômeno social, resultante dos significados provenientes das interações mantidas pelo indivíduo em sua vida em coletividade. Ela passa a ser um atributo sócio cognitivo: não é nem inata nem exclusiva ao indivíduo. Os grupos e as organizações também teriam identidade. E de fato, por meio do processo de identificação, a identidade do indivíduo estaria relacionada estreitamente com a identidade dos grupos e organizações em que ele se insere. Além disso, a identidade também poderia ser entendida como tendo uma natureza reflexiva, do modo como a pessoa se vê a si mesma, seria o seu autoconceito.

Seria muito mais agravante a situação da desconstrução de identidade do produtor, caso não houvesse a participação da Cooperativa LAR no oeste paranaense. Isso porque esta oferece condições e oportunidadespara oprodutor rural se desenvolver socialmente e economicamente em uma pequena área de exploração agropecuária, que obrigatoriamente se faz necessária,por intermédio da diversificação de atividades. Ainda assim, há uma evasão preocupante na região da área de ação da cooperativa.

Por desinteresse, falta de incentivo dos pais, má gestão da propriedade que resulta na improdutividade e alto custo de produção, falta de adaptabilidade às novas exigências mercadológicas e operacional entre outros motivos que adiante serão melhores detalhados pelos depoimentos dos produtores entrevistados, muitos jovens têm deixado a atividade rural para migrarem para os grandes centros em buscas de empregos ou para desenvolverem outras profissões não ligadas à

atividade rural exercida por seus pais. Cabe à cooperativa, em conjunto com as famílias, o papel de desenvolver planejamentos e ações a fim de que esse problema seja amenizado e para que a evasão não prejudique a continuidade da produção familiar e muito menos a da própria cooperativa.

> Cabe mencionar que as cooperativas agropecuárias têm um papel importante no desenvolvimento rural, pois são instituições que podem participar e influir diretamente no cotidiano das atividades produtivas de seus integrantes, com vistas a gerar ganhos econômicos e melhorias na qualidade de vida (BOESSIO; DOULA 2016, et al., p. 439)

Dados obtidos pelos órgãos como a OCEPAR (2019), OCB (2019) e SESCOOP (2019), apontam um declínio do processo sucessório na agricultura familiar. A cada geração diminui a quantidade de sucessores que assumem a propriedade dos antecessores, sendo que os balanços sociais e econômicos das cooperativas apontam fortemente essa tendência. Isto está ligado, inclusive, à perda da identidade entre outros aspectos que também preocupam, segundo os produtores entrevistados, objeto de pesquisa deste trabalho. Mais que ter identidade no processo produtivo rural, há necessidade de valorização sócio econômica para devida continuidade – papel indispensável da cooperativa.

Também é possível fazer uma reflexão a partir do estudo de Pellin (2017) que estabelece uma ligação entre o indivíduo e as organizações por laços afetivos, imaginários e psicológicos, que ultrapassam a importância da relação com o próprio trabalho em si. Os propósitos que a organização estabelece podem ser ressignificados pelas pessoas que vão executá-los, em função das relações interpessoais e da interação das pessoas com a organização. Trata-se de uma associação que permite aos pertencentes se reconhecerem como seres sociais, através dos relacionamentos e da interação com os outros.

2.8 FIDELIDADE COOPERATIVA

Um dos grandes desafios do cooperativismo nacional está em manter o quadro associativo fiel aos produtos e serviços oferecidos pelas cooperativas. Muitas cooperativas conseguem bons resultados com trabalhos desenvolvidos com a Organização do Quadro Social – OQS bem como com a Educação Cooperativista. Outras cooperativas além do trabalho educacional estabelecem com seus associados um contrato de reciprocidade onde a força contratual faz com que as

duas partes: instituição cooperativa e associado cumpram as regras estabelecidas a fim de dar segurança a ambas as partes. De um lado, o da cooperativa, na garantia de cumprir planejamentos operacionais, industriais e de comercialização de produtos que serão entregues por seus associados. Por outro lado, o do associado, em ter garantia de assistência técnica e de ter onde entregar sua produção e pagamento.

> Pois, para que tais desafeições progressivas para com a cooperativa não aconteçam com tanta frequência, importa que a relação de compromisso do associado com a cooperativa não se restrinja apenas à força do estatuto. Sobretudo em cooperativas com marcado caráter empresarial, é recomendável que a cooperativa estabeleça uma “relação contratual” com o associado, para assegurar a continuidade de sua fidelidade em operar com a cooperativa (RUBIO, 2007, p. 73).

As cooperativas agropecuárias devem e necessitam crescer para continuarem tendo condições de melhorar seus produtos e serviços para os seus associados. Este crescimento, porém, não podem se distanciar de seus princípios e valores. Para Rubio (2007) o processo de aprofundamento da identidade cooperativa, há necessidade dos valores cooperativos serem trabalhados com seus associados, dirigentes e inclusive com o público em geral. São esses valores, segundo o autor, que dão sentido a motivação, a razão de ser para com a cooperativa. Os produtores que assimilam estes valores e princípios tendem a fortalecer a cooperativa e procurará operar de forma leal com ela.

> A fidelidade de cooperados em cooperativas agropecuárias, no cenário atual do agronegócio brasileiro, passa em primeira estância, pela superação de um dilema: resgate dos valores cooperativistas de igualdade e ajuda mútua. Assim, se faz necessário que os interesses individuais sejam subordinados aos interesses da organização cooperativa (ROSSÉS, 2015, p. 21).

A infidelidade, principalmente para o segmento cooperativista agropecuário, é um problema sério. Segundo Rossés (2015), é uma situação que compromete economicamente a cooperativa, podendo levá-la a dificuldades econômicas irreversíveis. As cooperativas agropecuárias estão inseridas em um ambiente altamente competitivo e mutável o que exige das cooperativas ações que possam diminuir, ao menos, o distanciamento do associado.

2.9 SUCESSÃO E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA COOPERATIVISTA POR INTERMÉDIO DA ORGANIZAÇÃO DO QUADRO SOCIAL – OQS

Neste trabalho, busca-se mensurar a evolução do pequeno produtor que utiliza mão de obra familiar nos últimos 5 anos e a contribuição que houve com o apoio da cooperativa, principalmente com os projetos de diversificação de atividades que foram desenvolvidos para atender, principalmente este grupo de associados, considerando o oeste paranaense que compõe um grupo de produtores rurais com uma diversidade muito grande, entre outras, nas questões sociais, culturais e religiosas.

> A agricultura familiar brasileira é caracterizada por uma grande diversidade sociocultural, política e econômica, podendo variar desde o campesinato tradicional até a pequena produção modernizada. A modernização da estrutura agropecuária da política brasileira no período pós-guerra teve como foco o aumento da produtividade a partir da incorporação de avanços tecnológicos, proporcionando à empresa rural capitalizável, acesso a subsídios fiscais e creditícios. Nesse sentido, ao mesmo tempo que estimulou a modernização, promoveu uma crescente marginalização de pequenos agricultores familiares, com impacto significativo no padrão de desenvolvimento rural, de maneira desequilibrada (SILVA, 2011 apud WEYMER et al, 2018, p.12).

A comunicação, assim como o aprendizado de pai para filho de forma que possa motivá-lo e inspirá-lo a assumir a atividade no futuro, é um desafio não só das famílias de produtores rurais, como também das cooperativas agropecuárias brasileiras, que buscam apoiar a questão de continuidade. São essas instituições (família e cooperativa) que dependem da formação de seus sucessores de forma que as próximas gerações possam usufruir de seus benefícios. É importante salientar, no entanto, que é necessário formar sucessores e não herdeiros. Herdeiros não dependem de preparo, motivação ou incentivo e podem ou não dar continuidade na produção rural, visto que isso depende da sua identificação com a atividade, preparo e capacidade técnica de condução e gestão. Sucessores notadamente são aqueles que acompanham de alguma maneira a atividade rural e o trabalho conjunto familiar. Estão informados, identificados e conscientes dos projetos de produção, custo e comercialização. Têm conhecimento não somente das questões de produção ou operacionalidade, mas também da gestão e planejamento e perspectivas claras no que se refere ao futuro da propriedade. Sua identificação

com a produção rural é de forma que não conseguem se imaginarem outra profissão que não aquelas que envolvem o agronegócio.

Para Drebese Spanevello (2017), os jovens rurais vinculados com as cooperativas agropecuárias consideram essas organizações como indispensáveis ao trabalho na agricultura e à vida no meio rural. Não são esses os jovens, necessariamente, com curso superior e com residência no meio urbano e sim aqueles que desde cedo acompanharam de perto seus familiares no processo produtivo rural.

A marginalização dos pequenos agricultores que não conseguem modernizar sua produção e gestão é o que compromete a questão da sucessão de forma significativa. Até poucos anos atrás, era muito comum os filhos dos produtores saírem da propriedade para estudar e trabalhar nos grandes centros, sendo essa exigência, inclusive, dos próprios pais. A realidade atual, independentemente do tamanho da propriedade, é a necessidade de se ter um bom estudo acerca do agronegócio para se conseguir continuar ou voltar para o campo.

O desemprego nos grandes centros, aliado à necessidade de mão de obra nas atividades rurais, tem inspirado os jovens a se envolverem em novas atividades e oportunidades de negócios - papel indispensável de contribuição do cooperativismo agropecuário neste contexto. Não se trata do tamanho da propriedade e sim da perfeita utilização do espaço para o cultivo de produções rentáveis que contribuirá para que essas gerações continuem produzindo alimentos de forma sustentável.

A diversificação das atividades voltadas às pequenas propriedades rurais apoiadas pelas cooperativas tem dado melhores expectativas de rentabilidade e de crescimento profissional para os filhos dos produtores rurais. Isso ocorre especialmente no oeste paranaense, por se tratar de uma região com várias e bem estruturadas cooperativas agropecuárias do processo agroindustrial, que tem uma população rural predominantemente de descendentes de alemães e italianos e que migraram na década de 50 e 60 para esta região, oriundos dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Trouxeram na bagagem vários costumes, entre eles o hábito de trabalho conjunto familiar, que persiste até os tempos atuais, apesar das problemáticas já apresentadas. De fato, segundo Moreira et al (2018, p. 13):

> A diversificação se apresenta como um instrumento poderoso de fixação das famílias no campo porque é capaz de gerar trabalho e renda, porém, ela esbarra em algumas dificuldades, como a descapitalização e/ou a falta de garantia real junto aos agentes financeiros na obtenção de crédito para viabilizar a implantação de novos projetos; a falta de qualificação e conhecimento técnico para implementar gerenciar outras atividades; e a carência de assistência técnica para desenvolver e coordenar a implantação e gestão de novas alternativas para os produtores.

A Organização do Quadro Social – OQS tem um histórico de existência de 4 décadas na Cooperativa LAR. Os membros participantes dos Comitês de Mulheres, Jovens, Grãos, Leite, Suínos, Aves, Ovos e Amido, reúnem-se, no mínimo, trimestralmente ou extraordinariamente quando há pauta que possa ser relevante para os interesses dos membros ou da cooperativa. São aproximadamente 100 produtores que integram os Comitês, havendo, necessariamente a representação de cada uma das 13 Unidades Operacionais paranaenses da Cooperativa. Cada Comitê tem um coordenador por atividade que contribui para a cooperativa na organização, convocação dos participantes e condução de cada reunião. Esses coordenadores são eleitos pelos próprios integrantes dos grupos, tendo como alguns dos critérios de eleição a representatividade comunitária, conhecimento cooperativista, acessibilidade e liderança. Segundo o próprio Estatuto Social da Cooperativa LAR.

> A Cooperativa manterá seu quadro associativo organizado em Comitê Educativo Central, Comitê por atividades, Comitê Feminino e Comitê de Jovens, com funções educativas, consultivas e auxiliares ao Conselho de Administração, bem como na preparação de líderes para governança da sociedade (LAR COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2018, p.13).

A importância do crescimento da cooperativa de forma que o quadro social também siga esta evolução (econômica e social) está intimamente ligado à ética cooperativista, boa gestão, sentimento de pertença dos cooperados e identidade cooperativa. Não se justifica aumentar o faturamento de uma cooperativa sem que haja um aumento também na qualidade de vida de seus cooperados, afinal, “A cooperativa não tem sócios! São os sócios que têm a cooperativa” (PORTAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO, 2018). Justifica-se, mais uma vez, a importância da Educação, Formação e Informação dos cooperados e seus familiares. Desse modo, é criada ou melhorada a identificação dos produtores associados com a instituição cooperativa e o interesse dos mais jovens a participarem da produção rural. Terem a oportunidade de participar de cursos específicos de educação cooperativista, além de melhorar a imagem da cooperativa, propicia uma maior

transparência das ações da instituição e isso os motiva, especialmente pelo fato de haver uma maior confiabilidade no processo de sucessão.

> Para superar ou minorar os inevitáveis problemas e conflitos de relacionamento que surgem entre cada uma das quatro instâncias do processo de cooperação cooperativa, ou seja, associados, administradores, executivos e funcionários, torna-se de grande atualidade o trabalho de educação e informação cooperativa, com o fluxo ágil e transparente de informações entre as quatro instâncias de poder, onde cada uma disponha não só dos meios de recepção mas também de emissão de informações e mensagens, para um ágil e democrático fluxo de informações (SCHNEIDER, 1999, p. 207).

Para Abramovay (1998), a questão sucessória no campo não pode ser tratada estritamente como um tema microeconômico da administração empresarial. O autor enfatiza que a preocupação não se deve apenas as questões voltadas a quem vai assumir ou não a atividade rural e sim com o destino de certas regiões brasileiras com o êxodo rural que continua a assombrar a atividade de produção no campo. Conclui que o padrão de exigência imposto para a sucessão familiar compromete a continuidade da própria existência e da grande maioria das regiões produtivas brasileiras, dependentes da produção da agricultura familiar.

A obra de Abramovay (1998), publicada pela UNESCO háquase 20 anos sobre a sucessão familiar e as dificuldades da juventude em assumir as atividades rurais, tendo que se enquadrar às novas exigências mercadológicas e tecnológicas não difere expressivamente das atuais conjunturas sobre sucessão. Percebe-se que, independentemente da região, as dificuldades com a sucessão são praticamente as mesmas, mas com destaque à preocupação com o ganho sustentável, mão de obra ea segurança de comercialização e recebimento da produção. Sobre a temática da sucessão familiar, Schultz (2018) complementa:

> Não é somente a transferência patrimonial, mas principalmente a transferência de poder de decisão, de responsabilidade e de autoridade para os sucessores com relação ao empreendimento. Os jovens do meio rural são influenciados pelo contexto social em que estão inseridos e suas decisões podem voltar-se para sonhos que não contemplam dar continuidade aos negócios criados pelos pais. Trabalhar com o tema da sucessão rural requer analisar os diversos fatores que influenciam as decisões dos jovens e agir sobre as causas que explicam o fenômeno, considerando as diferenças regionais, como cultivos, clima, gênero, mercados, tecnologias e atrativos urbanos.

É preocupante que a realidade de 20 anos atrás esteja tão próxima à atual conjuntura da agricultura familiar no que se refere à sucessão. Como dito acima, não

é apenas a instituição familiar de agricultores que está em jogo quanto à sua perenidade, mas tudo que a envolve, como: a sobrevivência das cooperativas agropecuárias; empregabilidade; fixação do homem no campo; produção de alimentos; descontinuidade da responsabilidade social e ambiental destas propriedades; oportunidade de criação de novas tecnologias voltadas à diversificação de atividades rurais, sobrevivência das empresas fornecedoras de insumos agropecuários, entre tantos outros empreendimentos.

A família é a base das relações sociais dos indivíduos como também da identidade e sentimento de pertença. O avanço das questões que envolvem sucessão requer abordagem interdisciplinar para identificar fatores que possam estar influenciando a concepção de programas e sistemas de gestão que considerem os valores, crenças, mitos e rituais de cada família. Para Schultz (2018) o tema da sucessão é um dos maiores desafios do agronegócio na atualidade.

O SESCOOP – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, além de ter a função de monitorar e dar suporte às cooperativas no Brasil, promove ações de cunho educacional que contribuem para a interatividade e profissionalização das famílias associadas. “Em 2017, o SESCOOP-PR realizou 8.324 eventos de capacitação e promoção social, com 192 mil participantes e 107.619 horas-aula.” (Relatório de Atividades e Prestação de Contas 2017 – Sistema OCEPAR – Mensagem da Diretoria). A educação, formação e informação objetivada por estes eventos influenciaram substancialmente na evolução do produtor rural associado,motivando-o a permanecer no campo e na continuidade da produção agropecuária.

> É fundamental expor a necessidade de abertura nos canais de diálogos, pois a partir daí torna-se possível que os indivíduos se entendam parte desse todo e ainda visualizem suas competências e responsabilidades definidas de forma transparente. Dado o grau de confiança que a cooperativa desperta entre os cooperados é o fato de que os filhos acompanham seus pais em reuniões promovidas por ela, sugere-se que o tema da sucessão comece a ser abordado nesses momentos, aproveitando-se a oportunidade de incluir esse debate entre a cooperativa, os pais e seus filhos (BOESSIO, 2016, p. 158)

Aguçar no jovem a motivação de estar e continuar na propriedade com orgulho, qualidade de vida e rentabilidade requer, como visto, muitos eventos institucionais e de qualificação profissional do campo, a fim de que ele se identifique ou melhore a identificação com determinada atividade. Desse modo, é possível

inspirá-lo a continuar ou assumir a atividade agropecuária de forma consciente e responsável. De fato, sobre a presença dos jovens nas cooperativas, primeiramente é preciso que no campo haja qualidade de vida. Boessio e Doula (2017, p. 439) orientam:

> Cabe mencionar que as cooperativas agropecuárias têm um papel importante no desenvolvimento rural, pois são instituições que podem participar e influir diretamente no cotidiano das atividades produtivas de seus integrantes, com vistas a gerar ganhos econômicos e melhorias na qualidade de vida.

Não há dúvidas em relação ao esforço das cooperativas quanto à necessidade de renovação do seu quadro associativo, afinal isso é pré-requisito da sobrevivência destas instituições. Novas gerações de agricultores residindo no meio rural e trabalhando na agricultura favorecem o surgimento de novas gerações de agricultores vinculados às cooperativas agropecuárias (DREBES; SPANEVELLO, 2017).

Há, nas cooperativas agropecuárias de uma forma geral, um quadro associativo bastante heterogêneo, levando em consideração, entre outras situações: estruturas de produção, área de terras, poder de investimento, capacitação dos produtores, produtividade, mão de obra especializada, organização familiar, cultural, social e econômica. Suponha-se que essas questões estão relacionadas a uma das dificuldades de haver, de forma gradativa, uma sucessão natural das atividades, pois requer um planejamento estratégico que possa considerar toda essa diversidade e como lidar com elas a favor da sucessão – mais um dos papéis imprescindíveis das cooperativas.

Percebe-se que, devido às especificidades de cada comunidade no oeste paranaense, cada qual com suas peculiaridades religiosas, culturais, sociais e econômicas, existem dificuldades de instituições como Sindicatos Patronais, de Trabalhadores, Associações de Produtores e Cooperativas de desenvolverem um programa padrão pertinente à sucessão familiar. Justifica-se, portanto, a investigação considerando o oeste paranaense, especificamente na Cooperativa LAR para esta compreensão já que um de seus objetivos sociais é a Preocupação com a Comunidade – 7º Princípio Universal do Cooperativismo.

Em outras nações, a questão da sucessão não têm menos importância quanto ao que se estuda aqui no Brasil pelos órgãos governamentais e, como já

mencionado, pelas cooperativas. Os jovens produtores de outros países, como os da Inglaterra, por exemplo, se preocupam com o que pode ser investido na agricultura.

> Para consultores agrícolas, um entendimento mais completo do processo de sucessão é importante porque no exato momento em que a nova geração está buscando melhorar a produtividade ou a viabilidade do negócio através do investimento, a geração mais velha pode estar envolvida no desinvestimento para prover a aposentadoria. Isto é particularmente provável quando não há provisão de pensão e o negócio agrícola em sí é esperado fornecer fundos de aposentadoria (LOBLEY, 2010, p.841).

No Brasil, de forma similar, temos os produtores mais velhos que pensam na desaceleração no que se refere a trabalho e até mesmo em investimentos para que possam usufruir o que, muitas vezes, conseguiram ao longo dos anos financeiramente, por outro lado estão os jovens produtores, que procuram de alguma forma, motivação para continuarem na atividade dos pais na produção rural.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para compreender os fatores que podem determinar a sucessão e o que a identidade pode influenciar neste sentido, é necessário que haja a possibilidade de estar, ao menos por instantes, envolvido com a comunidade associativa que foi objeto de estudo deste trabalho. Conhecer de perto a área de ação da Cooperativa Lar e ter a oportunidade de estar próximo ao seu quadro associativo, principalmente dos produtores de pequena escala foi essencial para que houvesse uma visão mais sistêmica da atividade produtiva rural e dos fatores que poderiam determinar a sucessão.

O estudo de caso, como estratégia de pesquisa, oportunizou entender o real sentido dos depoimentos e respostas alusivas à entrevista semiestruturada e coleta dos dados demográficos. Os dados coletados nos relatórios e balanço social da Cooperativa Lar proporcionaram subsídios para demonstrar nos quadros apresentados neste trabalho quanto à evolução de suas atividades e o grau de comprometimento com o sistema cooperativista agropecuário.

Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa foi necessário identificar compreender a relação entre os fatores que influenciam a sucessão familiar da pequena propriedade rural e como a identidade pode contribuir para tal finalidade entre os produtores rurais da Cooperativa Lar. O Quadro 2 demonstra, de maneira resumida, o percurso metodológico para que se pudesse concluir esta pesquisa.

Quadro 2: Percurso Metodológico

Objetivos Específicos	Coleta de Dados	Unidade de análise	Entrevistados	Análise de Dados	Resultado Esperado
Identificar as características dos produtores rurais entrevistados, no que tange: tamanho da área explorada, tamanho da família, dependência financeira, empregabilidade, nível de educação e atividades desenvolvidas	Levantamento Demográfico dos entrevistados	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR,em um total de 20.	Dados Demográficos dos Entrevistados – Apêndice B	Identificar se há relação entre essas características levantadas como incentivadores da sucessão
Identificar os motivos de adesão e fidelidade com a cooperativa	Entrevista semiestruturada	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR,em um total de 20.	Codificação das entrevistas. Análise de conteúdo com apoio Atlas ti.	Compreender o significado da participação cooperativa no processo de sucessão
Identificar o grau de envolvimento do associado e família com a cooperativa	Entrevista semiestruturada e Análise Documental da Cooperativa (Relatórios de Atividades)	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR, em um total de 20.	Análise de conteúdo com apoio Atlas ti, e sistematização das categorias de análise.	Compreender se o senso de pertencimento da família com a cooperativa, influencia na sucessão
Verificar se os valores familiares estão relacionados com os valores da cooperativa	Entrevista semiestruturada e Análise Documental da Cooperativa (Relatórios de Atividades)	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR, em um total de 20.	Análise de conteúdo com apoio Atlas ti, e sistematização das categorias de análise.	Criar uma ligação entre valores familiares e cooperativistas como motivadores para a sucessão
Identificar a relação da cooperativa com a continuidade da pequena propriedade rural	Entrevista semiestruturada e Análise Documental da Cooperativa (Relatórios de Atividades)	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR, em um total de 20.	Análise de conteúdo com apoio Atlas ti, e sistematização das categorias de análise.	Compreender a importância da cooperativa para com a sustentabilidade da pequena propriedade
Relacionar os fatores de identificação do associado com a cooperativa	Entrevista semiestruturada e Análise Documental da Cooperativa (Relatórios de Atividades)	Produtores rurais de mão de obra familiar	Produtores associados que utilizam mão de obra familiar de cada uma das 13 Unidades Operacionais da LAR,em um total de 20.	Análise de conteúdo com apoio Atlas ti, e sistematização das categorias de análise.	Identificar os fatores de identificação do associado como motivadores para a sucessão

Fonte: elaboração própria

3.1 ESTUDO DE CASO

A presente pesquisa teve o intento de contribuir com o debate científico sobre a questão da identidade cooperativista e sucessão – caráter descritivo e exploratório. O estudo de caso como estratégia de pesquisa possibilitou a coleta de informações e dados preciosos que contribuíram para a compreensão dos fatores determinantes da sucessão sob a perspectiva da identidade. Yin (2001) ressalta que o estudo de caso como esforço de pesquisa, contribui de forma inigualável para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.Ainda para o autor, o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas bem como visa identificar as características de determinada população ou fenômeno.

> O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes (YIN, 2005, p.27).

O delineamento do estudo de caso como metodologia de investigação exige que se faça necessário o rigor científico para sua validação. Ele contribui para a descrição situacional de um determinado fenômeno. Além da compreensão dos fenômenos – cotidiano dos produtores rurais associados da Cooperativa LAR, a obtenção de relatórios e estatuto social da instituição complementam a fonte de dados para análise.

> A documentação, pela sua própria característica, é uma importante fonte de dados e nela as informações podem tomar diversas formas como cartas, memorandos, agendas, atas de reuniões, documentos administrativos, estudos formais, avaliações de plantas e artigos da mídia (BRESSAN, 2000, p. 11).

Uma das vantagens da utilização do estudo de caso é a sua aplicabilidade a situações vivenciadas por um determinado grupo de pessoas em seu contexto atual e real, como aos dos produtores rurais que exploram suas pequenas propriedades de terras no oeste paranaense na área de ação da Cooperativa LAR.

Esse tema envolveu questões ambíguas, sentimentos, emoções e afetividade. Tratou-se de relações, sentimentos ligados à pertença de um grupo, a ser parte de uma família. Ou seja, tratou-se, fundamentalmente, da percepção de sutilezas da realidade.

A pesquisa foi a tentativa de estabelecer relação dialógica no universo onde transita cooperado e cooperativa, incluindo perceber que a luta cotidiana pode dificultar o desejo de melhorar a sociedade por meio do cooperativismo. Isso porque, há uma possível desconfiança no processo, isolamento e troca da ação solidária pela competição de cunho predatório ou imediatista.

Para Macedo e Boava (2012), a compreensão do fenômeno e da realidade a partir da ação social significa que a organização deve ser investigada segundo este fator, sendo que esta ação é a vivência do fenômeno em si e uma compreensão melhor do estudo em questão. A identidade cooperativista está diretamente relacionada com a ação da cooperativa na construção dessa identidade. É essa construção que pode ser a base para garantir a sucessão nas propriedades.

São muitas as sutilezas que envolvem o processo de construção da identidade do cooperativismo e sucessão familiar dos cooperados e essas sutilezas precisam ser estudadas e compreendidas no âmbito de todo processo tal como ressalta Yin (2005) sobre a opção do estudo de caso quando o investigador está focado em um fenômeno contemporâneo, cujo contexto tenha um sentido de vida real, como no caso aqui estudado.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O roteiro de entrevista semiestruturado foi o principal instrumento de coleta de dados utilizado que possibilitou obter subsídios que pudessem contribuir para elucidar o principal objetivo desta pesquisa, relacionado à compreensão dos fatores que determinam a sucessão sob os aspectos da identidade. A entrevista semiestruturada foi entendida como um guia norteador e,à medida em que os entrevistados responderam as questões *“in loccus”,* foi possível observar vários fatores que contribuíram como complementação para a análise dos dados.A título de exemplo, citam-se: a entonação da voz, a emoção ao contar suas trajetórias e

vivências e até mesmo os gestos ao mostrarem, com orgulho, os locais onde vivem com suas famílias e que são as principais fontes de suas subsistências.

3.2.1 Documentos Secundários

O Estatuto Social que fez parte da coleta de dados diz respeito a um conjunto de normas que regem as funções, atos e objetivos de uma determinada cooperativa. A obrigatoriedade de estabelecimento de qualquer alteração estatutária depende de aprovação assemblear, como enuncia a Lei 5.764/71. Isso faz com que se efetive na prática, o poder democrático do quadro associativo em relação aos rumos da cooperativa. Esse documento contribuiu para amparar ou até mesmo elucidar alguns questionamentos feitos pelos entrevistados. A obtenção de um exemplar do estatuto junto à diretoria foi por intermédio da assessoria de cooperativismo da cooperativa.

O relatório anual de atividades e balanço patrimonial da Cooperativa Lar é um documento obrigatório de apresentação todos os anos por ocasião da Assembleia Geral Ordinária que depende de aprovação dos presentes para divulgação. Nesse documento, constam diversas informações, como: mensagem da diretoria, projetos e investimentos realizados no exercício anterior, aquisição de bens móveis e imóveis, evolução do quadro funcional e associativo e pareceres do Conselho Fiscal e da Auditoria. Esses importantes itens do relatório forneceram dados e informações relevantes que compuseram, juntamente com as entrevistas e dados demográficos, os resultados detalhados adiante.

3.2.2 Entrevista semiestruturada

O instrumento de coleta de dados utilizado nessa pesquisa foi a entrevista semiestruturada. O roteiro de entrevista (APÊNDICEA), está composto por duas partes. Na primeira parte, estão seis questões de múltipla escolha que tiveram por objetivo mapear o perfil do entrevistado e da propriedade. Na segunda parte, estão vinte questões dissertativas que visaram a compreensão de quais fatores foram determinantes para a sucessão familiar da pequena propriedade rural dos associados da Cooperativa LAR sob a perspectiva da identidade.

Com o levantamento demográfico dos entrevistados (APÊNDICE B), pode-se observar dados relevantes dos produtores, entre elas: idade, atividades principais, moradia, escolaridade, dependência financeira e fidelidade cooperativa. Essas

informações contribuíram para a compreensão do valor do trabalho familiar, diversificação, acesso aos produtos e serviços da cooperativa e comercialização, como contribuintes para a consolidação do processo sucessório.

Por meio dessas entrevistas, buscou-se estabelecer uma conversa informal e espontânea com cooperados da Cooperativa LAR capaz de extrair fatos relevantes do entrevistado. Procurou-se não se desviar dos objetivos propostos, mas ao mesmo tempo permitiu dar maior robustez aos dados. Esta técnica utilizada minimizou a subjetividade, considerando que o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise dos dados, contribuindo assim para a pesquisa, pois estabeleceram melhor interpretação quanto a seu principal objetivo. A liberdade do entrevistado, aliada a uma necessária e indispensável habilidade do entrevistador, fez com que houvesse maior interatividade entre as partes e de clareza das suas opiniões e assuntos/histórias que contribuíram com muita eficácia para alcançar os objetivos propostos. Houve espontaneidade nos relatos dos entrevistados, porém o entrevistador se empenhou em coletar informações que convergissem aos objetivos da pesquisa.Nesse sentido, foi permitida certa flexibilidade em relação ao roteiro da entrevista.

> Entrevistas não diretivas de uma ou duas horas, que necessitam de uma prática psicológica confirmada, ou entrevistas sem diretivas(também chamadas de plano, com guia, com esquema, focalizadas, semiestruturadas), mais curtas e mais fáceis: seja qual for o caso, devem ser registradas e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador)(BARDIN, 2009, p.93).

A entrevista é um método de investigação para obtenção dos resultados esperados com o projeto de pesquisa qualitativa. A campo, a entrevista buscou obter dos produtores rurais os fatos decorrentes das suas histórias, anseios, perspectivas, sonhos e os relatos sobre as razões que os fizeram permanecer na propriedade, juntos aos seus familiares na produção rural, assim como o que os identifica e motiva para esta continuidade. O método de entrevista semiestruturada deu subsídios para a análise, obtendo conteúdos extremamente significativos para a compreensão.

3.2.3 Levantamento de dados demográficos

Para que pudessem expressar suas características econômicas e sociais, foi aplicado um questionário aos 20 participantes da pesquisa previamente à análise

das questões dissertativas. A pesquisa demográfica teve como foco principal dimensionar essas características como influenciadoras da formação da identidade e da sucessão.

Pode-se verificar como exemplificação, a influência para sucessão, o fato daqueles associados que possuem curso superior, moradia rural ou obtiveram financiamento junto às cooperativas de crédito ou ainda que a empregabilidade na propriedade tenha sido exclusivamente familiar, se planejarem para o processo sucessório.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Ao todo, participaram das entrevistas 20 produtores associados da Cooperativa LAR, envolvendo ao menos 1 participante de cada uma das 13 Unidades Operacionais da área de ação da cooperativa no oeste paranaense. Como será constatado adiante, essa amostragem foi suficiente no que se refere à obtenção de informações e relatos que permitiram a compreensão da problemática que motiva a realização deste estudo.

Esse número previamente definido se apoia no critério intencional de escolha (MAXWELL, 2005), que foi definido com base no interesse principal da pesquisa de sistematizar categorias relacionadas aos elementos de identidade que influenciam as decisões sobre sucessão familiar. De acordo com Bauer e Aarts (2002), o processo de construção de um corpus como princípio alternativo na coleta de dados qualitativos é equivalente à amostragem estatística defendida nos métodos quantitativos.

Para que se permitisse uma melhor ordenação dos dados obtidos, utilizou-se para análise o *software* ATLAS.ti. Segundo Maciel et al. (2012), se faz necessário para assegurar a confiabilidade da pesquisa, todos os procedimentos de análise, privilegiando, desse modo, o detalhamento. Segundo os autores, o procedimento faz com que se torne possível que outros pesquisadores percorram o mesmo trajeto metodológico que foi seguido no trabalho original.

As entrevistas foram realizadas *in loco*, nas propriedades dos produtores rurais, após prévio agendamento com os entrevistados de acordo com suas disponibilidades de atendimento. O processo de formação das categorias de análise seguiu a abordagem de Bardin (2011), que permitiu a descrição e revelação de significados após codificações e categorizações de modo objetivo e sistemático.

4 RESULTADOS

Os relatos e resultados desta pesquisa se deram, como relatado, na Cooperativa LAR, com a participação de 20 associados representando todas as suas 13 Unidades Operacionais situadas no oeste paranaense (Medianeira, Missal, São Roque, Santa Terezinha do Itaipú, Itaipulândia, Ramilândia, Santa Helena, Céu Azul, Matelândia, Diamante D'Oeste, Santa Rosa Ocoy, Serranópolis do Iguaçú e São Miguel do Iguaçú).

O critério de escolha desses associados obedeceu a necessidade de terem a mão de obra familiar como principal forma de operacionalização da atividade rural, áreas de terras que se enquadram na categoria de pequenas propriedades (até 100 hectares, o que representa mais de 86% do quadro associativo da Cooperativa LAR) e a diversificação de atividades. Os entrevistados responderam a questões relativas ao levantamento demográfico e a questões abertas que oportunizaram um diálogopara conhecer o histórico do associado e suas opiniões sobre o cooperativismo agropecuário e a sucessão. A coleta dos dados demográficos e a entrevista teve um tempo de duração média de 1h30min.

Um dos fatores determinantes para compreensão do que foi proposto foi a oportunidade de estar junto aos produtores em seu meio produtivo na área de ação da Cooperativa Lar. Em algumas das entrevistas houve, inclusive, a possibilidade de presenciar o trabalho rural, o envolvimento familiar e a forma com que os entrevistados lidaram com situações corriqueiras. Em meio às questões de múltipla escolha e abertas, em algumas ocasiões, houve interrupções, por exemplo,o acionamento de um equipamento de coleta de ovos, o atendimento de uma entrega de rações da cooperativa ou até mesmo a delegação de serviço a um membro familiar.Essas ações, naturalmente exercidas pelos entrevistados,conferiram maior credibilidade e compreensão às suas respostas.

A investigação e a compreensão de forma empírica foram essenciais para obtenção de uma visão mais ampla do que influencia, dificulta ou determina a sucessão familiar da pequena propriedade rural sob a perspectiva da identidade e sua relação com a identificação do produtor rural com a cooperativa e sua atividade. Espera-se que os resultados apresentados neste trabalho possam contribuir com as ações voltadas à sucessão, desenvolvidas não somente pela Cooperativa Lar, que

oportunizou o estudo com seus associados, mas como do cooperativismo nacional de uma forma geral.

Para Bardin (2016), na investigação por inquérito, o material verbal obtido a partir de questões abertas é mais rico em informações do que as respostas a questões de múltipla escolha ou pré-codificadas. Isso demonstra a diversidade de informações que se pode obter com essa investigação, que objetiva a compreensão dos fatores que determinam a sucessão sob o aspecto da identidade.

Reiterando o enunciado anterior, a Cooperativa LAR é uma das cooperativas com a maior diversidade de produtos e serviços que refletem, na prática, uma garantia de produção variada, garantindo a viabilidade econômica das pequenas propriedades.

O Oeste paranaense teve uma ocupação nas décadas de 50 e 60 de imigrantes catarinenses e gaúchos de origem italiana e alemã e quase que na totalidade de católicos. Os laços familiares e religiosos nesta época eram extremamente fortes. Isso seguramente veio a contribuir na forma com que essas famílias enfrentaram as dificuldades no desbravamento do oeste paranaense. Dentre essas dificuldades estão a falta de energia elétrica, água encanada, acesso à saúde e educação, problemas com a legalização das terras, alto custo de vida para quem dependia de utensílios das cidades e das empresas mercantis, falta de comunicação com os demais familiares que ficaram em seus estados de origem, entre outros dificultadores.

A união familiar e fé dessas famílias persiste até os tempos atuais, notadamente nas famílias que foram entrevistadas e objetos de pesquisa deste trabalho. Há de se destacar a grande contribuição que os valores familiares e religiosidade proporcionaram a esses desbravadores e que contribuem até hoje para a continuidade das atividades desenvolvidas pelas famílias em pequenas propriedades.

Segundo Boessio e Doula (2016), tanto o sucessor precisa estar preparado para assumir novas responsabilidades e o projeto de produção familiar, quanto a família em ser sucedida. O papel das cooperativas agropecuárias como contribuinte e incentivadora neste processo é vital para o sucesso do empreendimento rural. Os relatos dos entrevistados a seguir ratificam essa importância.

Porém, é imprescindível no processo de sucessão que quem está no comando saiba o que tem à mão e o que poderá ser produzido e para quem

produzir. Nesse caso, o papel da Cooperativa LAR como contribuinte para a sucessão se faz pelos seus projetos integrados com essas atividades desenvolvidas nestas pequenas áreas de exploração agropecuária.

Para a totalidade dos entrevistados, o trabalho conjunto familiar e a transmissão de conhecimento de pai para filho foram vitais para a sucessão gradativa e sem grandes dificuldades. O conhecimento adquirido pelos filhos nos eventos técnicos organizados pela Cooperativa LAR contribuiu para a construção da identidade do sucessor, além do poder de capacitação. De acordo com a pesquisa realizada pela ADEP, para o XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (acessado em 2018), a qualificação técnica do agricultor acontece, principalmente, junto à família. O saber é passado de pai para filho e é renovado e atualizado (necessidade).

Cada uma das 20 famílias entrevistadas tem sua característica própria, seja pela localidade de residência, por etnia, classe social ou religiosa. Porém, foi consensual a opinião de que os projetos e ações voltadas à sucessão precisam ser melhorados e adequadamente implementados, sob o risco de descontinuidade do processo produtivo no campo.

Foi necessária a composição de 47 códigos no *software* ATLAS.ti para permitir a análise de conteúdo das entrevistas e documentos relacionados. Desse total de codificações, resultaram7 categorizações e 969 citações ou trechos textuais, representando 20.61 citações por código.

4.1 MOTIVOS DE INGRESSO E PERMANÊNCIA NA COOPERATIVA LAR

A primeira questão de abordagem dos entrevistados se refere especificamente aos motivos que levam o produtor a se associar e permanecer na Cooperativa LAR. Com apoio do *software* Atlas ti., foi possível montar uma rede de respostas e depoimentos sobre esse tema, bem como, para cada um dos depoimentos,com seus respectivos detalhes de contribuição para análise. As questões sobre o levantamento demográfico bem como as que nortearam as entrevistas se encontram no Apêndice A deste trabalho.

Os motivos que levam um produtor rural a se associar a uma cooperativa vão desde a falta de opções mercadológicas para seus produtos, de garantia de recebimento e de assessoria técnica até a consciência cooperativista e necessidade econômica e social.

Para os filhos de cooperados que já estão na atividade e, de certa forma, acompanham o dia a dia na propriedade e o relacionamento do pai com a cooperativa. Tornar-se associado é um processo natural, sem que haja qualquer estranheza ao ingresso. Por outro lado, aqueles que adquirem propriedades rurais na área de ação da cooperativa provindos de região onde a cultura cooperativista é menos trabalhada e estudada enxergam a cooperativa agropecuária apenas como mais uma empresa que adquire a safra e vende insumos. Isso difere, porém de muitos produtores associados da Cooperativa Lar, que a tem como um meio de novas oportunidades e segurança.

> A cooperativa Zanin deu muita oportunidade para o pequeno proprietário sobreviver porque é uma oportunidade de dar continuidade – da sucessão. Na realidade é o que a gente discute a oportunidade que a cooperativa dá e segundo é a confiança. Dou importância da cooperativa com a preocupação com a comunidade que é o sétimo princípio. E isso você não vê nas empresas mercantis. Porque na realidade a preocupação das mercantis é vender ter resultado (Entrevistado 14).

As cooperativas exercem um papel importante e obrigatório na educação, formação e informação de seus sócios, especialmente aqueles que recém ingressaram. A cultura cooperativista não é implementada de forma súbita.É necessário que haja um longo processo de educação e capacitação desses novos associados e daqueles que em seu próprio quadro associativo notam a necessidade de melhores informações acerca da instituição. O reconhecimento do suporte dado pelas cooperativas é observado nos depoimentos dos Entrevistado 6 e 10:

> Eu me sinto confiante na cooperativa a empresa nunca me deixou na mão eu posso deixar meu produto e sei que ninguém vai me dar calote ou outro problema – são 18 anos como cooperado eu jamais me senti inseguro – a honestidade e importante porque eles falam o que preciso(Entrevistado 6).

> Eu sou associado acho que pela afinidade que tenho com as pessoas lá a forma de trabalhar que eles tem, segurança, tradição a família já vem trabalhando lá – já a gerações a forma de trabalhar que a gente gosta a gente vê que é um trabalho diferenciado das cooperativas – a gente está numa região que tem várias empresas mas é diferente – eles tem assistência técnica a facilidade de acesso o investimento que ela faz nas pessoas então eu responderia isso aí (Entrevistado 10).

Independentemente da faixa etária dos entrevistados, a oportunidade de diversificação e segurança que a cooperativa transmite à comunidade associativa é o que atrai novos associados e faz com que, principalmente os mais jovens,

enxerguem na atividade rural uma ótima oportunidade de renda e de perspectiva de crescimento profissional.

4.2 IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO NOS EVENTOS DA COOPERATIVA LAR.

Participar dos eventos técnicos ou institucionais da cooperativa, além de levar conhecimento ao associado e seus familiares, contribui para a construção da identidade do produtor associado e o faz perceber que as ações da cooperativa neste sentido são reflexo da sua movimentação econômica para com ela.Parte do resultado é destinado para o FATES – Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (obrigatoriedade legal de destinação de, no mínimo 5% das sobras de exercício) que tem, em um dos seus objetivos estatutários, a informação e capacitação do seu quadro associativo e familiares.

O conhecimento mínimo no que se refere à importância da cooperativa para a pequena propriedade rural e para a comunidade como um todo determina o interesse dos produtores rurais a se associarem, segundo dados das entrevistas.

Segundo Schneider (1999), a importância da educação cooperativista se trata de um dos maiores pilares e que é mantenedor da continuação de uma cooperativa, devem ser destinados por esta, recursos à educação.

A credibilidade da cooperativa perante o quadro social provém de suas ações voltadas não somente à prestação de serviços, mas também de sua capacidade de informar e capacitar, preparando assim, naturalmente, os novos associados e as futuras lideranças que construíram suas identificações neste processo cooperativista.

Há um interesse substancial dos entrevistados associados quanto à importância da participação nos eventos realizados pela cooperativa. A maioria sente também a importância da participação da família em eventos específicos, mesmo que não sejam diretamente relacionados ao agronegócio. Como pode ser observado no depoimento a seguir, o Entrevistado 13 reconhece o papel dos treinamentos da cooperativa em seu desenvolvimento pessoal:

> Na minha região, as mulheres não estão muito interessadas e não tem noção dessas vantagens, não se preocupam em treinamentos e as vantagens da cooperativa. Eu tive crescimento pessoal aqui na propriedade por participar destes eventos da cooperativa (Entrevistado 13).

Segundo os entrevistados, os eventos organizados pela cooperativa, sendo muitos deles com o apoio do SESCOOP, trazem informações relevantes para a melhoria nas condições de gestão e produção de suas atividades. Além da capacitação dos associados e momento de interação entre os participantes, estimula-se que os mais jovens criem suas próprias percepções, que muitas vezes não são as mesmas oriundas do aprendizado com os pais.Esses eventos contribuem diretamente para a sucessão familiar pois muitas vezes a família participa e se compromete com a causa rural conjuntamente. Cria-se, assim, um laço mais forte entre a cooperativa e a família associativa. A participação conjunta da família é evidenciada no relato do Entrevistado 3:

> A gente participa de todos os eventos da cooperativa.Como eu sou liderança eu participo do comitê central.Os cursos dos comitês dos suínos, grãos e aves que a gente tem daí eu participo. Participamos das assembleias gerais.Até uns dois anos atrás meu pai era do cooper leite, ele sempre foi liderança e por causa dele eu passei a ser liderança, mas meu pai participou mais e das assembleias todos participam.Agora estou levando minha mãe para participar do grupo das mulheres (Entrevistado 3).

A comunidade local é também beneficiada quando há a sucessão da atividade rural, uma vez que,segundo Matte e Machado (2016), a ausência de sucessores na agricultura familiar tende a gerar incertezas no que diz respeito não apenas à continuidade das famílias e das atividades produtivas, mas também das comunidades rurais, as quais gradativamente perdem sua população e passam a sentir os reflexos dessa mudança sobre as dinâmicas sociais. Desse modo, essas pessoas migram para os grandes centros, que absorvem de alguma maneira esse grupo social.

> Os eventos são importantes porque agrega a cooperativa tem um digamos assim ela trabalha com todas as empresas então ela trabalha com um leque muito grande a gente vê que é diferenciado (Entrevistado 10).

Como dito anteriormente, essas milhares de propriedades do oeste paranaense não necessitam de meros herdeiros e sim trabalhadores rurais que a sucedam, com profissionalismo e competência a fim de continuarem gerando

empregos, renda, desenvolvimento e que contribuam para a existência da própria cooperativa.

Esses eventos, para a maioria dos entrevistados, são uma oportunidade de aprenderem também a respeito da gestão da propriedade, a fim de que cada vez mais os custos diminuam, a renda e a produtividade aumentem e novas oportunidades apareçam, tornando a atividade rural uma fonte sustentável de renda.

4.3 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS EVENTOS DA COOPERATIVA

Quando questionados sobre a importância da participação familiar nos eventos da cooperativa, a maioria dos entrevistados defendeu que suas esposas e filhos têm que estar envolvidos desde cedo com as atividades da propriedade, bem como participarem dos eventos da cooperativa. Em especial, os entrevistados que tinham de alguma forma a ajuda dos filhos na propriedade incentivaram a participação em algum programa de educação ou capacitação que os faça estarem mais preparados para o processo de sucessão da propriedade. No depoimento do Entrevistado 8, nota-se a importância dada ao processo de capacitação de jovens exercido pela cooperativa:

> A Lar tem um trabalho muito importante com jovens e meu filho que hoje tem 10 anos não pode ir ainda – mas quando puder ele será o primeiro da fila – porque eu estive lá eu participei meu irmão participou. Não existe trabalho melhor que a cooperativa faz do que esse com o jovem. A gente não esquece até hoje do que a gente aprendeu (Entrevistado 8).

Existem ainda alguns relatos importantes dos entrevistados, relacionados à presença acessível dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal e a Diretoria Executiva nesses eventos e cursos. Dessa forma, é possível realizar trocas de informações e esclarecimentos de assuntos de interesse da cooperativa e dos cooperados.

4.4 IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA COM OS VALORES DA COOPERATIVA LAR.

Os valores da Cooperativa LAR estão amparados pelos Princípios Universais do Cooperativismo e os valores estabelecidos pela ACI - Aliança Cooperativa Internacional.Conforme divulgado no Relatório Social da Cooperativa do exercício de 2018, a Missão da Cooperativa LAR é promover o desenvolvimento econômico e social dos associados e comunidade, de forma sustentada, através da agregação de

valores à produção agropecuária. Como visão, tem-se:ser a melhor cooperativa agroindustrial do Brasil, sendo percebida pelos clientes através da excelência de seus produtos e serviços. Já seus valores estão relacionados a: respeito às pessoas e ao meio ambiente,ética e honestidade,compromisso com resultados, inovação e aprendizado contínuo,integridade com fornecedores, clientes e comunidade e crença em Deus.

Missão, visão e valores de uma cooperativa além de corresponderem ao que se prega no mundo em relação ao cooperativismo, necessitam convergir aos valores familiares e das comunidades em que atua. Caso contrário, a divergência constatada entre os objetivos e os princípios do cooperativismo não confeririam legalidade à sociedade cooperativa.

O crescimento da Cooperativa LAR, de cerca de 20% ao ano, segundo dados obtidos na OCEPAR, preocupa alguns produtores, conforme relatos. Um dos fatores que resulta em credibilidade e segurança dos produtores é a proximidade com os gestores e dirigentes da cooperativa que sempre oportunizaram essa acessibilidade.

As famílias estudadas pela pesquisa têm mão de obra familiar e foi facilmente observável que a maioria dos jovens que assumiram as atividades dos pais já tiveram envolvimento desde cedo com a produção, aumentando assim, os laços e valores familiares. Desde muito cedo, os jovens já participavam junto com seus familiares das reuniões comunitárias, eventos técnicos, na igreja e na cooperativa. Tratavam do assunto de organização da produção, comercialização, destino dos resultados, investimento, mudança de atividade sempre de forma conjunta. Essa participação na atividade rural desde muito cedo fez com que naturalmente houvesse uma identificação muito forte dos jovens com a atividade rural. A identificação com a atividade rural não seria possível, entre outros fatores, sem a devida vivência, aprendizagem com os pais, convívio desde cedo na produção agropecuária familiar. Muitos deles, porém, ao longo do tempo, deixaram a atividade rural para trabalharem nas cidades com outras profissões. Os que lá permaneceram, o fizeram por encontrarem na atividade e moradia rural um meio de subsistência e de qualidade de vida – criaram, com o passar dos anos, suas identidades no meio cooperativista, inclusive. Várias famílias enxergam a cooperativa como sendo suas próprias casas, um local onde acontece encontros familiares e de pessoas que, com o convívio contribuem para a consolidação da identidade do produtor.

> [...] a gente se identifica com a cooperativa porque é tudo aqui – a gente leva segurança pra casa e a cooperativa também confia na gente – plenamente na gente tem que ser sócio uma mão de duas vias tem que ser bom para a cooperativa e para o sócio também. (Entrevistado 6).

> A gente vê que a cooperativa em si já se diz que é uma família – eu acho que é uma família que se identifica com a nossa eu acho que sempre identifiquei desde novinho. A cooperativa sempre identifica com a gente (Entrevistado 12).

Silva e Nogueira (2001) descrevem que a psicologia social tem entendido identidade como um fenômeno social, resultante dos significados provenientes das interações mantidas pelo indivíduo em sua vida em coletividade. Ela passa a ser um atributo sócio-cognitivo: não é nem inata nem exclusiva ao indivíduo. Para os autores, os grupos também teriam identidade. De fato, por meio de processo de identificação, a identidade do indivíduo estaria relacionada estreitamente com a identidade dos grupos e organizações em que ele se relaciona. Por fim, que a identidade também poderia ser entendida como tendo uma natureza reflexiva: do modo a pessoa se vê seria o seu autoconceito.

É possível que esteja ocorrendo uma “desconstrução” de identidade com as famílias dos produtores da agricultura familiar, face às prévias informações obtidas em órgãos como a OCEPAR (2019), OCB (2019) e SESCOOP (2019), que são instituições ligadas diariamente com as cooperativas agropecuárias. Cada vez menos, o processo sucessório da agricultura familiar está ocorrendo de geração para geração. Ações estão sendo planejadas por estas instituições para que haja apoio às cooperativas nos projetos direcionados à sucessão.

4.5 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NAS ATIVIDADES RURAIS

Além das entrevistas realizadas com as famílias dos produtores, foi observado em suas propriedades a importância do trabalho conjunto familiar. O que chamou a atenção foi o fato de não haver idade mínima para se iniciar uma responsabilidade no campo. Crianças filhas de produtores sempre têm seus afazeres que vão desde varrer um quintal ou jardim a alimentar seus animais de estimação. A responsabilidade e comprometimento com o trabalho familiar se inicia cedo no campo, como evidenciado no depoimento do Entrevistado 6:

> São 4 gerações na mesma propriedade.Todos ajudam. Quanto à importância nesta propriedade em relação a ajudar, é muito importante eles vão começar a virar gente batalhadora desde agora e que amanhã ou depois não vão estar aí, sabe? Vão pegando gosto pela coisa e aprendendo a ter responsabilidade e ter as tarefazinhas dele e isso ajuda a aprender.Eles gostam de brincar nesta idade deles, mas eles fazem as atividadezinhas dele, então isso é tranquilo, tranquilo (Entrevistado 6).

De acordo com Matte e Machado (2016), o afastamento dos filhos das propriedades, bem como das tomadas de decisões e da administração dos negócios, resulta no despreparo destes para a atividade produtiva familiar. Dessa forma, há embasamento teórico sobre a importância de que a família se encontre unida na propriedade, inclusive com divisão de trabalhos entre os familiares para que a sucessão aconteça naturalmente,uma vez que a identidade com a atividade é construída ao longo do tempo. Os autores ainda enfatizam que se esses jovens não tiverem motivos concretos para continuar na atividade, acabam por serem desestimulados a ver a vida no meio rural como viável e sustentável, no sentido de permitir a sobrevivência do grupo familiar. A importância da participação familiar, principalmente ainda na juventude, evidencia-se novamente nos relatos dos Entrevistados 9 e 15:

> A participação familiar é muito importante eu sou suspeita de falar, mas se eu não tivesse iniciado desde jovem ele hoje não teria coragem de deixar as coisas na minha mão. Se eu chegasse de gaiato no navio nunca que eu tinha conquistado (Entrevistado 9).

> Nossa a participação da família na produção e tendo ajudar no que eu posso, até mesmo a fazer um café um almoço ir na cooperativa ir buscar algo.Como eu tenho meus dois pequenos, eles pediram para eu focar nos meus filhos, e meus irmãos ajudam com a produção e eu cuido também dos meus pais e eles focam na produção. Quando a gente tem uma doença, por exemplo, a gente vê a importância da união familiar – e como a gente se une por conta disso e a gente aqui a gente não tem problemas quanto a isso não (Entrevistado 15).

O fato de todos os integrantes familiares estarem comprometidos e preocupados com a atividade rural, no que diz respeito à produção, condução, comercialização, gestão da atividade, finanças e custo, naturalmente contribui para que haja a identificação de quais membros familiares estão aptos ou podem desenvolver afinidade com o processo produtivo, bem como criar motivação, gosto, aptidão e a própria identidade com esse ou aquela etapa operacional, facilitando a ocorrência natural da sucessão familiar.É na família o palco principal da construção da identidade (BAUER; MESQUITA, 2007).

O comprometimento não significa, necessariamente, "colocar a mão na massa", mas estar de alguma forma, atentar-se ao que ocorre na atividade familiar, seja no tocante a estar diretamente ligado operacionalmente, ou estar de longe do processo, mas envolvido de alguma forma.Outro processo importante é a diversificação que, segundo Weymer et al. (2018), é um instrumento importante de fixação das famílias no campo, porque é geradora de renda e de trabalho.

4.6 PLANO DE SUCESSÃO FAMILIAR

A maioria dos associados entrevistados relataram que gostariam que houvesse a sucessão de suas atividades por membros familiares. Alguns, porém, se preocupam com o futuro da atividade pelo fato de que os filhos se profissionalizaram em outras atividades não ligadas ao agronegócio. Famílias com atividades desenvolvidas por vários integrantes familiares já observam que a sucessão será de forma natural, porque os filhos demonstram interesse e identificação com a produção rural, como observado no relato do Entrevistado 2:

> A questão da sucessão veio natural assim: o Fábio estava pequenino e estava junto e depois continuou.Ele foi estudar e um dia convidaram ele para participar do CDT da Lar e ele começou a gostar e aí não sei se fizeram a cabeça dele, mas a gente fala do mesmo assunto e pessoas que tem a mesma situação e que são parecidas com as mesmas coisas que a gente tem a gente vai trocando ideia [...] (Entrevistado 2).

Abramovay (1998) enfatiza que o processo sucessório e a formação da nova geração de agricultores parecem obedecer a uma espécie de automatismo: a agricultura familiar gera novos agricultores familiares. Está na família a grande escola que forma e capacita os novos gestores da agricultura familiar. Mesmo que haja um planejamento específico por parte das famílias em relação ao processo sucessório, este deve estar direcionado aqueles que têm determinada identidade com a atividade, aptidão para administração rural e produtiva. Caso contrário, como dito anteriormente, haverá “herdeiros” e não sucessores. Os produtores, na medida do possível criam ou buscam oportunidades de novos projetos, principalmente junto à cooperativa para que haja motivação dos filhos continuarem na propriedade.

> Quanto a sucessão a gente por enquanto única coisa é aumentar a produção prá eles irem crescendo prá segurar eles perto da gente – o mais velho vez 19 anos e fez 6 meses de agronomia – e não gostava de estudar e sempre reclamando prá mim e ele chegava do estudo e já ia prá lida e largou a faculdade e está aqui agora fazendo o que gosta - não tem como ficar aqui sem ele (Entrevistado 7).

Para Abramovay (1998), a perspectiva da sucessão profissional interfere de maneira importante nos comportamentos gerenciais e produtivos de qualquer empresa familiar. Uma unidade produtiva sem sucessores ou até mesmo um projeto de sucessão dificilmente contará com investimentos em capital, por exemplo, tão necessários ao seu desenvolvimento.

4.7 CONTRIBUIÇÃO DA COOPERATIVA NO PROCESSO DE SUCESSÃO

Não há como suceder algo que não tenha, de alguma forma, algum tipo de perspectiva ou garantia reais de rentabilidade a longo prazo. A Cooperativa LAR com seu processo de diversificação de atividades foi várias vezes citada pelos entrevistados como sendo um desses garantidores de continuidade da produção rural da agricultura de mão de obra familiar. Suinocultura, aves de corte e postura, por exemplo, são atividades que dão renda praticamente mensal aos produtores. A percepção da contribuição da cooperativa no processo de sucessão é evidente no relato do Entrevistado 1:

> A cooperativa contribuiu neste contexto. Não posso reclamar da cooperativa porque no começo ela ajudou bastante, me incentivaram na produção.Os técnicos chegavam aqui e dava conselho – tinha um técnico que sentava aqui e falava com a gente.Eles pegavam no pé dos moleque para que trabalhassem, ficava horas conversando com a gente.Esses técnicos da cooperativa contribuiu para gente crescer como produtor.Eles falavam assim: olha, sou seu amigo, quero você como filho, e vocês tem que fazer assim, assado.Eles pegavam no nosso pé para o bem, falava quando estava errado.Hoje não tem mais isso, a gente sente falta.Virou muito econômico as coisas.Sinto falta da parte amigo da cooperativa (Entrevistado 1).

Também segundo os entrevistados, as estruturas de produção foram, na maioria, financiadas pela própria cooperativa, com pagamento de acordo com a produção. Esses projetos integrados têm duração em média de 10 anos e garantem a renda e empregabilidade do produtor. Os cursos e reuniões da cooperativa são uma oportunidade para que os cooperados e seus familiares conheçam os projetos e decidam sobre entrarem em novos projetos de integração.

> A Cooperativa incentiva a isso.Inclusive, a cooperativa tem curso com os pais, com as mães e com os jovens.Eu já fiz com os filhos e agora está separado. Nos coopers tem as palestras (Entrevistado 19).

Vale ressaltar o papel de uma cooperativa no que se refere à manutenção da agricultura familiar, por meio de ações que visam a permanência do jovem no campo e a formação dos futuros associados. Foi identificado que o principal mecanismo capaz de viabilizar a pequena propriedade e manter as pessoas no campo é a diversificação de atividades dentro da propriedade e uma estrutura na cooperativa capaz de verticalizar esta produção (MOREIRA et al., 2018).

A Cooperativa Lar é um dos principais ou talvez o principal instrumento de viabilidade de continuidade da produção, especificamente para os proprietários de pequenas áreas de terras. Além da empregabilidade gerada, que na atualidade, gira em torno de 9 mil pessoas com carteira assinada, a cooperativa oportuniza os empregos indiretos e à campo toda a estrutura necessária para a produção. São situações como essa que o jovem vê no agronegócio regional, uma oportunidade de continuar no oeste paranaense e próximos às suas famílias.

> Não só a cooperativa, mas o próprio sistema sindical você sempre vê falar sobre sucessão familiar e dentro da cooperativa mesmo que ela traga alguma coisa nesse sentido, como palestra e pessoas que trabalham nesta hora.Mas vejo que tem acontecido mais rápido por causa da diversificação, porque o pai monta uma atividade para o filho então o filho toca. Isso é mais rápido na cooperativa (Entrevistado 14).

> Quanto a sucessão, 'seu'Zanin, faz 42 nos que moro aqui e meus filhos nasceram aqui nessa casinha aqui. Nois tinha terra no Paraguai e foi vendido lá e cada um tem um pedaço de terra, mas trabalhando junto nunca nois falo que ia dar terra e trabalhar desunido isso não. Nois compro terra prá lá de alta floresta e não deu certo e voltamo de volta prá casa do pai e tamo aqui até sabe Deus. No plano Collor nois perdeu muita terra. Então agora a gente vai ficar junto de vez porque tem projeto de aviário e chiqueiro então tem trabalho prá nois. Eu tenho participação e vamo ficar junto (Entrevistado 11).

> A cooperativa ajuda bastante neste processo porque, quando a gente é adolescente, a gente quer andar no fluxo, não quer ser diferente. Porque diferente sofre, eu tinha vergonha de dizer que morava no sítio, que ajudava a mãe a tirar leite, no tempo da escola.No final, quando eu participava dos trabalhos e cursos da cooperativa, eu passei a gostar, mas perante a sociedade a gente tinha vergonha.Quando a gente ia em algum hotel eu falava que era estudante, mas depois dos trabalhos que a cooperativa fez, meus pais falavam dessa importância e a gente respeitava, mas perante a sociedade a gente tinha vergonha.Mas com os trabalhos fortes que a cooperativa fez, a gente passou a ter orgulho de ser produtor e mostrar para a sociedade isso(Entrevistado 3).

Comprometer a continuidade da produção rural, seja por problemas de adversidades climáticas ou situação econômica do produtor que tenha que vender a propriedade para saldar dívidas, ou por falta de herdeiros que queiram suceder a propriedade, seja qual for o motivo não somente afeta de certa maneira a família dos produtores, como também o risco de continuidade das cooperativas agropecuárias, especialmente as do oeste paranaense. Quase90% dos associados da Cooperativa Lar são formados por associados que têm até 100 hectares de terras e dependem da diversificação e mão de obra familiar para sobrevivência. É importante ressaltar a preocupação da Cooperativa no que se refere a ações que possam ser destinadas a contribuir, seja em questões jurídicas, cursos e treinamentos sobre sucessão.

4.8 CONTRIBUIÇÃO ECONÔMICA DA COOPERATIVA PARA A COMUNIDADE

É evidente a contribuição do cooperativismo para o desenvolvimento nacional. Para tanto, basta percorrer a região do Oeste paranaense. A riqueza econômica gerada por esta região provém, quase em sua totalidade, do agronegócio, seguido pelo turismo. Realizar ações que possam dar continuidade no processo produtivo no

campo não é obrigação apenas das cooperativas, mas de órgãos que possam de alguma forma contribuir com este propósito.

As empresas familiares, dentre as quais estão incluídas a maioria das propriedades rurais familiares, têm grande importância para a economia nacional, sendo sua continuidade fundamental para o desenvolvimento do país. Para Faccin e Schmidt (2013), as razões para que a sucessão na empresa familiar ganhe importância no momento atual parecem claras quando relacionadas com as possibilidades da sua contribuição ao processo de transformação do país.

A Cooperativa Lar não somente contribui no presente para a sucessão, como também auxilia a longo prazo. Com compromissos assumidos de fornecimento de alimentos no mercado interno e externo a longo prazo, elas têm no seu quadro associativo, principalmente os de pequena propriedade que são a maioria no processo de diversificação, a garantia de cumprimento, gerando com isso, também a campo, a continuidade a longo prazo das atividades. A importância da cooperativa para a economia familiar é notada no depoimento do Entrevistado 2:

> A renda da participação na propriedade depende exclusivamente da cooperativa. A gente tem a estrutura e a mão de obra e eles vem com assistência técnica e vem buscar a produção e quando vem buscar a gente depende de mão de obra externa (Entrevistado 2).

> A renda que a gente tem aqui depende tudo da Lar o nosso vinculo total é com a Lar e a gente prioriza o que é nosso então a gente entrega ali(Entrevistado 8).

Também foi necessário conseguir juntos aos entrevistados informações relativas a suas dependências econômicas, relacionadas com suas participações na Cooperativa LAR. Essa fonte de dados contribuiu para relacionar a dependência dos produtores rurais com a estabilidade da cooperativa. Obrigatoriamente, os dirigentes das cooperativas têm que relacionar o crescimento da instituição com a evolução do quadro social na mesma proporcionalidade.

São milhares de famílias que têm na Cooperativa LAR sua única fonte de dependência financeira, seja pela prestação de serviços ou pela entrega de produtos agropecuários. Para que a cooperativa consiga atender esse compromisso, faz-se necessário um planejamento estratégico eficaz. Em qualquer cooperativa, isso é possível somente quando há uma comunicação muito próxima com o quadro social.

Os entrevistados compreendem a importância da fidelidade cooperativa, desde que seja de forma recíproca. A confiança e credibilidade se faz ao logo do

tempo,pelas ações de cada parte na cadeia do agronegócio. A percepção da importância da fidelidade cooperativa é evidenciada no relato do Entrevistado 4:

> Nóis negocia tudo com a Lar os produto. Nóis chega lá e tipo eles sabem que somos fiel e tem dez por cento de desconto para quem é fiel e nóis sempre pega tudo lá.A gente vê vantagem na fidelidade porque tem desconto e se for assim analisar de que se agente entrega for a gente perde.Um dia, o Giacomo fez as contas pra mim e me provou que nóis sendo fiel, nóis ganha muito mais. Fernando, ele disse: vocês ganham mais aqui, vou te provar e no final vocês ganham retorno. Ele provou pranóis, fora a questão da segurança que tem(Entrevistado 4).

4.9 PRODUTOS E SERVIÇOS DA LAR

A proximidade do associado na cooperativa se faz também através de seus produtos e serviços. É no dia a dia na cooperativa que o associado estreita o laço, busca informações acerca do agronegócio, recebe orientações do corpo técnico e melhor se capacita para o avanço tecnológico e as exigências mercadológicas. A demanda dos associados em insumos agropecuários requer uma pesquisa ampla e muita proximidade no campo (através dos técnicos) para que suas necessidades sejam atendidas pela cooperativa.

“Novas gerações de agricultores residindo no meio rural e trabalhando na agricultura favorecem o surgimento de novas gerações de agricultores vinculados com as cooperativas agropecuárias”. (DREBES; SPANEVELLO, 2017).Nesse sentido, é importante ressaltar a importância dos produtos e serviços da cooperativa para essa consolidação citada pelos autores.Além disso, o papel que a cooperativa deve desempenhar, como instituição mediadora no acesso tecnológico dos jovens, de suas famílias e da população local. Essas facilidades de acessibilidade muito contribuem com a valorização simbólica do espaço e das profissões tradicionalmente rurais. Seus produtos e serviços, tem que vir ao encontro das necessidades dos produtores, necessariamente.

> Tudo que a gente precisa da cooperativa os recursos a gente tem – a gente entrega lá e compra muito no mercado a parte de farmácia nem tudo tem lá mas o resto que a gente precisa ela tem tudo que a gente mais precisa (Entrevistado 18).

O associado quer ter a percepção de que em sua empresa cooperativa há o que precisa para a produção, desde insumos à assistência técnica. Isso resulta

também em benefícios diretos para o município onde a cooperativa está instalada, com o recolhimento de impostos que retornam para a região.

Uma das questões da entrevista feita com os associados foi em relação às suas opiniões quanto aos produtos e serviços da cooperativa. Alguns relatos importantes, como os depoimentos dos Entrevistados 20 e 2, a seguir,evidenciaram que, além da qualidade e bons preços, a cooperativa contribui para a consolidação do produtor no campo.

> Essa integração que a Lar tem de chiqueirão frango ajuda a manter o homem na propriedade. Tem empresa que oferece um pouco a mais que a cooperativa, isso é normal.Na hora da venda também a gente tem que pensar assim, mas tem a questão da segurança. A cooperativa me atende aqui essa cooperativa aqui tem um pouco de material tem um leque muito bom de insumos (Entrevistado 20).

> A cooperativa atende as necessidades do produtor rural sim.Há uma preocupação da cooperativa na genética de suínos: eles conseguiram colocar medicamente na ração melhorando o produto.A própria cooperativa produz a ração. Quando há algum problema em uma das fábricas, eles se organizam(Entrevistado 2).

Ademais, o Artigo XII do Estatuto Social da Cooperativa estabelece: “Promover serviços técnicos para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da produção agropecuária” (LAR COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2018).Assim, esse tipo de suporte da cooperativa faz parte da sua obrigatoriedade estatutária que foi deliberada em ato assemblear, resultante do interesse do quadro associativo.

4.10 OPINIÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES RURAIS

“Diversificação da propriedade, meu Deus, é tudo. Para a sucessão, foi fundamental fator fundamental, não somente para mim, mas para muitos jovens continuar. Foi só por causa disso que a gente continuar.Na pequena propriedade só com a diversificação que pode continuar é fator fundamental.” Foi com esta ênfase que um dos entrevistados (n.9) desta pesquisa respondeu ao questionamento sobre a opinião dele quanto à diversificação e o que isso representa para a pequena propriedade rural.

> A diversificação é muito importante para pequeno produtor. Eu e meu irmão vivemos disso aqui, duas famílias, e sobra o dinheiro da lavoura para fazer investimento. Eu sempre estou na cooperativa. Vou lá pelo menos três vezes por semana. Já passo lá e daí já converso com gerente para ver como está as coisas. A Lar, na questão de diversificação, ajuda a sobreviver, porque o pequeno produtor rural de grãos não sobrevive. Uma pequena propriedade rural hoje não é sinônimo de pequeno produtor. Uma pequena propriedade pode ser um grande produtor de frango ou de suíno. Por conta dessa diversificação, hoje isso é possível (Entrevistado 8).

Seja qual for a atividade a ser sucedida, é necessário que haja interesse e motivação de quem assumirá o negócio familiar. Principalmente os jovens empreendedores da atualidade se preocupam com as novas tecnologias e de que forma isso pode acarretar melhores condições de ganhos para o negócio que estão assumindo. No campo, tal como na cidade, essas necessidades de sobrevivência, conciliada com novos produtos e serviços, fazem com que os jovens se sintam mais motivados em continuar a atividade da família. A policultura tem sido uma grande aliada das famílias que querem que algum membro familiar assuma os negócios com garantias de um longo processo de continuidade. As várias culturas em uma mesma propriedade fazem com que as adversidades climatológicas ou de baixa remuneração de uma determinada atividade não comprometam toda a propriedade, por conta do equilíbrio de outras que possam estar em um melhor período de produtividade e preço. A diversificação das atividades traz consigo garantia de empregabilidade e possivelmente de melhores ganhos, dando oportunidade para que o jovem produtor, por exemplo, continue na atividade.

> A diversificação se apresenta como um instrumento poderoso de fixação das famílias no campo porque é capaz de gerar trabalho e renda, porém, ela esbarra em algumas dificuldades, como a descapitalização e/ou a falta de garantia real junto aos agentes financeiros na obtenção de crédito para viabilizar a implantação de novos projetos; a falta de qualificação e conhecimento técnico para implementar gerenciar outras atividades; e a carência de assistência técnica para desenvolver e coordenar a implantação e gestão de novas alternativas para os produtores (MOREIRA et al., 2018, p. 13).

As cidades visitadas em que residem os entrevistados desta pesquisa demonstram a importância do agronegócio, o que ele propicia aos municípios principalmente em relação à empregabilidade. A diversificação na lavoura é extremamente importante e necessária à sobrevivência da pequena propriedade rural, afirmando pelo que pode ter sido presenciado nestes municípios visitados e a campo. Essa diversidade de produção gera riqueza não somente acampo, mas

também aos municípios que fazem parte. Percebe-se a grande movimentação econômica que há nestas cidades. No entanto, a diversificação requer planejamento, investimentos, garantias de assessoria técnica e comercialização da produção e mão de obra especializada.

Neste contexto da cadeia do agronegócio é que foi observado a relevância de duas instituições, cooperativa e família, cada qual desempenhando seu papel na cadeia do agronegócio. É fato que há, na região do oeste paranaense, várias empresas mercantis atuando na recepção de produtos agropecuários e venda de insumos, mas nenhuma delas tem uma diversidade de produtos que possam contribuir com tanta eficácia para a garantia de sobrevivência do produtor e empregabilidade (principalmente dos familiares) como uma cooperativa. Schneider (2005) reforça que nenhuma organização mundial é capaz de atender, como as cooperativas, as necessidades econômicas e sociais das pessoas que pertencem ao seu quadro associativo.

> A diversificação é uma maravilha. Pensa, usando agora este ano: como um produtor pequeno vai sobreviver só com soja? Colhendo 50 sacos de soja por alqueire, se eu tivesse que viver de soja hoje, como seria? A diversificação tem seus problemas sim, tem altos e baixo. Por exemplo, o ovo agora tá baixo, mas mesmo assim eu consigo me sustentar mesmo não estando bom.Se eu não tivesse a diversificação como eu iria fazer? Como eu iria sobreviver? (Entrevistado 13).

> É fundamental a diversificação. Quanto mais diversificada, você diminui a margem de erro. Por isso que a gente tá partindo pro aviário: a gente passou por uma crise danada lavoura.Tem suas oscilações, todas as atividades, mas quanto tem várias isso equilibra as contas (Entrevistado 10).

Seja na entrega de leite, suínos, aves ou ovos, a sobrevivência da pequena propriedade rural depende da união de esforços de mais de 9 mil associados da Cooperativa LAR, que têm nesta instituição a única forma democrática de participação econômica e social.

4.11 PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO NO DIA A DIA DA COOPERATIVA

Incentivar a participação dos cooperados em eventos técnicos ou institucionais, seja para negociação de venda de insumos e aquisição de produtos, ou seja, qual for o motivo, é importante para que haja uma proximidade contínua e frequente entre cooperativa e associados. É no ambiente da cooperativa que acontece ou ao menos que se contribui para a construção da identidade. É neste

local que se busca o conhecimento e a interação com outros produtores rurais, promovendo a troca de informação.

> Eu estou toda semana na unidade da cooperativa. Bato papo com o gerente.Pelo menos uma vez por semana eu estou na cooperativa(Entrevistado 1).

> A participação nossa no dia a dia da cooperativa é sobre as nossas atividades que temos aqui. Para sobreviver conta muito a participação na cooperativa. Nós poderia tá integrado em outra empresa, mas optamos para a Lar porque nos sentimos mais seguros com a cooperativa (Entrevistado 2).

Para Marschall (2009, p.209),

> A pré-compreensão da organização do espaço de produção da pequena propriedade no Oeste do Paraná indica, como hipóteses, que o cooperativismo se constitui numa estratégia fundamental, mão única, de fortalecimento do pequeno proprietário no campo. Esse fortalecimento poderia estar vinculado à necessidades de defesa de interesses econômicos, de valorização da produção e de construção de sua identidade.

Nesse sentido, destaca-se a importância da família e da cooperativa como contribuintes para a construção da identidade. A presença é diária na cooperativa por boa parte dos cooperados que tem na cooperativa não somente um local de realizar negócios, mas que ali buscam informações e momentos de descontração.

> Eu vou todo dia na cooperativa sim.Se você perguntar de mim lá, eles dão risada de mim porque vou todo dia lá encher o saco deles. Nóis ali tem muita gente igual todo dia to lá e converso sempre com o técnico (Entrevistado 12).

> Eu vou sempre na cooperativa para comprar e vender e mesmo quando não tem nada que fazer vou lá.Sempre tem um palmeirense ou um colorado. Tomar um café com o gerente.Minha esposa vai no mercado fazer compra e a Lar fica do lado, e eu vou lá.Só vou lá para pagar a conta (Entrevistado 4).

> Eu sempre uma ou duas vezes por semana.Pego minhas coisinhas, bato papo com a gerente e com os meninos.A gente tem um bom relacionamento e eu considero a cooperativa a segunda família (Entrevistado 6).

Há ainda muito a se fazer, não somente pela Cooperativa LAR, mas por todo o cooperativismo nacional no que se refere a levar ao quadro associativo sua percepção e consciência como dono e usuário da cooperativa. De fato, segundo Perius (2001, p. 282),

> O associado passa a ser dono e decide. A grande questão é cultural. O associado não sabe que tem o associado não sabe que ele é dono da cooperativa. Ele pensa que é mero cliente, alguém que compra e vende algum produto. O associado deve ter consciência de que é dono. Por isso, tem que ter participação social e política na cooperativa. Se o associado tiver essa visão da cooperativa, evidentemente esta será bem administrada.

4.12 OPINIÃO QUANTO AOS FATORES QUE LEVAM ÀLONGEVIDADE DA PROPRIEDADE

Como descrito anteriormente, um dos objetivos da Cooperativa Lar é a promoção constante dos serviços técnicos para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da produção agropecuária. O aperfeiçoamento tecnológico é uma exigência não somente do estatuto da cooperativa, mas para a continuidade da alta produção, custos baixos e rentabilidade – conjunto de situações que requerem mão de obra especializada.

Segundo os produtores rurais, o avanço tecnológico de produção agropecuária é de tal forma que os trabalhadores rurais não conseguem acompanhar. Por um lado, os produtores rurais têm dificuldades de encontrar mão de obra especializada, seja para acompanhamento de um aviário recém instalado ou para fazer a colheita de grãos. Está se criando, por este avanço, novas oportunidades aos jovens filhos de produtores, que estão enxergando um nicho de mercado promissor e que os faz permanecer no campo. Outro aspecto relevante, segundo a Revista Paraná Cooperativo (2018, p. 34) é:

> a dificuldade que os pais encontram para transmitir aos filhos como lidar com as transformações ocorridas nos últimos anos nos processos produtivos. A estrutura familiar atual não se adaptou ao mundo da alta tecnologia e aos processos automáticos de produção, ficando o agricultor familiar sem saber o que fazer, e o que é pior, não conseguindo transmitir conhecimentos aos filhos pelas gerações, havendo nesse processo uma ruptura de culturas, gerando conflitos entre pais e filhos.

> Acho que, para haver continuidade disso aqui, tem que ter tecnologia e capacidade de produção.O próprio funcionário tem que ter conhecimento mínimo de informática para tocar isso.É muito eletrônico e tem que ter tecnologia de produção, material bom, fertilizante bom, gente técnico.Eu acho que no futuro o gargalo maior está no ser humano: mão de obra. Estamos carentes de profissionais (Entrevistado 8).

Importância da cooperativa para a evolução técnica da propriedade e da qualificação do produtor é um dos papéis do cooperativismo agropecuário e legalmente consta em seus estatutos sociais, tal como solicita a Lei do Cooperativismo. Muitos produtores rurais, apesar do acesso às novas

tecnologias,esperam que a cooperativa esteja desenvolvendo para ele este papel de busca de novas tecnologias e meios de produção capazes de diminuir os custos e aumentar a renda com maior produtividade.

Alguns depoimentos de produtores da área de ação da Cooperativa LAR, como o relato do Entrevistado 18 a seguir, foram enfáticos em declarar que o que possuem na atualidade foi por conta da participação direta da cooperativa, e que a região onde residem, se desenvolvimento é desenvolvida, foi por conta da diversificação das atividades e as oportunidades de emprego geradas através da cooperativa.

> Para sobrevivência da gente aqui a gente se preocupa com o tamanho da cooperativa.A lar já chegou num patamar e como vai administrar isso lá na frente a gente tem certas dúvidas, num futuro administrativo da cooperativa. A sobrevivência da gente aqui depende da cooperativa – a cooperativa pegou muitos barracão da BRF e a gente as vezes precisa de um técnico e não tem para atender.Isso preocupa a gente(Entrevistado 18).

“Todas as cooperativas agropecuárias estudadas se mostraram motivadas em relação à temática da sucessão na agricultura familiar. Suas motivações são claras: sem sucessão não existem novos agricultores e não ocorre a renovação entre os cooperados”. (DREBES; SPANEVELLO, 2017). Para esses autores, as instituições cooperativas estão atreladas à continuidade dos estabelecimentos agropecuários familiares dos cooperados através da sucessão. Necessita-se de novas gerações no meio rural e o surgimento de novas lideranças do agronegócio – além dessa importância de representatividade dos produtores rurais está a de sobrevivência das cooperativas agropecuárias que são formadas, exclusivamente por produtores rurais.

4.13 PARTICIPAÇÃO DA LAR NA EVOLUÇÃO DA PROPRIEDADE

Segundo informações obtidas no último Relatório e Balanço da Cooperativa LAR apresentado na Assembleia Geral Ordinária no mês de março de 2019, com o objetivo de viabilizar as pequenas propriedades rurais, a cooperativa conta com quase 900 associados integrados na avicultura de corte, 220 na suinocultura e 90 na avicultura de postura.

> É essencial para o pequeno produtor de pequena escala a Lar na vida deles. Eu sempre mexo com a Lar, sempre a gente vai negociando com ela. A minha evolução nos últimos 5 anos teve sim a participação da Lar porque a gente participa dos dia de campo dos eventos (Entrevistado 20).

"*Nos últimos 5 anos a cooperativa foi muito importante, por que a gente brinca que é ruim com ela, mas sem ela a gente nem imagina."* (Entrevistado 17). Concentra-se aí a necessidade de a cooperativa não buscar apenas a evolução tecnológica, mas fazer com que seus dirigentes cooperativistas (muitos deles há décadas na direção) se adaptem e se conscientizem, cada vez mais, à busca pela inovação. De fato, como estabelecem Moreira et al. (2018, p. 22),

> Permanecendo a atual tendência de migração da população rural em direção à cidade e do interesse dos jovens em se profissionalizar, as Cooperativas agroindustriais devem se preparar para um nível de relacionamento diferente dos atuais, porque as expectativas e os anseios de seus futuros associados não serão as mesmas de seus fundadores.

> Para a gente continuar existindo aqui tem que ter condição de renda não adianta trabalhar só para empatar – tem que chegar final do ano e ter uma renda um lucro para a empresa e para nós – a empresa digamos que quer ganhar vinte por cento mas isso tem que dar para gente também – o que a gente tem aqui não tá tudo quitado a casa que moro tá financiada – mas precisamos continuar investindo e é claro que a cooperativa ajuda nisso – dessa continuidade(Entrevistado 7).

A garantia que se tem, de ambas as partes, de um projeto integrado de produção, já é uma garantia real, concreta e legal para que se tenha perspectivas de continuidade da produção rural. Há uma procura constante por novas oportunidades de ingresso nesses projetos por parte dos associados da cooperativa, seja para aumento da capacidade produtiva, seja para oportunizar a empregabilidade de um membro familiar. Para tanto, há uma incessante procura da cooperativa por novos mercados internos e externos que possam garantir esse aumento de produção com segurança, continuidade e responsabilidade. Esse reflexo afeta positivamente os produtores associados.

> Nós ampliamos a produção de suínos foi por intermédio da cooperativa.Isso foi em 2016, passamos para 1.500 suínos e pretendemos ampliar mais. Conforme a cooperativa vai crescendo, ela vai escolhendo os associados mais participativos e fiéis. Eles têm chance primeiro para este aumento(Entrevistado 3).

> A cooperativa não pode parar no tempo para continuar existindo.Tem que acompanhar a evolução se não acompanhar isso aí entra em decadência buscar isso para produzir com qualidade buscar para produzir mais na mesma área (Entrevistado 10).

A importância de as entrevistas serem realizadas *"in loco"*, no meio produtivo dos associados, fez com que houvesse o contato direto com alguns membros familiares que, de certa forma, participaram com contribuições importantíssimas ao falarem, por exemplo, sobre a importância da continuidade da cooperativa que reflete diretamente na existência da propriedade e na condição de sobrevivência no campo. *"...eu estou na fila faz anos para montar os aviários.São organizados, nisso a gente se programa: começo aqui em 2019 o aviário e 2020 entregar.Isso é uma loucura, saber disso. É um planejamento de muita confiança, eu investi aqui um milhão de reais tenho que ter segurança nisso. Investir um patrimônio nisso.* (Entrevistado 9).

Os investimentos realizados pelos produtores rurais para produção de frango de corte, ovos e suínos, são financiados pela Cooperativa LAR ou através da cooperativa de crédito. Pelo fato de que o compromisso de produção é de longo prazo, quase que a totalidade é realizado com a cooperativa – apenas uma pequena parcela é efetivada com empresas mercantis. *"A gente cresceu muito com o aviário e nos próximos 10 anos estamos amarrados com a granja de suínos. Na verdade, isso vai garantir a gente aqui – porque senão eu ou minha esposa ia trabalhar fora pra sobreviver. Bater cartão todo dia é terrível.* (Entrevistado 11).

4.14 RELAÇÃO DA COOPERATIVA LAR COM A SOBREVIVÊNCIA DA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

Trabalhar como empresa, mas sem deixar de ser cooperativa - talvez seja essa a estratégia do crescimento substancial que as cooperativas, especialmente as do Paraná, têm adotado nos últimos anos. A racionalidade nas ações das cooperativas, sejam elas na hora de receber um produto do cooperado, seja ela na hora de comercializar insumos agropecuários, faz com que ela esteja inserida no mercado do agronegócio. São ações que procuram garantir um bom preço ao

cooperado quando da entrega de sua produção e não o preço que normalmente quer receber e na venda de um insumo por um preço justo e não no preço que o cooperado quer pagar é que fazem toda a diferença na hora de fechar o balanço no final do ano. Esta necessidade de sobrevivência da cooperativa reflete na sobrevivência também do seu quadro associativo.

Muitas dessas ações são incompreensíveis para o associado, mesmo os que participam de perto do dia a dia da cooperativa. Obviamente que em maior escala aqueles distantes da cooperativa. Aos bem "informados", essas ações, que podem facilmente incorrer em resultados positivos para a cooperativa, determinam a distribuição desses resultados em forma de sobras apuradas ao final do exercício. Assim sendo, os que mais participam economicamente da cooperativa recebem maior quantia e os que menos participam menor valor recebem. Isso é denominado de distribuição equitativa dos resultados. Sabendo-se que esses valores (sobras de final de exercício) estão legalmente direcionados aos cooperados da forma com que estabelece o estatuto social da cooperativa que muitos chamam erroneamente de "lucro".

> A vantagem de crescer ampliar a propriedade parte um pouco do produtor = se você mostrar interessa a cooperativa ajuda – eu vejo eu a gente mesmo sendo uma propriedade muito pequena pode ganhar muito em cima e me sinto motivada – eu tenho projeto de vida – como hipótese para o futuro uma ideia uma das ideias é construir uns 5 barracões de suínos para que a gente possa ter bastante renda para motivar meus filhos a continuar na propriedade gostaria de ter 5 filhos e cada um deles ter um barracão e se sentirem motivados a continuar aqui(Entrevistado 3).

Muitos dos investimentos dos produtores rurais em suas atividades são realizadas com os resultados recebidos no final do ano da cooperativa por conta do resultado de suas movimentações. O poder democrático assemblear define o destino destas sobras apuradas no final do exercício. “A cooperativa pode ser uma empresa eficiente, mas, sem democracia e autonomia, não é autêntica cooperativa” (SCHNEIDER, 1999, p. 21).

Mais uma vez, há a obrigatoriedade dos dirigentes na promoção dessas atividades do associado. “A cooperativa terá como objetivo e estratégia institucional o desenvolvimento sustentável, econômico e social dos associados e comunidade, de forma sustentada, através da agregação de valores à população agropecuária.” (LAR COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2018, Art. 2º).

4.15 REALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR RURAL

Alguns anos atrás, ouvia-se dos pais que os filhos tinham que sair do campo para estudarem na cidade, arrumarem um bom emprego e uma profissão que os fizessem ter melhores condições de vida. Na atualidade essa concepção mudou, pois os pais fazem com que os filhos estudem para continuar na atividade rural para, assim, terem uma boa condição de vida, motivação, orgulho de ser um homem do campo, ou melhor, um executivo do campo.

Estar no campo na atualidade não é sinônimo de falta de conforto ou de muito trabalho e sofrimento como diziam vários de nossos antepassados. Toda a tecnologia disponível nos grandes centros é acessível também no meio rural e em pequenas propriedades e isso não deixa de ser um incentivo, com o apoio dos demais membros da família, para que os jovens, principalmente, não saiam da atividade e da moradia rural, ou o façam, mas sem que haja este pretexto.

> Eu vou te contar,nos passamos aqui uma fase que perdermos até o incentivo de ser produtor rural.Mas sei que isso vai passar.Nós passamo por uns maus bocados. Mas o que sei fazer é isso, passar veneno nas lavora. Quero continuar aqui (Entrevistado 20).

> Eu não vou conseguir aqui comprar mais 5 alqueires de terra.Então a gente vai ter que tirar sustendo daqui aumentar mais um chiqueiro, comprar vaca, sei lá. Mesmo assim, a gente se sente motivado estar aqui sim (Entrevistado 17).

> Eu me sinto motivada em ser produtora, em ser colona. Eu não fico falando em valores, mas acho que um depende do outro da cidade e da gente. A gente produz comida poxa, e nunca a gente teve valor. Agora é diferente (Entrevistado 13).

Não é somente a transferência patrimonial ou apenas herdar algo, mas principalmente a transferência de poder de decisão, de responsabilidade e de autoridade para os sucessores com relação ao empreendimento. Os jovens do meio rural são influenciados pelo contexto social em que estão inseridos e suas decisões podem se voltar para sonhos que não contemplam a continuidade dos negócios criados pelos pais. Para Schultz (2018) falar sobre sucessão com o jovem, requer uma análise de vários fatores que podem ou não o influenciar. As especificidades regionais e relações com o que se produz, perspectivas, atrativos urbanos e tecnologias, fazem com que o jovem melhor analise a questão da sucessão, enfatiza o autor. Nesta mesma perspectiva, o autor também retrata que a família é a base das relações sociais dos indivíduos, assim como da identidade e sentimento de

pertença. O avanço das questões que envolvem sucessão requer uma abordagem interdisciplinar, que possa influenciar a concepção de programas e sistemas de gestão que considerem os valores, crenças, mitos e rituais de cada família. Trata-se de um grande desafio para os atores do agronegócio brasileiro: prover motivação consistente para a nova geração de produtores.

4.16 REALIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO DO PRODUTOR COM SUA PROFISSÃO E PERSPECTIVAS QUANTO ÀMELHORA NA QUALIDADE DE VIDA

Há um complexo contexto que envolve a perspectiva de produção e rentabilidade como,por exemplo, os prognósticos que possam contribuir na avaliação da possibilidade de continuidade de determinada atividade ou não, e o que motiva a estabelecer metas de produtividade, investimento, e busca de melhores condições de vida. Isso está ligado diretamente ao que se pode ter e lição com exemplos anteriores, às realidades atuais e o que temos de perspectivas para o futuro. O produtor rural das pequenas propriedades e produção depende não somente do que tem de disponibilidade ou acessibilidade de informação dentro de casa, muitas delas trazidas por seus filhos. Mas também cabe à cooperativa estar diariamente atualizada com as exigências mercadológicas e de produção a fim de abastecer seu quadro associativo com essas informações. Todo este contexto faz com que se saiba, ao menos momentaneamente, se o que está sendo realizado a nível de produção e comercialização condiz com a realidade a campo. A motivação não depende obviamente somente de questões que envolvem rentabilidade momentânea da produção e sim de perspectivas motivadoras de continuidade, passando de geração para geração. A realização do produtor se dá pelo prazer de desenvolver uma atividade que o faz se identificar.

> Me sinto motivado da atividade porque gosto de fazer é o que sei fazer – mesmo com as vindas e vindas me sinto bem sim – prefiro estar aqui (Entrevistado 7).

Por meio da divulgação de pesquisas e do Censo Agropecuário realizado pelo IBGE (2018) percebe-se que a migração de jovens do campo para a cidade tem sido preocupante e não está havendo perspectivas de efetivas mudanças nesse sentido. Produtores com mais de 65 anos de idade representam mais de 20% da população rural nacional. A população rural está envelhecendo, mas com melhor qualidade de

vida que há anos. Não ocorre no Oeste paranaense, por exemplo, uma substituição de mão de obra, mas o que acontece com as famílias é a necessidade de novas oportunidades de negócios na área de terras já existente. Como visto nos relatos dos Entrevistados 17 e 12 a seguir, nem todos têm condições de aumento da área de terras – daí a necessidade da diversificação como instrumento de viabilidade da pequena propriedade rural (principalmente).

> Eu sou pequeno produtor, e digo que se um dia tiver que sair da propriedade, não sei o que vou fazer.Minha alegria é estar aqui em cima de uma colheitadeira, olhando uma soja, nem que esteja morta (Entrevistado 12).

A família é um dos grandes incentivadores e motivadores para os que estão chegando ou assumindo a atividade rural. O exemplo dos pais, muitas vezes relatados pelos entrevistados como sendo momentos vividos com muita dificuldade e perseverança, não deixam de motivar o sucessor para que conduza de maneira responsável, produtiva e comprometida com a família. Para Memlak e Dewes (2013), a sucessão familiar é um tema de extrema importância e deve ser discutida e avaliada constantemente, pois se não houver sucessão nas propriedades, não haverá nas cooperativas (nascem no campo as novas lideranças). A principal tarefa da educação cooperativista é a de promover a integração social e a participação dos cooperados, fazendo com que eles se insiram de forma crítica na gestão do empreendimento e desfrutem dos produtos e serviços oferecidos por uma instituição cooperativa.

> A nossa perspectiva é que melhore as condições de produção – falta muito a se fazer ainda – o próximo governando não vai ser fácil ele administrar não mas temo que acreditar que vai ser melhor. Tomara que o que ele tá mostrando até agora ele faça (Entrevistado 5).

Ficou muito claro que a motivação para a sucessão vem de dentro e fora dos limites da propriedade. Mercado, cooperativa, política governamental e o que se produz em campo têm que estar em sintonia.

4.17 PERSPECTIVA COM O SUCESSOR

A simultaneidade dos trabalhos voltados para a sucessão entre as instituições: cooperativa e família, não podem ser comprometida, seja por substituição de condução ou de qualquer ordem. “Desta forma, a Cooperativa

deveria, necessariamente, adotar uma política de inclusão dos jovens na mesma para também dar-lhes a oportunidade de mercado, e, assim, prepará-los para uma possível sucessão nas propriedades" (MEWLAK; DEWES, 2013, p. 366).

O que foi possível notar *in loco*,em linhas gerais, foi uma estrutura operacional bem montada, residências com ótimo nível de conforto e acessibilidade à cidade e filhos estudando em escolas que poucos moradores e trabalhadores urbanos têm condições de manter. Essas famílias pensam e de certa forma planejam uma sucessão, e gostariam que ela se concretizasse. Para Matte e Machado (2016) escolher um sucessor e por sua vez este decidir, optar por continuar na propriedade rural, atendendo um projeto familiar vai depender de um conjunto de elementos e situações que possam orientar ou definir esta tomada de decisão de ficar ou não na propriedade. A construção da identidade do produtor se concretiza com o passar do tempo e além da vontade dos pais de que os filhos assumam a propriedade e os negócios familiares depende da sua aptidão e motivação para continuidade dos negócios familiares.

> Quem tem projeto de vida pensa em sucessão. Sempre cada um tem um jeito de administrar, e penso que meu sucessor carregue algum valor que eu tenho. Como meu pai me ensinou, eu gostaria que fosse honesto.Valores da honestidade é importante - jamais a gente pode fazer coisa errada a alguém (Entrevistado 3).

Quando se depara com uma jovem produtora rural de 23 anos que tem como filosofia de vida os valores familiares e a identidade cooperativista, é possível acreditar que há como, no presente e futuro, produzirmos alimentos de forma sustentável, com qualidade, preocupação com o meio ambiente proporcionando, além disso, qualidade de vida para seus produtores. O aprendizado com os pais é fundamental para a criação e consolidação de um cidadão capaz de, além da produção de alimentos no campo, ser um disseminador dos valores imprescindíveis do cooperativismo como um instrumento que contribui para a manutenção da produção rural.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Algumas conclusões relevantes foram possíveis com suporte do referencial teórico, concomitante à análise dos resultados da pesquisa documental e a análise de conteúdo nas entrevistas semiestruturadas. Foi possível a compreensão dos fatores que determinam a sucessão da agricultura familiar sob a perspectiva da identidade.

É sabido que o sul do país está bastante avançado no que se refere ao cooperativismo, principalmente do segmento agropecuário. Isso não se restringe apenas às grandes cooperativas do ramo ou alto nível tecnológico empregado nas indústrias e em campo, mas também está relacionado à conscientização cooperativista daqueles que se identificam com o sistema como um todo e como produtores rurais.

As entrevistas realizadas com os produtores rurais da Cooperativa LAR, foram devidamente digitalizadas na sua íntegra sendo que as questões alusivas foram anteriormente mencionadas com as devidas conclusões. Como enunciado anteriormente foi utilizado o software ATLAS.ti como ferramenta de análise tanto das entrevistas como documentos pertinentes à Cooperativa LAR. Entrevistas, relatório e Estatuto Social da cooperativa compuseram, como dito, 22 documentos os quais foram necessárias 47 codificações que resultaram em 969 citações.

Os 47 códigos gerados com o apoio do ATLAS.ti foram examinados conforme suas respectivas citações e quando este código de uma certa maneira se aproximava de um trecho da entrevista ou documento, ocorreu então a agregação que no ATLAS.ti é designado como “Grupo de Códigos”, totalizando, como já mencionado, em 7 grupos.

A variabilidade de códigos por categoria foi de 3 a 13. Valores percentuais de códigos por categoria, relacionados ao número total de códigos (58), são apresentados na Tabela1, juntamente com o total de citações.

Tabela 1: Distribuição dos códigos

Categorias	Código	% Códigos	Citações	% Citações
Base Familiar	11	18,96	366	23,23
Identificação	8	13,79	275	17,47
Segurança e perspectivas	13	22,42	450	28,58
Vínculo Cooperativista	10	17,25	182	11,55
Imediatismo	3	5,17	30	1,90
Sentimento de Pertença	8	13,79	234	14,86
Riscos Calculados	5	8,62	38	2,41
Total	58	100	1575	100

Fonte: Elaboração própria

A categorização ou grupos de códigos, juntamente com os dados demográficos das questões fechadas, permitiram que se fizesse as seguintes conclusões:

a) Não houvesse um conjunto de fatores, com certeza, não haveria a continuidade das atividades rurais das pequenas propriedades rurais do oeste do Paraná. A Figura 1 reforça a importância destas conjunturas estarem estreitamente ligadas para que o processo sucessório se consolide;

b) As questões econômicas em conjunto com a segurança são as que mais atraem os produtores rurais à cooperativa, segundo os entrevistados. Esta confiabilidade nos produtos e serviços da cooperativa e garantia de longevidade em seus projetos desenvolvidos para a pequena propriedade com base na diversificação, fez com que os filhos dos produtores tivessem motivação e desejo para assumirem a produção, contribuindo também, desta forma, para a consolidação de suas identidades como produtores rurais e pertencentes a uma sociedade cooperativa;

c) Os valores familiares e cooperativistas, além de suas similaridades, contribuem, e muito, para que o processo sucessório se efetive de forma harmônica e garanta a participação de todos os membros familiares, mesmo os que não estão diretamente ligados com a produção, recebam suas participações de forma equitativa;

d) O envolvimento e comprometimento do jovem com a produção rural e no processo de sucessão, é mais efetivo, quando este participa de trabalhos diários na propriedade. Isso tudo aliado ao incentivo dos pais, contribui para seu direcionamento, aptidão e gosto por determinada atividade – inicia-se desde cedo a construção de sua identidade como produtor rural;

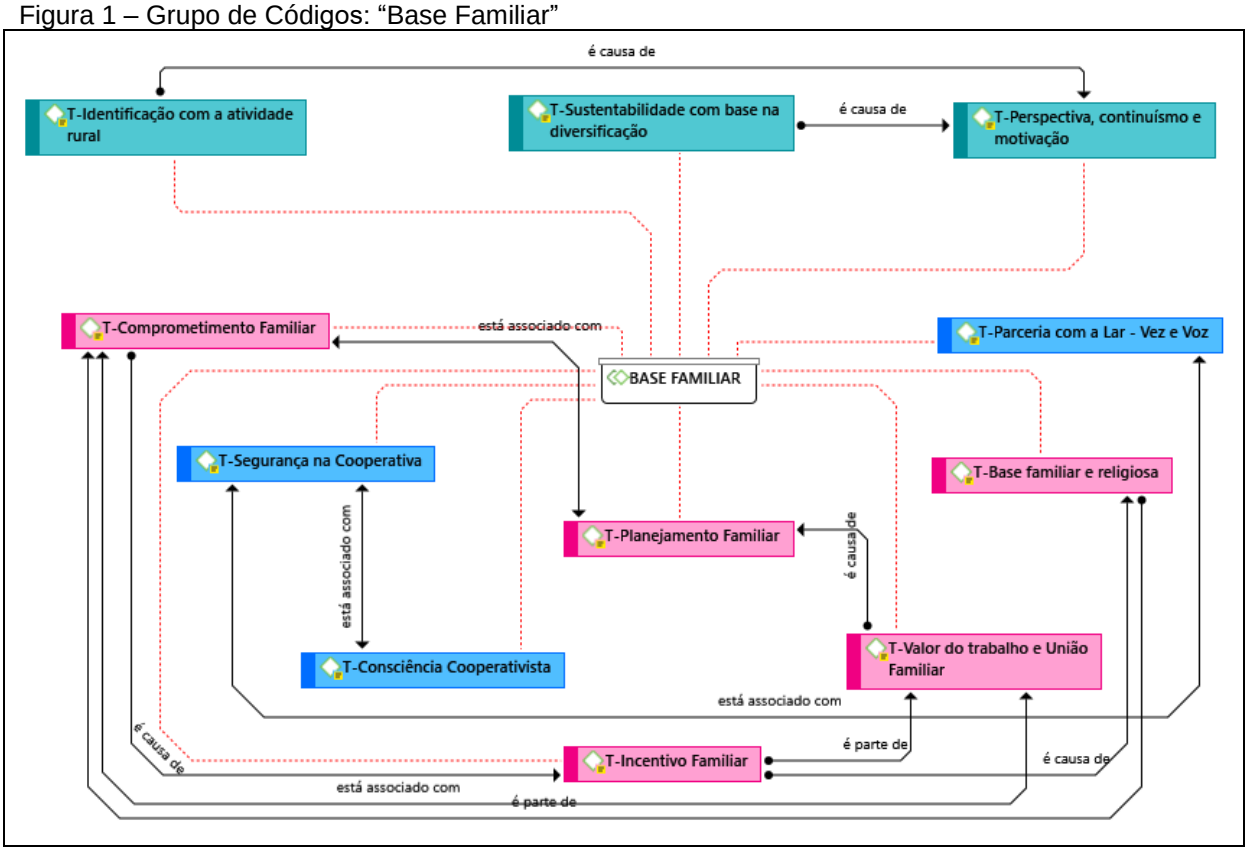
e) Não fosse as diversas oportunidades de negócios e produtos oferecidos pela cooperativa ao seu quadro social, seguramente o oeste paranaense não teria o mesmo nível de desenvolvimento. A totalidade dos entrevistados concordam que a diversificação de atividades, garantem emprego e renda no campo, contribuindo assim para que novos produtores assumam as atividades dos pais;

f) Segurança nos negócios (venda e aquisição de produtos) e oportunidades de diversificação (projetos integrados), foram os itens mais mencionados pelos entrevistados quanto aos motivos que o levam a se associar à cooperativa;

g) Todas as propriedades visitadas, demonstravam muita organização na produção e clareza em relação às suas responsabilidades quanto a serem sócios de uma cooperativa, bem como preocupação com o futuro da propriedade e do processo futuro de gestão da cooperativa. A acessibilidade dessas propriedades às cidades é de fácil acesso independentemente de intempéries climáticas, o que sugere que as gestões municipais estão comprometidas com a cooperativa para com o escoamento das safras e produtos agropecuários.

h) O interesse meramente econômico por parte do produtor rural quando de seu ingresso na cooperativa, o faz utilizar-se da instituição apenas como um meio ou oportunidade de rentabilidade quando o mercado capitalista não oferece as mesmas vantagens – isso reflete negativamente o processo de sucessão de ambas as partes. A infidelidade cooperativista, a visão puramente econômica de ambas as partes, compromete não somente o processo de sucessão do produtor rural associado como também, o da própria cooperativa.

Figura 1 – Grupo de Códigos: “Base Familiar”



Fonte: Elaboração própria

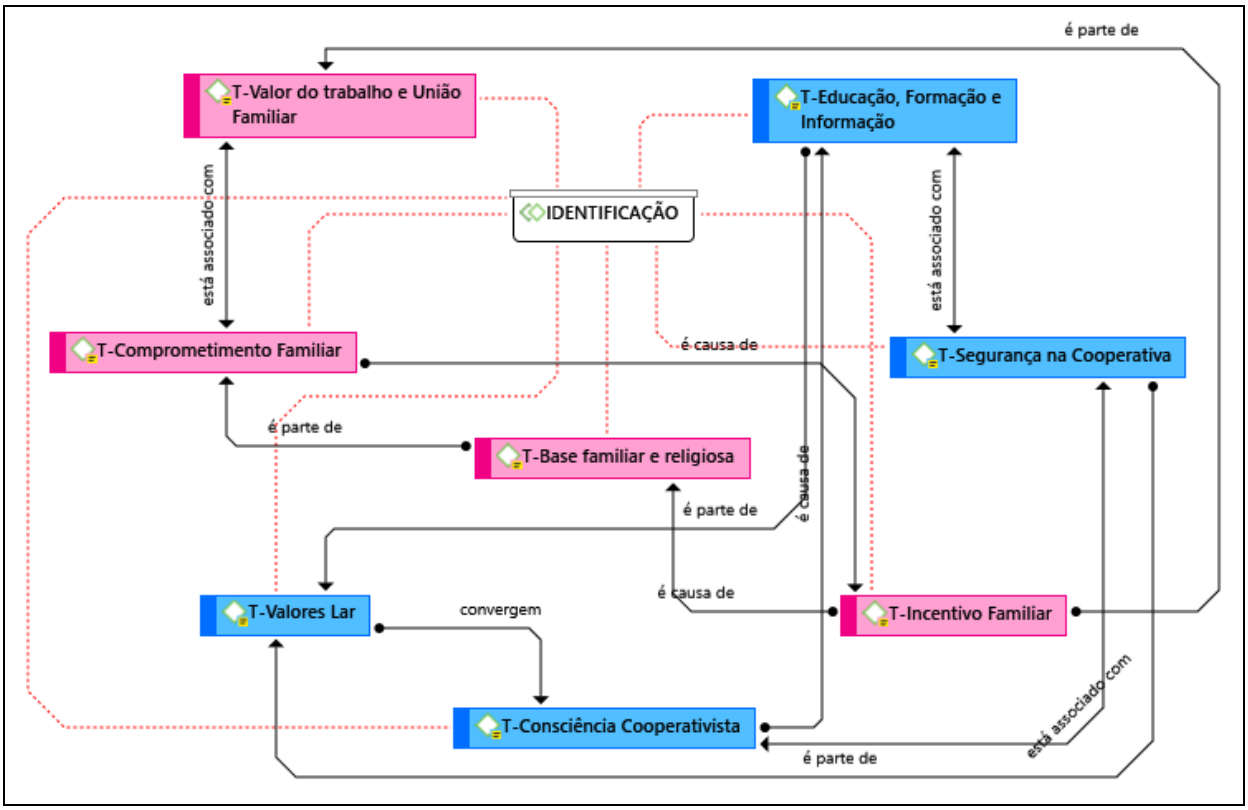
Os dados demográficos coletados (Apêndice I) dão alguns parâmetros quanto às condições econômicas e até mesmo sociais dos entrevistados. É importante ressaltar que o processo de sucessão independe dessas condições, mais especificamente, como por exemplo: se residem ou não na propriedade; se têm curso superior ou cursaram apenas o ensino fundamental; se possuem muita ou pouca terra; se têm uma ou mais atividades ou alguma outra questão da entrevista. O aprendizado com o passado, aliado com a situação presente, faz com que os jovens produtores desenvolvam suas habilidades e tenham perspectivas de desenvolverem uma ou mais atividades que os façam ter na atividade rural, uma fonte constante e segura de renda.

A totalidade dos entrevistados concordam que a Cooperativa LAR tem um papel imprescindível no processo de sucessão, inclusive aqueles que, por falta de sucessores, não têm certeza do que será da propriedade quando não estiverem mais no comando. Citaram, como pode ser analisado na descrição dos entrevistados, a relevância dos projetos de diversificação e integração de atividades como fator também de geração de empregos e serviços.

A necessidade de mão de obra qualificada no campo é substancial, motivando os próprios filhos dos produtores a estudarem e se qualificarem, por ser essa não somente uma questão da sucessão da propriedade e produção, mas também uma excelente fonte de renda e empregabilidade.

A Categoria “Identificação” foi originalizada pela junção de 8 códigos das quais se somou 275 citações que de forma similar a identificação, resultaram também na forma como estão interligados, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Grupo de Códigos: “Identificação”



Fonte: Elaboração própria

A identificação do produtor rural com a atividade rural, exclusivamente, não o faz permanecer em uma sociedade cooperativa, como pode ser visto na Figura 2. A sua identidade se fortifica e consolida quando de sua convivência familiar e social. Para Bauer e Mesquita (2007), a identidade pode surgir pelo contraste com as diferenças que envolvem seu convívio com a comunidade. A singularidade da identidade, segundo os autores, somente pode ser observada através desse outro, do diferente.

O distanciamento dos filhos dos produtores das atividades rurais e do convívio familiar e da própria cooperativa, no entanto, tal como argumentam alguns

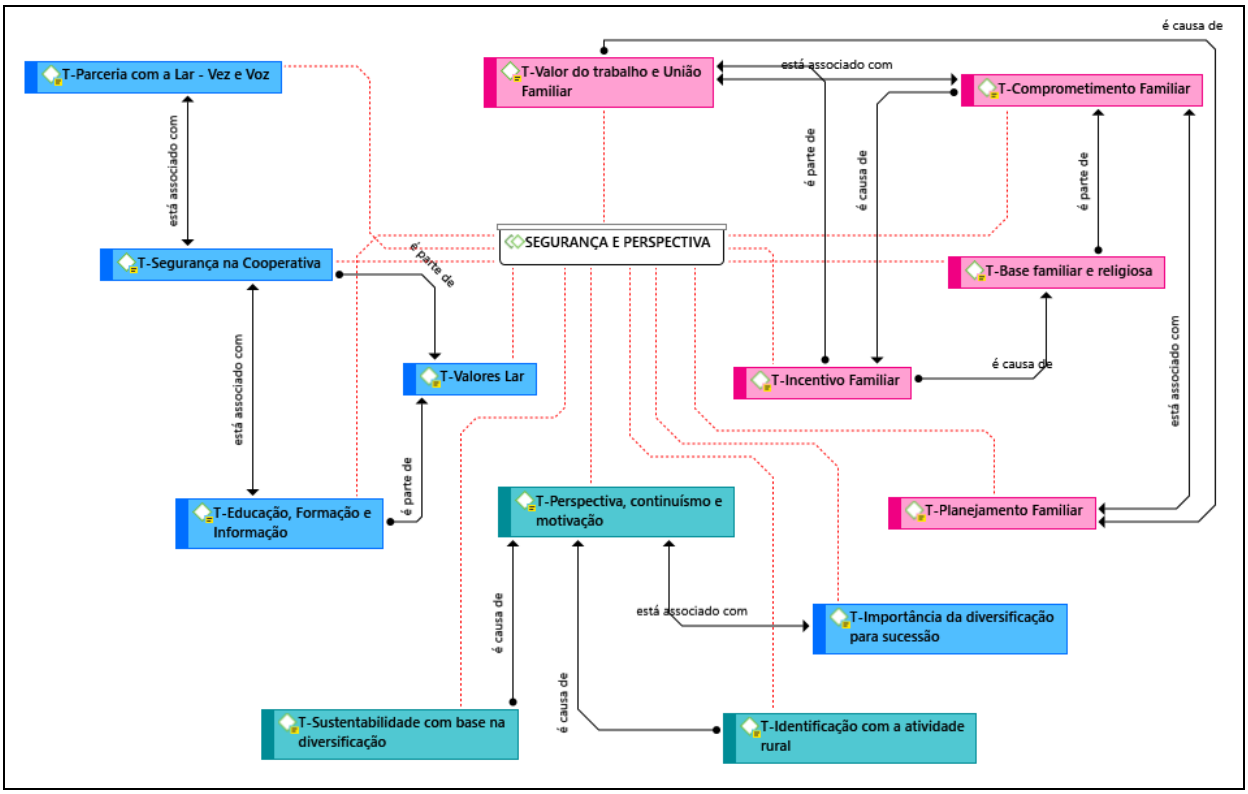
dos entrevistados, não possibilita ou dificulta sobremaneira que esses possam ter condições mínimas de capacidade de sucessão. A identidade como produtor rural foi construída ao longo do tempo e pelos fatores essenciais demonstrados na Figura 2. Herdar não significa suceder – herança independe de identidade e, para sucessão, isso é imprescindível. Marschall (2009) enuncia que a família é encarada como espaço social pelo qual o pequeno proprietário mantém sua identidade como agricultor, seu estilo de vida, seu modo de produção voltado à policultura e é também nela que alimenta e fortalece seu projeto de vida de sobrevivência e de bem-estar.

O senso de pertença é tão necessário quanto o convívio em coletividade. Não há como consolidar a identidade como produtor rural associativista se não fosse observada também a importância da identidade cooperativa. Afinal, a cooperativa é como se fosse o braço estendido do produtor rural.

Apenas 5 dos entrevistados disseram que não haveria necessidade de grandes investimentos para que houvesse a consolidação da sucessão, de forma que fosse atendida as necessidades econômicas de todos os envolvidos.

A diversificação, citada por todos entrevistados, é um dos principais fatores da oportunidade de crescimento econômico da pequena propriedade e de oportunidade de empregabilidade familiar, dando aos herdeiros totais condições de suceder algo que lhes dê condições de sustentabilidade econômica e qualidade de vida. Cada uma das propriedades rurais visitadas pertencentes aos entrevistados tinha mais de uma atividade. A diversidade também está presente nos perfis dos membros familiares, que não tinham a mesma identidade ou prazer pela mesma atividade. Essa diversificação também relativa à identidade dos membros familiares não deixa de ser um dos pontos positivos para o sucesso da sucessão. Neste contexto,nota-se o protagonismo da cooperativa como instrumento de consolidação do interesse e solidez da sucessão.

Figura 3 – Grupo de Códigos: “Segurança e Perspectiva”



Fonte: Elaboração própria

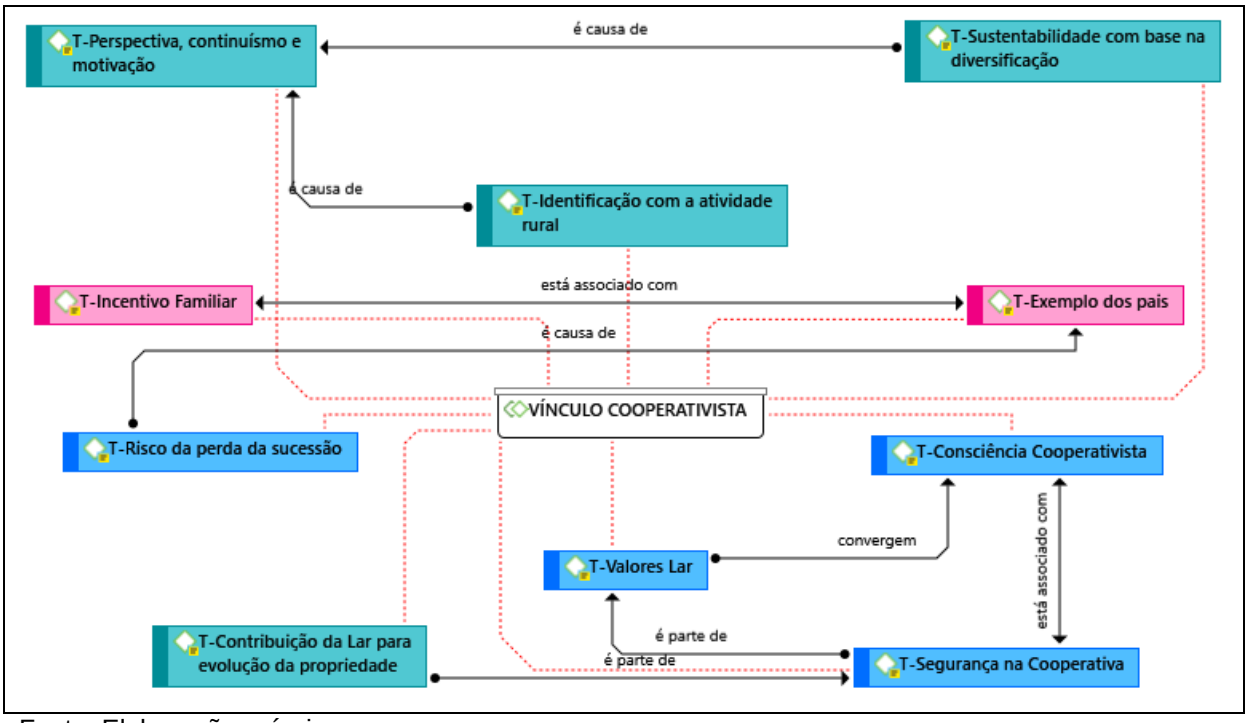
A Figura 3demonstra as 13 codificações que compõem o grupo ‘Segurança e Perspectiva’. Os motivos para continuar não dependem apenas de situações externas à propriedade, tal como mercado, segurança na comercialização, garantia de produtividade, entre outros fatores. Da “porteira para dentro” há, como é demonstrado na Figura 3, aspectos como o incentivo, valores e união familiar, base religiosa, planejamento e comprometimento de todos os familiares no que se refere à sucessão.

O oeste paranaense tem várias cooperativas do ramo agropecuário. Todas atuam de forma diversificada e com a mesma similaridade de ter seu quadro associativo, na maioria, formado por pequenos produtores rurais. Porém, há entre essas instituições um acordo que delimita a área de ação de cada uma delas. Alguns associados (inclusive os que foram entrevistados), pertencem ao quadro associativo de mais de uma cooperativa – principalmente os produtores de grãos, por não terem nenhum contrato integrado de obrigatoriedade com suas cooperativas.

Além das cooperativas, há também várias empresas capitalistas que atuam na região. Entre as razões apontadas pelos entrevistados da Cooperativa LAR que os fizeram ingressar e continuar como sócios da cooperativa (Figura 4), está o fato

de que nas empresas capitalistas não há participação na gestão, no lucro da empresa, na tomada de decisão ou até mesmo um nível de confiabilidade que os faça permanecer por muito tempo como clientes e fornecedores. Nenhuma empresa, aliás, está há mais de 5 décadas na região atuando no agronegócio. A Cooperativa LAR fez em 2018 seu 54º aniversário de fundação.

Figura 4 – Grupo de Códigos: “Vínculo Cooperativista”



Fonte: Elaboração própria

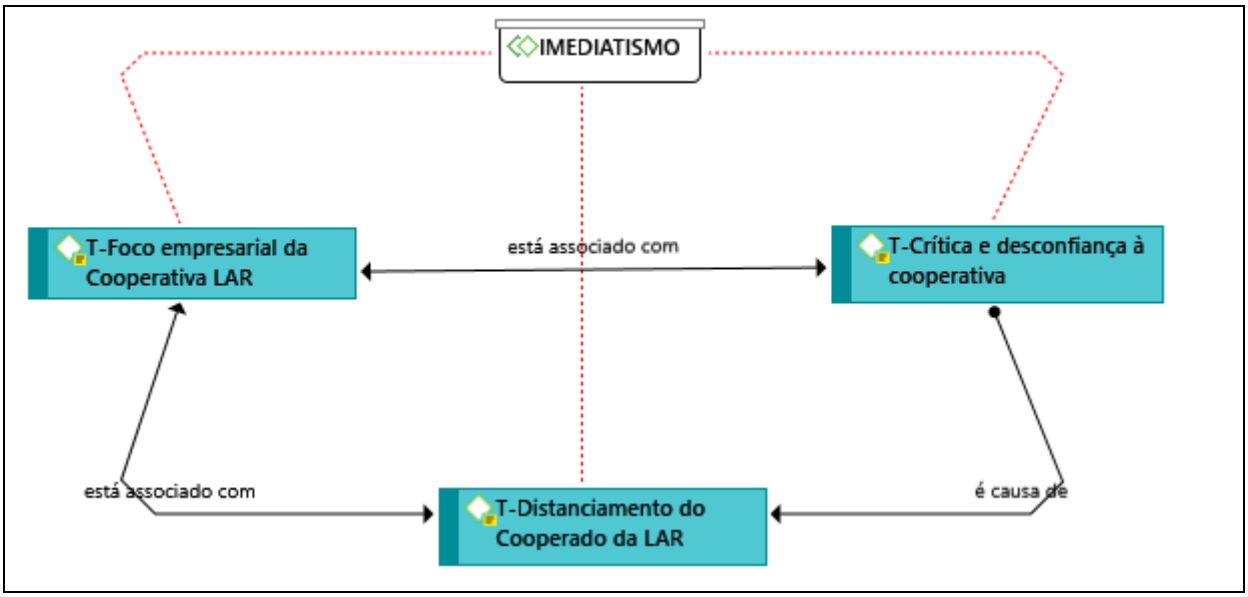
O histórico da cooperativa de segurança e credibilidade perante a comunidade como um todo foi levado em consideração pelos entrevistados. A cooperativas agropecuárias, de uma forma geral, são singulares em vários aspectos. Alguns deles estão relacionados com o histórico na região onde atuam, a garantia de recebimento e pagamento dos produtos e a distribuição dos resultados equitativamente aos seus sócios.

A diversificação agroindustrial da cooperativa faz com que haja a agregação de valor aos produtos entregues pelos associados. Consequentemente, a remuneração melhora substancialmente, pois o lucro não fica na mão de atravessadores e sim pertence ao quadro associativo, que é distribuído de forma equitativa no final de cada exercício.

Os códigos que compõem a categorização que relaciona os motivos que podem dificultar a sucessão, demonstrados na Figura 5, não são incomuns no meio

cooperativista. O oportunismo exacerbado, imediatismo e a ganância de alguns associados, os distanciam em determinados momentos do dia a dia da cooperativa. Não estar próximo à cooperativa e por falta de melhores informações sobre os preços e resultados que a cooperativa proporciona, faz com que os produtores, comercializem suas safras com empresas mercantis.

Figura 5 – Grupo de Códigos: “Imediatismo”



Fonte: Elaboração própria

A fidelidade cooperativa na Cooperativa Lar é obrigatória para aqueles que estabelecem um contrato de integração, em que há direitos e deveres de ambas as partes, sendo devidamente estabelecidas as regras e multas contratuais por eventuais situações de infidelidade comercial. A procura por melhores preços e oportunidades comerciais fora da Cooperativa Lar é mais comum para associados com grandes áreas de terras que produzem grandes volumes de safra (por esta especificidade, há um enorme interesse por parte dos Cerealistas e Multinacionais). Os pequenos produtores dependem da força da união para poderem viabilizar suas produções de pequena escala, situação que somente se consolida por meio de uma cooperativa.

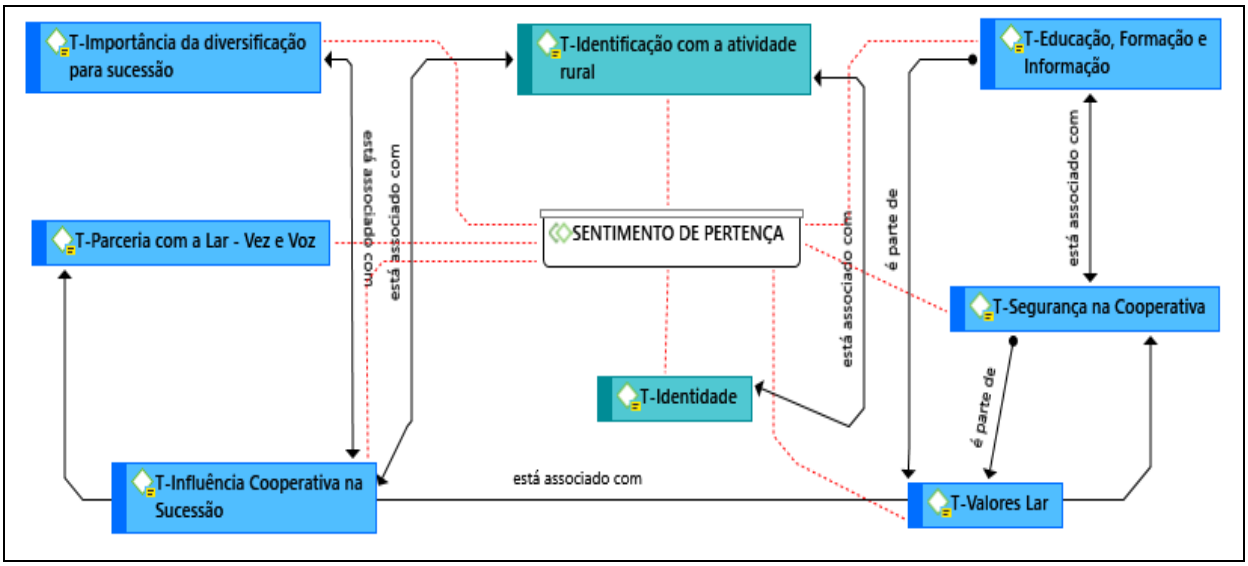
O distanciamento do associado, como dito, acarreta uma imagem puramente econômica da cooperativa ou puramente empresarial. Isso gera desconfiança e muitas críticas. Quanto maior a aproximação do quadro associativo, maior é o nível de confiabilidade e movimentação econômica com a cooperativa. Quando menor for esse contato no dia a dia, maior o distanciamento e a descrença, afetando substancialmente o recebimento de produtos pela cooperativa – ação de venda ou

compra do produtor de forma oportunista, imediatista e que visa apenas resultado econômico, afeta sobremaneira a sucessão pois transmite incertezas às negociações futuras. Conhecer o planejamento de uma empresa de curto, médio e longo prazo é essencial para o processo de sucessão.

A maioria dos associados relataram que tiveram problemas ou alguém da família o teve, quanto a prejuízos por não receberem de empresas mercantis os produtos entregues (dos mais diversos).Esse prejuízo, para alguns deles, os fez ingressarem na cooperativa ou dela se aproximarem cada vez mais. *"...é ruim com a cooperativa, mas seria muito pior sem ela"* (Entrevistado 1). Não houve nenhum relato dos entrevistados quanto a algum tipo de prejuízo causado pela Cooperativa Lar ao longo de 54 anos de existência.

Quanto aos reflexos positivos da LAR como contribuintes para a sucessão (Figura 6 – Sentimento de Pertença), o que foi mais mencionado pelos entrevistados refere-se à segurança e à diversificação que ela proporciona. Há um constante planejamento da cooperativa, como pode ser observado em seu relatório de atividades, voltados a cursos, palestras, treinamentos e dia de campo, nos mais diversos assuntos. As críticas sempre ocorrem por parte do associado, mas quando é proveniente daqueles que têm conhecimento sobre seus direitos e deveres, acabam por ser muito positivas a todo quadro associativo, por ele ter uma visão mínima e sistêmica da cooperativa. O poder democrático do associado, amparado legalmente, é um dos pontos positivos da cooperativa, pois qualquer planejamento ou grandes investimentos dependem de aprovação assemblear.

Figura 6 – Grupo de Códigos: “Sentimento de Pertença”

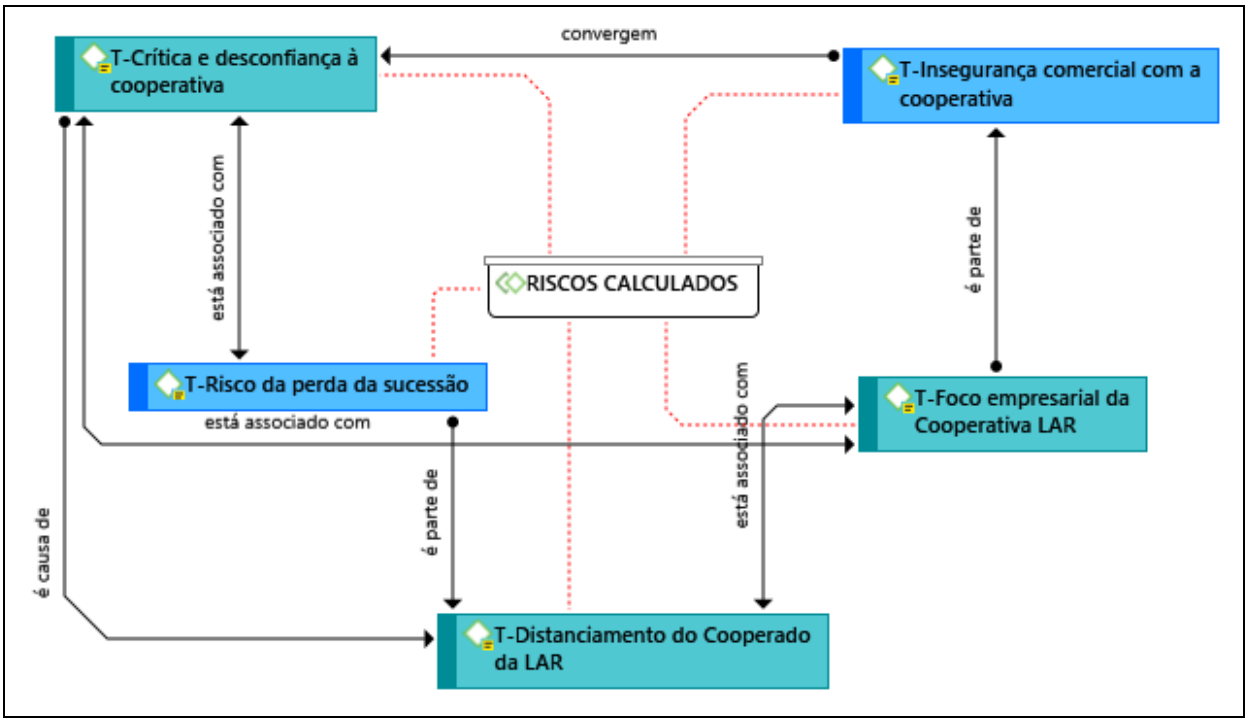


Fonte: Elaboração própria

Quando os trabalhos da cooperativa Lar são estendidos a todos os integrantes da família, ou quando são elaborados eventos técnicos e institucionais que oportunizam a participação de todos os membros da família, aumenta-se a confiabilidade e contribui-se para melhorar a identidade do produtor na atividade rural e senso de pertença à instituição cooperativa. Isso de sobremaneira influencia o produtor a fazer planos a longo prazo na sua atividade, considerando, inclusive, o fator da sucessão.

Ainda como sendo um fator singular às cooperativas, está o Programa de Autogestão estabelecido pela OCB no ano de 1998, que consiste no processo pelo qual os próprios cooperados, líderes e dirigentes assumem a total responsabilidade pela gestão da cooperativa, sem a necessidade da interferência Estatal em seu funcionamento. Diferentemente das empresas capitalistas onde cada ação é um voto, dando margem à autonomia e interesse daqueles que mantém maior capital, interesses dos quais nem sempre são benéficos a todos, está o poder deliberativo das cooperativas que, de acordo com a Lei 5.764, define que cada sócio tem um voto – fato que deixa as pessoas em posições igualitárias. Os interesses individuais não se sobrepõem ao coletivo, garantindo, assim, que os pequenos produtores rurais possam fazer seus planos de produção de acordo com os interesses coletivos da sociedade cooperativa. As ações legais obrigatórias da cooperativa, desde que observadas com responsabilidade por seus gestores, já contribuem com a sucessão.

Figura 7 – Grupo de Códigos: “Riscos Calculados”



Fonte: Elaboração própria

Os riscos calculados, apresentados na Figura 7, dão a conotação de que, mais do que nunca, a cooperativa necessita trabalhar todos os aspectos que de alguma forma distancia o associado. As consequências não são apenas relativas as dificuldades que o pequeno produtor encontrará para que sua atividade tenha continuidade com a sucessão de algum membro familiar,mas também da dificuldade da própria cooperativa em formar novas lideranças cooperativistas que possam, no futuro, estar preparadas para conduzir a cooperativa. Portanto, a preocupação da cooperativa quanto à contribuição para a formação da identidade do jovem produtor e a sucessão é pensar também na garantia da sua própria existência no futuro.

Nas entrevistas com os produtores rurais da Cooperativa Lar, pode ser percebido que os mais informados e capacitados[1] pela cooperativa foram os que mais apresentaram motivação, orgulho, identificação e uma visão clara sobre o processo de sucessão.

5.1 IMPLICAÇÕES GERENCIAIS

A Cooperativa LAR conta atualmente com mais de 9 mil associados, distribuídos nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. O crescimento médio anual gira em torno de 20% em seu faturamento e o aumento no

[1] Independentemente do nível de escolaridade que, inclusive, foi indiferente neste aspecto.

quadro associativo médio de 3% nos últimos cinco anos[2] , demonstram que, cada vez mais, há a necessidade de a cooperativa melhorar seus produtos e serviços para o quadro associativo. Esse crescimento faz com que a cooperativa se capitalize mais e tenha ainda mais ações voltadas à melhoria dos projetos de diversificação agroindustrial que, além de contribuírem para o processo sucessório, consolidam a identidade do seu produtor.

Este trabalho de investigação científica analisou o quão importante é o conhecer a si mesmo e o que há de diferente no que se faz, produz, se vive e se relaciona. Oportunidade esta vivida por conta da realização das entrevistas à campo no meio de produção e de vida dos associados da cooperativa Lar.

Apenas as atividades leite, suínos e avicultura correspondem, juntas,a 31,6% do faturamento total da cooperativa, que em 2018 chegou a mais de 6 bilhões de reais. Sua principal fonte de rentabilidade se concentra na divisão de grãos que, no mesmo exercício, chegou ao patamar de 2.5 bilhões de reais. São alguns dados de relevância que demonstram o poder cooperativista da LAR como contribuinte para o desenvolvimento agropecuário da região oeste do Paraná.

Como já mencionado, ações pertinentes à formação e capacitação de futuras lideranças rurais e de gestores cooperativistas requerem planejamento estratégico com recursos provindos do quadro social, por intermédio de uma cooperativa econômica e socialmente viável. Há necessidade, porém, que os princípios universais do cooperativismo sejam verdadeiramente vivenciados, praticados e disseminados pelos que, de forma direta ou indireta, conduzem a Cooperativa LAR.

Não há um histórico que relate a dissolvência de uma cooperativa que tenha tido um quadro social participativo, responsável e comprometido com os interesses coletivos da sociedade. Mais do que a sobrevivência de alguma das propriedades visitadas, que foram objeto de estudo deste trabalho, ressalta-se que a continuidade ou viabilidade econômica de alguma dessas propriedades depende essencialmente da força conjunta formalizada por uma instituição cooperativa, que trate os produtores rurais de forma igualitária, equitativa e humana, valorizando e motivando assim, a identidade e individualidade de cada um de seus integrantes.

As atividades dos produtores rurais entrevistados, como as centenas de milhares espalhadas pelo território nacional, não precisam especificamente de

[2]De acordo com o relatório social divulgado na última Assembleia Geral Ordinária, em 2019.

herdeiros e sim de sucessores que se identifiquem com a atividade, com o cooperativismo e que produzam de forma sustentável e que continuem comprometidos com o fornecimento de alimentos, gerando empregos e responsáveis com a continuidade das cooperativas, em especial, neste caso, as agropecuárias. O senso de pertencimento de todos os entrevistados desta pesquisa à causa agrícola e a uma sociedade cooperativa, consolidou suas identidades e na grande maioria, isso passou de pai para filho, como pode ser visto nas análises das entrevistas. Há vantagens a todos os envolvidos: o meio rural, em manter inúmeras famílias com emprego, renda e qualidade de vida; a cooperativa, por conseguir garantir a formação de seus futuros gestores; os produtores, em poder desenvolver suas atividades e sustentar suas famílias com qualidade de vida; a sociedade como um todo, em poder ter a garantia de poder contar com a continuidade de fornecimento de alimentos produzidos em nosso território.

Há muito em uma cooperativa o que se pode mensurar, várias ações podem ser analisadas antes e depois de sua implantação. O valor de uma instituição cooperativa como contribuinte sob o aspecto econômico e social de uma pequena propriedade rural, conduzida por familiares proprietários é imensurável. Em uma das propriedades visitadas observou-se a motivação de uma criança de 11 anos que sonha em ser zootecnista. Pequenas tarefas a ela direcionada pela família, como ajuda na coleta de ovos, alimentação dos peixes de um açude e cuidados com seus animais de estimação, estimulam seu comprometimento familiar e a formação da identidade. Estas propriedades visitadas refletem a realidade de milhares de produtores do oeste paranaense e outras regiões brasileiras que conseguem por intermédio da força da união, garantir a produção de alimentos, moradia rural, rentabilidade e melhoria da qualidade de vida.

No pequeno município de São Roque, o Sr. Ricieri é outro exemplo de que, com planejamento, valores familiares, muito trabalho e participação cooperativista, é possível pode viver com qualidade de vida em pequenos espaços. Uma propriedade de menos de 4 hectares consegue entregar diariamente à cooperativa mais de 650 litros de leite e aproximadamente 11.500 ovos – renda suficiente para manter na propriedade 6 membros da família. São esses e tantos outros exemplos que poderiam ser citados que fazem do cooperativismo agropecuário o melhor instrumento de viabilidade e sustentabilidade da pequena propriedade rural.

A importância da diversificação dos produtores rurais associados, pode ser analisada pela participação dos produtos e serviços no faturamento da Cooperativa LAR (ANEXO 1) divulgado por intermédio do Balanço Social da entidade na última assembleia geral.

Este trabalho poderá ser base de estudos para OCEPAR como sendo um instrumento de contribuição de ações voltadas ao incentivo às cooperativas para o estabelecimento de Planejamentos que possam de alguma forma contribuir para o incremento, manutenção e incentivo à diversificação das pequenas propriedades rurais. Às Secretarias Municipais como base de informações que estabeleçam diretrizes de governanças locais capazes de contribuir de alguma forma para a continuidade e viabilidade dessas pequenas propriedades. Esta pesquisa científica pode ser também utilizada pelos órgãos de ensinos municipais, estaduais, universidades, cursos técnicos e profissionalizantes como incentivadora ao incremento das profissões voltadas ao agronegócio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um conjunto de interesses para que, efetivamente, a sucessão da pequena propriedade rural não seja comprometida, se consolide cada vez mais, que tenha sucessores responsáveis e comprometidos com a sociedade cooperativa, evolução sustentável da propriedade e que preserve os valores familiares e cooperativistas. O sucesso da continuidade da propriedade, principalmente as de pequeno porte que foram objeto desta pesquisa, depende de vários fatores que necessitam atuar de forma conjunta.

Não há construção da identidade, como pode ser visto, sem motivação (situações que façam o indivíduo vislumbrar melhorar sua qualidade de vida), sem que haja participação em sociedade (família, comunidade e na cooperativa – oportunidades que o faça conviver com outras pessoas, com pensamentos diferentes, mas que construam um sentimento de pertencimento) e sem que tenha aptidão e prazer pelo que se faz (muitas destas construções foram evoluindo ao passar dos anos com trabalho conjunto familiar e na propriedade).

Alguns dos relatos mais impressionantes dos entrevistados foi no sentido de que ao se identificarem e se sentirem pertencentes à família, à sua atividade e sociedade cooperativa, não substituiriam sua situação corrente por qualquer outra atividade ou para obterem maior ganho com outra profissão. Valores como família, dignidade, honestidade, identidade cooperativa, senso de pertença, perseverança, entre tantos outros, são imensuráveis e necessitam, mais do que passar adiante uma área de terras produtiva, serem preservados a qualquer custo, para o bem das futuras gerações.

Outro fator observado durante a permanência com as 20 famílias entrevistadas foi a busca constante, acima de tudo, pela melhoria na qualidade de vida. Além de questões econômicas, essa qualidade engloba ainda questões afetivas. Por exemplo, a oportunidade de terem seus familiares próximos uns dos outros por meio do trabalho, a possibilidade de possuírem renda conjunta (o que na grande maioria é apenas possível apenas com a participação em uma cooperativa), a perspectiva de novos membros familiares nascerem e crescerem no campo, preservando os laços da família e o próprio reconhecimento da sociedade por esta classe de trabalhadores. Afinal, não se resume qualidade de vida apenas em questões econômicas.

O papel que o cooperativismo agropecuário presta ao seu quadro associativo não é comum ser observado em outros grupos da sociedade. A Cooperativa Lar é vista, até mesmo pelos produtores de maior escala e que não dependem exclusivamente da cooperativa para sobreviverem, como uma entidade com um papel vital para a garantia de continuidade na atividade rural, seja ela de grande ou pequeno porte. A singularidade das questões econômicas e sociais desenvolvidas pelas cooperativas para seu quadro associativo e comunidade como um todo somente não é maior e melhor por contada falta de consciência cooperativista de alguns gestores e associados que para atender seus interesses, fazendo-o em detrimento de muitos.

Não somente no oeste paranaense, localidade escolhida para este estudo, mas em todas as regiões brasileiras, são observados pequenos municípios e comunidades sem falta de empregos, população movimentando a economia local e menores índices de problemas sociais. Não se trata apenas de uma boa governança local, mas também há por trás disso tudo uma organização cooperativa. O interesse na sucessão da propriedade rural não se restringe apenas aos limites do grupo familiar. O sucesso da continuidade da cooperativa, das comunidades regionais e de certa forma de toda a sociedade brasileira depende de que haja continuidade na produção de alimentos, empregabilidade à campo, geração de renda e preservação do meio ambiente.

O que foi relatado pelos entrevistados e detalhadamente exposto neste trabalho são ótimos subsídios para que haja, por parte da cooperativa e do seu próprio quadro associativo, ações que possam melhorar ainda mais o que tem contribuído para a sucessão da propriedade rural. Também pode auxiliar a buscar alternativas e mudanças naquilo que pode comprometer de alguma forma todo o processo da continuidade produtiva rural e da cooperativa.

Por fim, destaca-se o aprendizado dos jovens produtores com os pioneiros da Cooperativa Lar, que trouxeram em suas bagagens dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a união e comprometimento familiar, a religiosidade, o respeito à individualidade, perseverança e o cooperativismo. Esses valores foram fundamentais para a construção da identidade e formação dos novos líderes cooperativistas e gestores do meio produtivo rural.

O oeste paranaense, mais precisamente na área de ação da Cooperativa LAR, que foi o local escolhido para este estudo, conta com uma população quase

que na totalidade de origem europeia (alemães e Italianos). As 20 famílias que foram escolhidas para as entrevistas muito contribuíram para as conclusões deste trabalho que poderá ser objeto de estudo para elaboração de ações voltadas à sucessão da agricultura das pequenas propriedades rurais, bem como a novas investigações científicas.

Estudar algumas famílias de produtores rurais da Cooperativa Lar não somente contribui para esta instituição, como também para todas aquelas que procuram em seus planejamentos, estabelecer ações voltadas à preocupação com a sucessão das famílias de seus produtores associados e com suas próprias condições de continuidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. (Coord.). **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília, DF: Unesco, 1998.

Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ADEP).**Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais,** 2008. Disponível em:http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/issue/view/36/showToc. Acessado em: 12 dez. 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA. 2011.

BAUER, M, W; AARTS, B.; **A construção do Corpus. O Princípio para coleta de dados qualitativos.** Editora Vozes. 2002

BAUER, M.A.L.; MESQUITA, Z. **As Concepções de Identidade e as Relações entre Indivíduos e Organizações**: um Olhar sobre a Realidade da Agricultura Ecológica. ANPAD. 2007

BIALOSKORSKINETO, S. **Aspectos Econômicos das Cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

_____, S. **Economia e gestão de organizações cooperativas**. 2. ed. São Paulo: Atlas. 2012

BOESCHE, L.**Fidelidade cooperativa**: uma abordagem prática. Curitiba, Ocepar, Sescoop-PR. 2005

BOESSIO, A.T.; DOULA, S.M. **Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário. Perspectivas de Famílias Cooperadas em um Estudo de Caso no Triângulo Mineiro.** Editora Unijuí. N.40. Jul/Set. 2017.

BOESSIO, A.T.; **Jovens Rurais e Processo de Sucessão: Em análise uma Cooperativa do Triângulo Mineiro.** Viçosa. 2015.

BRASIL. **Lei n.º 5764**, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional deCooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil. Acessado em: 12 fev. 2019.

BRESSAN, F. **O método do estudo de caso**. *Revista Administração on line* [On Line]. FECAP. Volume 1, número1, jan/fev/mar. 2000

CAPALBO, C. **Fenomenologia e ciências humanas**. São Paulo, SP. Ideias & Letras, 2008.

DREBES, L.M.; SPANEVELLO, R.M.; **Cooperativas Agropecuárias e o desafio da sucessão na agricultura familiar.** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). 2017.

FACCIN, O.P.; SCHMIDT, C.E.F.; **Sucessão nas Propriedades Rurais Familiares Integrantes de uma Cooperativa Agropecuária.** EMATER. Porto Alegre. 2013

FRANCO, A. de. **Terceiro setor**. Brasília: AED. 2003.

FREITAS, A.F.; FREITAS, A.F.; SAMPAIO, D.O.; MÁXIMO, M.S.; **Organização doQuadro Social (OQS): Uma Inovação Institucional na Gestão Social de Cooperativas.** APGS, Viçosa, v.2, n.1, pp. 45-66, jan./mar. 2010.

GOIAS COOPERATIVO.**Cooperativismo no Mundo.** 2018. Disponível em:http://www.goiascooperativo.coop.br.Acessado em: 28 mar. 2019.

LAR COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL. **Institucional.** 2018. Disponível em: http://www.lar.ind.br/v4/institucional/index.php#l_historia.Acessadoem: 20 mar. 2019.

LOBLEY, M.; **Conference Paper Succession in the Family Farm Business.** Journal of Farm Management. 2010. v. 13 n. 12.

MACIEL, C. O.; WEYMER, A.S.Q.; AUGUSTO, P.O.M. **Identificando os Condicionantes Socialmente Construídos (Enacted) das Práticas Estratégicas em Ambientes Altamente Institucionalizados.** ANPAD. 2012.

MARSCHALL, C.R.; **Motivações para o Cooperativismo na pequena propriedade**. O&S – Salvador, v.16 – n.49, p.287-306 – Abril/Junho. 2009.

MATTE, A.; MACHADO, J.A.; **Tomada de Decisão na Agricultura Familiar no Sul do Brasil.** 2016. v. 18. n. 37.

MAXWELL, J. A.; **Qualitative Research Design: aninteractive approach.** Applied social reserarch meth series; n. 41. 2ª ed. 2005.

MEMLAK, A.F. DEWES, F.; **Cooperativismo e Juventude: as perspectivas de participação dos jovens das famílias associadas à cooperativa extremo norte.** Gestão de Cooperativas: Produção Acadêmica da ASCAR. Porto Alegre. 2013.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **População envelhece e Jovens são minoria no campo.** 2018. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/noticias/populacao-rural-envelhece-e-jovens-sao-minoria-no-campo

MOREIRA, V. R.; CECATO, A. J.; BORGES, C. R.; WEYMER, **O Reflexo da Sucessão Familiar da Zona Rural nas Relações Cooperativistas: O Caso de uma Cooperativa Agroindustrial.** IGEPEC, Toledo, v. 22, n.1, p. 09-23, jan./jun. 2018**.**

OCB - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **História Do Cooperativismo.** 2018. Disponível em: https://www.ocb.org.br/historia-do-cooperativismo. Acesso em: 30 mar. 2019.

OCEPAR. **Relatório de Atividades e Prestação de Contas**. Sistema OCEPAR. 2017.

OCEPAR. **Revista Paraná Cooperativo**. Curitiba: OCEPAR. 2018. Bimestral. Ano 13. Ed, 155. 2018.

PERIUS, V. F. **Cooperativismo e Lei**. Editora Unisinos. São Leopoldo, RS. 2001.

PELLIN, N. P. **Identidade organizacional sob a perspectiva dos elementos constitutivos dos vínculos organizacionais**: estudo de caso em uma cooperativa de trabalho médico. Dissertação (mestrado). Orientador, Alex Sandro Quadros Weymer; coorientador, Leila Andressa Dissenha. PUC-PR. Curitiba. 2017.

PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

ROSSÉS, G.F. **Fidelidade em cooperativa agropecuária: Um estudo de caso.** Colégio Politécnico da UFSM. Santa Maria-RS. V.2, n.4. 2015.

RUBIO, M. R. **El rol de las Cooperativas em un** mundo globalizado. Universidad de Chile. Unicoop Américas. 2007.

SCHNEIDER, J. O. **Democracia, participação e autonomia cooperativa.** São Leopoldo. Unisinos. 1999.

_____.**Educação cooperativa e suas práticas**. Brasília: SESCOOP. 2003.

SCHULTZ, G.; Revista Campo e Lavoura. **Sucessão na Agricultura Familiar é desafio para o Agronegócio**. PGDR/UFRGS. Edição Abril. 2018.

SETTI, E. O.;**Cooperativismo Paranaense: Ocepar 35 anos, mais de um século de história**. Curitiba: Ocepar, 2006

SILVA, C.L.M.; NOGUEIRA, E.E.S.; **Identidade Organizacional. Um Caso de manutenção: outro de mudança.** Ver. Adm. Cotemp. Vol.5 no SPE. Curitiba. 2001.

WEYMER, A. S. Q. **A Influência da aprendizagem em redes interorganizacionais na criação da competência de inovação para internacionalização**. Tese (Doutorado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração. Orientador, Belmiro Valverde Jobim Castro; coorientador, Heitor Takashi Kato.PUC PR. Curitiba. 2013.

WEYMER, A.LS.Q. et al. **O reflexo da sucessão familiar da zona rural nas relações cooperativistas:** o caso de uma cooperativa agroindustrial. IGEPEC. Toledo. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – QUESTÕES DA ENTREVISTA

1ª. PARTE		
LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO		
Unidade Atendimento.:	Nome (opcional):	
Idade:	Moradia: ( ) Urbana ( ) Rural	Tamanho (ha):
Nível de Escolaridade		
( ) Analfabeto ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior completo ( ) Pós-graduado		
Atividade, renda e empregabilidade		
( ) Própria ( ) Arrendada ( ) Parceria ( ) Mão de Obra exclusiva familiar ( ) Mão de obra mista ( ) Mão de obra exclusiva de terceiros		
Quantidade de pessoas empregadas:		
Quantidade famílias na propriedade:		
Atividade(s) principal(is):		
Atividade(s) há 5 anos:		
Comercialização da produção há 5 anos:		
( ) Totalmente com a LAR ( ) Parcialmente com a LAR ( ) Totalmente com terceiros		
Comercialização da produção atual:		
( ) Totalmente com a LAR ( ) Parcialmente com a LAR ( ) Totalmente com terceiros		
Assessoria Técnica		
( ) LAR frequentemente ( ) LAR eventualmente ( ) Terceiros frequentemente ( ) Terceiros eventualmente ( ) Familiar ( ) Não há assessoria técnica		
Financiamento da Produção Rural na atualidade		

( ) Bancos ( ) Cooperativa de Crédito ( ) Banco e Cooperativa de Crédito ( ) Cooperativa LAR ( ) Banco, Cooperativa de Crédito e LAR ( ) Outros
2ª. PARTE
ROTEIRO DA ENTREVISTA
1) Por que você participa como cooperado na LAR?
2) Você participa dos eventos ofertados pela LAR? 1.1. Se sim, descreva quais eventos mais participa e faça uma avaliação dos mesmos. 1.2. Se não, descreva por que, ou seja, qual motivo faz você não participar dos eventos.
3) Algum membro da sua família participa dos eventos ofertados pela LAR? Se sim, descreva quais eventos ele(s) mais participa(m) e como avaliam os mesmos. Se não, descreva o por que eles não participam dos eventos promovidos pela LAR
4) Você e seus familiares se identificam com os valores preconizados pela Cooperativa LAR? Comente.
5) Os integrantes da sua família participam da atividade rural na sua propriedade? Quantos familiares participam? Acha isso importante?
6) Você já tem ou pensa em ter um projeto de sucessão familiar para continuidade da atividade rural? Se sim, qual o seu plano? Explicite e detalhe o máximo que puder.
7) Na sua opinião, a Cooperativa LAR pode ajudar você nesse processo de sucessão familiar? Em caso de resposta afirmativa, explicitar como. No caso de resposta negativa, explicitar por que.
8) A renda obtida da sua atividade rural depende da sua participação como cooperado da LAR? Se não, você tem algum plano para tornar-se mais independente?
9) Os produtos e serviços da Cooperativa LAR atendem suas necessidades à campo? (Assistência técnica, insumos agropecuários, armazenamento, comercialização)? Se a reposta for afirmativa, em que item esse atendimento mais se destaca e por que? Se a resposta for negativa, qual item desse atendimento é pior e por que?
10) Qual a sua opinião sobre a diversificação de atividades na pequena propriedade?
11) Você participa no dia a dia da Cooperativa? Tanto no caso de resposta afirmativa ou negativa, perguntar: Por que?
12) Qual a sua opinião qual a relação entre a cooperativa LAR e a sobrevivência da atividade produtiva do pequeno proprietário? Tanto no caso de resposta afirmativa ou negativa, perguntar: Por que?

13) Nos últimos cinco anos, na sua opinião, qual foi a participação da Cooperativa LAR na viabilidade econômica da sua propriedade?
14) Na sua opinião, o que pode assegurar a longevidade do seu negócio e o que deve fazer para alcançar esse intento?
15) A Cooperativa pode ajudar você para assegurar essa longevidade?
16) Você se sente realizado e motivado atuando como produtor rural? E seus futuros sucessores?
17) Você espera ter melhores condições de renda e qualidade de vida no campo? Se afirmativo, o que pretende fazer para alcançar esse objetivo?
18) Como você vê a sua propriedade quando você não estiver no comando?
19) Você, se tivesse oportunidade, teria outra atividade de sustento da sua família?
20) Como você gostaria que seu sucessor administrasse a propriedade?

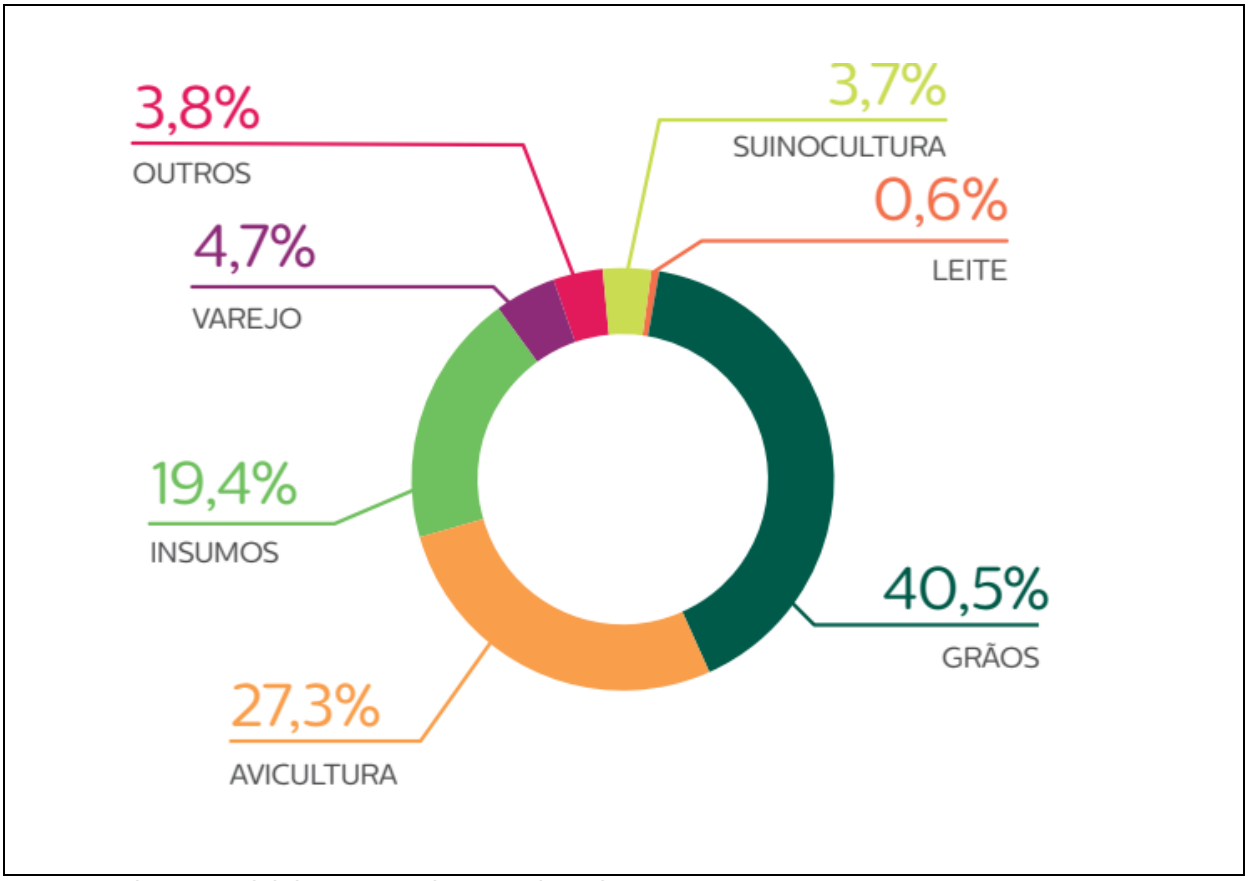
APÊNDICE B – DADOS DEMOGRÁFICOS DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado	Idade	Cidade	Escolaridade	Moradia Rural	Total da área em hectares	Mão de obra exclusiva familiar	Pessoas empregadas	Atividade principal	Movimentação exclusiva coma Lar a 5	Movimentação com a Lar na	Assessoria Técnica Lar	Financiamentos
E.1	40	Céu Azul	Médio	sim	12	Sim	4	Frango	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.2	28	Medianeira	Superior	sim	10	Sim	5	Suínos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.3	26	Sta Helena	Pós graduado	sim	10	Sim	4	Grãos, leite e suínos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.4	37	Sta Helena	Médio	sim	72	Sim	3	Frango e grãos	Sim	Sim	Sim	Bco/Coop.
E.5	26	Medianeira	Superior	sim	32	Sim	3	Frango e grãos	Sim	Sim	Não	Bco/Coop.
E.6	58	Matelândia	Médio	sim	41	Sim	5	Grãos, leite e ovos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.7	52	Matelândia	Fundamental	sim	48	Sim	6	Grãos, leite e suínos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.8	39	Céu Azul	Superior	sim	100	Sim	5	Frango, gado de corte e grãos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.9	36	S. M. Iguaçú	Pós graduado	não	130	Não	2	Frango e grãos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.10	35	Diamante do Oeste	Superior	sim	36	Sim	7	Grãos e leite	Não	Não	Não	Bco/Coop.
E.11	36	Diamante do Oeste	Fundamental	sim	38	Sim	7	Frango, grãos e suínos	Não	Não	Sim	Coop. Cred
E.12	49	Itaipulândia	Médio	sim	13	Sim	3	Grãos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.13	37	Serranópolis	Superior	sim	22	Sim	4	Grãos e ovos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.14	55	S. M. Iguaçú	Médio	sim	97	Sim	10	Suínos, grãos e gado de corte	não	Não	Não	Bco/Coop.
E.15	34	Ramilândia	Médio	sim	24	Sim	6	Frango e grãos	Sim	Sim	Sim	Bco/Coop.
E.16	55	Ramilândia	Médio	sim	36	Sim	2	Grãos e leite	Não	Não	Sim	Bco/Coop.
E.17	46	Missal	Médio	sim	30	Sim	4	Grãos, leite e suínos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.18	65	Missal	Fundamental	sim	82	Sim	6	Frango e grãos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.19	46	S. T. Itaipu	Médio	sim	23	Sim	4	Leite e suínos	Sim	Sim	Sim	Coop. Cred
E.20	33	Itaipulândia	médio	sim	98	Sim	3	Grãos	Sim	Sim	Sim	Bco/Coop.

APÊNDICE C – LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DAS FIGURAS COM OS DADOS OBTIDOS PELA UTILIZAÇÃO DO SOFTWARE ATLAS ti.

“T”	Codificação Constitutiva. Criadaem conformidade com embasamentos teóricos do trabalho.
	Destaque para as Codificações com aspectos/valores ligados à Cooperativa LAR.
	Destaque para as Codificações com aspectos meramente econômicos.
	Destaque para as Codificações com aspectos/valores ligados à família.
	Símbolo de “Codificação”.
	Símbolo de “Grupo de Códigos” (Agrupamento)

ANEXO 1 – PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTOS E SERVIÇOS NO FATURAMENTO



Fonte: Balanço Social da Cooperativa LAR (2018).